



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras


Raquel Freitas de Lima

**O par *post*/comentário em rede social: um estudo a partir da noção
de gêneros textuais**

Rio de Janeiro
2015

Raquel Freitas de Lima

O par *post*/comentário em rede social: um estudo a partir da noção de gêneros textuais



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cristina de Souza Vergnano Junger

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

L732 Lima, Raquel Freitas de.
O par post/comentário em rede social: um estudo a partir da
noção de gêneros textuais / Raquel Freitas de Lima. – 2015.
183 f.: il.

Orientadora: Cristina de Souza Vergnano Junger.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Sociolinguística – Teses. 2. Redes sociais on-line –
Teses. 3. Gêneros literários – Teses. 4. Análise do discurso –
Teses. 5. Facebook (Rede social on-line) - Teses. 6. LinkedIn
(Recursos eletrônicos) - Teses. 7. WhatsApp (Recursos
eletrônicos) – Teses. I. Junger, Cristina de Souza Vergnano. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras.
III. Título.

CDU 800.86

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Raquel Freitas de Lima

O par *post*/comentário em rede social: um estudo a partir da noção de gêneros textuais

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 30 de março de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Cristina de Souza Vergnano Junger (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Janaina Cardoso
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dra. Viviane Conceição Antunes Lima
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas duas famílias, a brasileira e a americana, pelos imensuráveis apoio, incentivo e tudo o mais de maravilhoso que as palavras não alcançam nomear.

I dedicate this thesis to my two families, Brazilian and American, for their immeasurable support, encouragement and their all more than wonderful words that cannot be named.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por toda força que a fé nele me inspirou, sem essa certeza diária de que há algo em nós que vai além da nossa mera humanidade, não concluiríamos muitos de nossos planos e projetos.

Minha gratidão desmedida vai também aos anjos aqui da Terra, que se revestem das mais diversas roupagens para nos ajudar com o simples ou o complexo de acordo com o que necessitamos no momento. Falo de pessoas como meu esposo Samuel T. Henderson que carinhosamente sempre esteve presente com seu notável incentivo e paciência. Também por entender o meu stop com o estudo do inglês durante todo o período do mestrado. Além é claro, de todos os cafés que me preparou e por ter suportado a luz da lanterna acesa em cima de um livro, nas altas madrugadas insones. Jamais poderei retribuir tamanho amor e parceria.

Falo também da minha mãe, Neli Freitas de Lima, cujas orações sempre me alcançam e cujo carinho não falta nunca: foram palavras de apoio, olhares de apoio, almoços de apoio e um poder inesgotável de simplificar as coisas e reduzir medos. Amor de pai e de mãe, maior não há. Cito também e agradeço ao meu irmão Rodrigo Freitas de Lima pela preocupação carinhosa de cada dia e pelas conversas sem nenhum cunho acadêmico, junto com as risadas que tanto nos fazem ver um no outro.

Agradeço imensamente ao meu padasto José Ednaldo, pelo apoio desmedido também, além de agradecer aos meus sogros Randelyn Henderson e Peter Henderson por demonstrarem tanta sensibilidade, serenidade e pelas belas palavras de coragem, que mesmo geograficamente distantes, sempre me alcançaram e geraram paz para seguir forte no caminho desta dissertação.

Agradeço às minhas amigas de escola, de trabalho e de vida pelo carinho e apoio, em especial: Cláudia, Grace, Luciana, Lucimar, Ligia, Mariana, Maria Cecilia, Márcia, Patrícia, Yara, Renata, Vanessa e Vera. Assim como agradeço aos meus colegas de grupo de pesquisa pelas ricas reflexões e ideias, especialmente Rodrigo L. e Nívea D. Termino agradecendo à orientadora, Cristina Vergnano Junger, pelas reflexões extremamente valiosas, sem ela este trabalho não seria possível, nem prazeroso.

RESUMO

LIMA, Raquel Freitas de. *O par post/comentário em rede social: um estudo a partir da noção de gêneros textuais*. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Nos dias de hoje, podemos constatar o crescimento das formas de linguagem mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação. É em torno dessa constatação e nesse contexto que esta dissertação se insere. Seu tema é a caracterização do par *post/comentário* à luz da noção de gêneros textuais. Nosso objetivo é refletir sobre o referido, a fim de responder os seguintes questionamentos: (a) se *post* e comentário são dois gêneros textuais ou partes de um mesmo fenômeno de comunicação/gênero; (b) se são gêneros, como caracterizá-los e diferenciá-los; (c) não sendo o *post* um novo gênero textual, que especificidades podem caracterizá-lo como ferramenta e quais os aspectos que o vinculam ao gênero comentário. A fim de respondê-los, nossa opção metodológica foi por um estudo documental de cunho qualitativo. Este consistiu na coleta de publicações feitas no perfil da pesquisadora na rede social Facebook por diferentes sujeitos, no período pré e pós eleições brasileiras de 2014, especificamente no mês de outubro. Os *posts* e comentários selecionados referem-se exclusivamente à temática das eleições presidenciais. Entendemos que as redes sociais têm sido grandes incentivadoras à produção escrita e, conseqüentemente, promotoras de atividades de compreensão leitora. E, no que concerne em particular ao tema escolhido, acolheram e fomentaram intensos debates. As reflexões sobre leitura, portanto, perpassam este trabalho porque, ao pensarmos no nascimento e uso de um gênero, pensamos, também, em sua recepção, logo, nos processos leitores envolvidos. Para analisar os dados, utilizamos a proposta de Donato (2014), discutindo os quatro pilares constituintes do gênero – função comunicativa, forma, conteúdo e suporte, e também pensando em três níveis: o da produção, recepção e contextualização. Como base teórico-metodológica seguimos a perspectiva da sociocognição, calcada especialmente nos estudos de Marcuschi (2005, 2008, 2010), Koch (1996, 2003) e Koch e Elias (2008, 2013), assim como fundamentos de Bakhtin (1997) sobre o caráter sócio-histórico dos gêneros. A título de conclusão, segundo nossas análises, salientamos a interdependência dos elementos do par estudado. No entanto, defendemos a delimitação do *post* enquanto gênero textual eminentemente digital e não apenas uma ferramenta ou parte do gênero comentário.

Palavras-chave: Sociocognitivismo. Gênero textual. Redes Sociais.

Post/Comentário.

ABSTRACT

LIMA, Raquel Freitas de. The pair of post/comment of social networks: a study of notion genres. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Today we can see the growth of language forms mediated by information and communication technologies. It is through these findings and in this context that this dissertation is introduced. Its theme is characterized by the pair post/ comments within the light of concept text genres. Our objective is to reflect on the mentioned material above in order to answer the following questions: (a) is post and comment two genres or parts of the same phenomenon of communication / genre; (b) if these are genre, how do we then characterize them and differentiate between them; (c) if this post is not a new genre, how can we specifically characterize it as a tool and which aspects of the post tie it to the genre comment. In order to answer these questions, our methodological option was a documented study of qualitative nature. This consisted with the collection of publications from the researcher's social network profile within Facebook during the period of the Brazilian elections in 2014, specifically from the month of October. The posts and selected comments refer exclusively to the topic of presidential elections. We understand that social networks have been a great incentive towards writing production and therefore promote reading comprehension activities. With regard to the particular chosen theme, we welcomed and encouraged intense debate. When reflecting on literature, we prepare this work for the birth of a new text genre and also how it is received so the reader is involved in the process. To analyze the data, we use the proposed Donato (2014), discussing the four constituent pillars of genre - communicative function, form, content and support. We also considered three levels: production, reception and context. The theoretical and methodological basis we followed the perspective of sociocognitive, based especially on studies from Marcuschi (2005, 2008, 2010), Koch (1996, 2003) and Koch and Elias (2008, 2013), as well as the foundations of Bakhtin (1997) on the socio-historical character of genres. By way of conclusion, according to our analysis, we stressed the interdependence of the pair of elements studied. However, we defend the limitation of the post as an eminently digital text genre and not just as a tool or part of a genre comment.

Keywords: Sociocognitivism. Text Genres. Social Network. Post/Comments.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Popularidade das redes sociais no Brasil.....	44
Figura 2 –	<i>Post</i> automático gerado por jogo interno do Facebook.....	46
Figura 3 –	<i>Post</i> compartilhado.....	47
Figura 4 –	Exemplo de <i>chat</i> do Facebook.....	48
Figura 5 –	Exemplo de página no Facebook.....	48
Figura 6 –	Exemplo de página de evento.....	49
Figura 7 –	Exemplo de <i>post</i> após edição de imagens e substituição de nomes por códigos.....	73
Figura 8 –	Exemplo de estrutura do <i>post</i> no Facebook.....	78
Figura 9 –	Exemplo de função do primeiro <i>link</i> na parte inferior do <i>post</i>	79
Figura 10 –	Exemplo de função do segundo <i>link</i> na parte inferior do <i>post</i>	79
Figura 11 –	Exemplo de função do terceiro <i>link</i> na parte inferior do <i>post</i>	79
Figura 12 –	Exemplo de função do quarto <i>link</i> na parte inferior do <i>post</i>	80
Figura 13 –	Exemplo de função do quinto <i>link</i> na parte inferior do <i>post</i>	80
Figura 14 –	Exemplo de ações possíveis ante um <i>post</i>	81
Figura 15 –	Exemplo do par <i>post/comentário</i> (P09).....	82
Figura 16 –	Exemplo de interligação entre <i>post</i> e <i>comentário</i> (P01).....	83
Figura 17 –	Exemplo de alteração de temática entre <i>post/comentário</i> (P13, parte 1).....	85
Figura 18 –	Exemplo 2 de alteração de temática entre <i>post/comentário</i> (P13, parte 2).....	87
Figura 19 –	Exemplo 3 de alteração de temática entre <i>post/comentário</i> (P13, parte 3).....	88
Figura 20 –	Exemplo de alteração de temática entre <i>post/comentário</i> :	

gradação (P13, parte 4).....	89
Figura 21 – Exemplo de Produção de <i>Post</i> de autoria própria (P14).....	107
Figura 22 – Exemplo de post de reprodução (P18).....	109
Figura 23 – Exemplo de produção de post misto (P43).....	110
Figura 24 – Post misto com conteúdo de notícia (P32).....	115
Figura 25 – Exemplo de apropriação feita pelo posts de outros gêneros (P16)	116
Figura 26 – Primeiro par <i>post/comentário</i> para análise profunda nível da recepção (P07).....	125
Figura 27 – Segundo par <i>post/comentário</i> para análise profunda nível da recepção.....	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Comparação entre a análise do discurso de linha francesa e a linguística textual segundo Possenti (2010).....	21
Quadro 2 –	Estruturação dos <i>posts</i> e quantitativo de comentários que os acompanham.....	71
Quadro 3 –	Contextualização de sujeitos.....	96
Quadro 4 –	Classificação geral de <i>posts</i>	104
Quadro 5 –	Mapeamento de conteúdos dos <i>posts</i>	113
Quadro 6 –	Caracterização dos comentários.....	119

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Interrelação entre pilares e níveis.....	75
Gráfico 2 –	Profissão dos sujeitos envolvidos.....	99
Gráfico 3 –	Faixa etária dos sujeitos envolvidos.....	100
Gráfico 4 –	Sexo dos sujeitos.....	100

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
1	SOBRE AS NOÇÕES DE GÊNEROS TEXTUAIS E SUPORTE.....	17
1.1	Conceitos de gênero.....	17
1.1.1	<u>Gêneros textuais e gêneros discursivos: conflitos?.....</u>	19
1.1.1.1	Noções de texto.....	19
1.1.1.2	Noções de discurso.....	20
1.1.1.3	Noções de gêneros: textuais ou discursivos?.....	22
1.1.1.4	Noções de gêneros digitais.....	24
1.2	Gênero textual e a visão sócio-cognitiva.....	26
1.3	Relação gênero/ suporte.....	28
2	SOBRE A PRÁTICA SOCIAL EM AMBIENTE DIGITAL: AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....	36
2.1	Sobre as redes sociais virtuais.....	38
2.1.1	<u>História das redes sociais.....</u>	38
2.1.2	<u>Algumas redes sociais hoje.....</u>	42
2.1.2.1	<i>Facebook.....</i>	44
2.1.2.2	<i>WhatsApp.....</i>	50
2.1.2.3	<i>LinkedIn.....</i>	50
2.2	Relação entre redes sociais e suporte.....	51
3	PROCESSO LEITOR.....	53
3.1	Leitura e bipartição dos modelos teóricos.....	54
3.2	A perspectiva sociointeracional de leitura.....	57
3.3	A compreensão leitora: processos.....	59

3.3.1	<u>Estratégias de leitura</u>	59
3.3.2	<u>Conhecimentos demandados pelo leitor</u>	61
3.4	Leitura em ambiente virtual: hipertexto e multimodalidade	63
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	66
4.1	Problematização do tema e caracterização da pesquisa	66
4.2	Delimitação e organização dos dados	69
4.3	Crítérios de Análise	74
5	APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	78
5.1	Um pouco sobre o par <i>post/comentário</i>	78
5.2	O que os dados nos mostram em detalhes sobre o par <i>post/comentário</i>	83
5.3	Análise dos pares <i>post/comentário</i> segundo pilares e níveis	90
5.3.1	<u>Suporte</u>	91
5.3.2	<u>Nível da contextualização</u>	94
5.3.3	<u>Nível da produção</u>	102
5.3.4	<u>Nível da recepção</u>	117
	CONCLUSÃO	131
	REFERÊNCIAS	137
	ANEXO A – Post 1 (P01)	143
	ANEXO B – Post 2 (P02)	143
	ANEXO C – Post 3 (P03)	144
	ANEXO D – Post 4 (P04)	145
	ANEXO E – Post 5 (P05)	146
	ANEXO F – Post 6 (P06)	147
	ANEXO G – Post 7 (P07)	148

ANEXO H – Post 8 (P08).....	149
ANEXO I – Post 9 (P09).....	149
ANEXO J – Post 10 (P10).....	150
ANEXO K – Post 11 (P11).....	150
ANEXO L – Post 12 (P12).....	151
ANEXO M – Post 13 (P13), parte 1.....	151
ANEXO N – Post 13 (P13), parte 2.....	152
ANEXO O – Post 13 (P13), parte 3.....	153
ANEXO P – Post 13 (P13), parte 4.....	154
ANEXO Q – Post 14 (P14).....	155
ANEXO R – Post 15 (P15).....	156
ANEXO S – Post 16 (P16).....	157
ANEXO T – Post 17 (P17).....	158
ANEXO U – Post 18 (P18).....	159
ANEXO V – Post 19 (P19).....	160
ANEXO W – Post 20 (P20).....	161
ANEXO X – Post 21 (P21).....	162
ANEXO Y – Post 22 (P22).....	163
ANEXO Z – Post 23 (P23).....	164
ANEXO AA – Post 24 (P24).....	165
ANEXO BB – Post 25 (P25).....	166
ANEXO CC – Post 26 (P26).....	167
ANEXO DD – Post 27 (P27).....	168
ANEXO EE – Post 28 (P28).....	169

ANEXO FF – Post 29 (P29).....	170
ANEXO GG – Post 30 (P30).....	171
ANEXO HH – Post 31 (P31).....	172
ANEXO II – Post 32 (P32).....	173
ANEXO JJ – Post 33 (P33).....	174
ANEXO KK – Post 34 (P34).....	174
ANEXO LL – Post 35 (P35).....	175
ANEXO MM – Post 36 (P36).....	176
ANEXO NN – Post 37 (P37).....	177
ANEXO OO – Post 38 (P38).....	178
ANEXO PP – Post 39 (P39).....	179
ANEXO QQ – Post 40 (P40).....	180
ANEXO RR – Post 41 (P41).....	181
ANEXO SS – Post 42 (P42).....	182
ANEXO TT – Post 43 (P43).....	183

INTRODUÇÃO

No contexto atual em que vivemos, constatamos o crescimento das formas de linguagem mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Tal avanço é consequência de um novo paradigma tecnológico que começou a ser delineado nos anos 1960 (CASTELLS, 2005) e que rapidamente foi difundido pelo mundo, ainda que de forma pouco igualitária. O avanço informático, do qual participamos no Brasil desde a década de 1990, tem ressignificado nossos modos de interagir no mundo. Isso devido à rápida divulgação de novas formas de contato entre as pessoas, desde a instituição do *e-mail* e das conversas instantâneas até a criação e crescente democratização dos contatos interpessoais por meio de redes sociais virtuais (RECUERO, 2009).

O cada vez maior uso de tais redes tem sido um grande incentivador à produção escrita, logo, tem promovido atividades de compreensão leitora. Isso porque praticamente tudo o que se faz neste ambiente é pela mediação da palavra escrita e, conseqüentemente, pela leitura. Dessa forma, entendemos que o desenvolvimento da informática e a divulgação em larga escala dos meios de comunicação virtual têm refletido em nossos modos de produção e percepção de textos. Isso porque novas necessidades têm sido criadas por nós, assim como novas formas de atendimento a essas necessidades. É nesse viés que pensamos os gêneros textuais, já que estes estão em constante dinamismo e reinvenção a fim de darem conta das nossas necessidades comunicativas.

Considerando tais questões, é que propomos nesta investigação a reflexão sobre o par *post/comentário* na rede social *Facebook*. Uma de nossas motivações partiu de um estudo inicial. A revisão bibliográfica mostrou-nos que, dentro do escopo desta pesquisa, não havia estudos substanciais quanto ao tema. Assim, nosso objetivo é refletir sobre o par e propor sua caracterização à luz da noção de gêneros textuais. A hipótese inicial com a qual trabalhamos é que este par guarda uma interligação e que, por isso, precisa ser estudado em conjunto. Outra hipótese é que, apesar desta interligação, cada elemento do par possivelmente constitui um gênero textual próprio do ambiente digital. Para levar a cabo nosso objetivo de caracterizar o par estudado à luz da noção de gêneros textuais, metodologicamente, optamos por um estudo documental de cunho qualitativo. Tal estudo consistiu na

coleta de publicações feitas por diferentes sujeitos a partir de nosso perfil na rede social *Facebook*. O período de coletas abarcou o pré e pós eleições brasileiras de 2014, especificamente no mês de outubro. Os *posts* e comentários selecionados referem-se exclusivamente à temática das eleições presidenciais, pois o assunto motivou uma produção comunicativa intensa na rede no período eleitoral escolhido.

Como base teórico-metodológica, seguimos a perspectiva da sociocognição, calcada especialmente nos estudos de Marcuschi (2005; 2008; 2010), Koch (1996; 2003) e Koch e Elias (2008; 2013), assim como nos baseamos nos fundamentos de Bakhtin (1997) sobre o caráter sócio-histórico dos gêneros. Perpassam também este trabalho as questões de compreensão leitora, devido à questão analítica abarcar um nível que trata da recepção dos gêneros. Para tanto, contamos com o aporte teórico sobre texto, hipertexto e compreensão leitora provindos dos estudos de Kleiman (2012; 2013), Koch (2011), Coscareli (2012) e Vergnano-Junger (2009; 2010), respectivamente. Na análise dos dados, recorreremos, principalmente, à proposta de Donato (2014). Em consonância com tal proposta, discutimos os quatro pilares constituintes do gênero – função comunicativa, forma, conteúdo e suporte, de acordo com três níveis: o da produção, recepção e contextualização.

Quanto à ordenação da pesquisa, a dissertação está organizada em cinco capítulos. Abrimos os trabalhos no **Capítulo 1** com as questões que norteiam a problemática dos gêneros textuais e de seu suporte de divulgação e armazenamento. No **Capítulo 2** refletimos sobre a prática social em ambiente digital, no qual discutimos sobre o objeto rede social, seu histórico e sua função enquanto suporte de textos. No **Capítulo 3**, voltamo-nos para o processo leitor, discutindo questões teóricas sobre modelos de leitura e estratégias, abrangendo, também, a questão da leitura em ambiente virtual devido a sua relação com par estudado. No **Capítulo 4** adentramos de forma mais específica na temática, expondo os caminhos de pesquisa, a problematização do tema, a organização dos dados e a composição dos critérios de análise, trata-se, então, do capítulo metodológico. A análise investigativa é apresentada ao longo do **Capítulo 5** de acordo com os critérios estabelecidos na metodologia. Iniciamos por uma discussão mais geral sobre os dados e evoluímos para questões mais pontuais que o exame dos materiais nos mostrou. Por fim, a título de conclusão, retomamos as questões fundamentais da pesquisa, identificamos suas limitações e defendemos cada elemento do par estudado enquanto gêneros textuais próprios do ambiente digital.

1 SOBRE NOÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS

1.1 Conceitos de gênero

Para direcionar o olhar da pesquisa, nos atemos primeiro à conceituação necessária do termo gênero, objeto de tantas teorias e trabalhos acadêmicos. Segundo Marcuschi (2008, p.147):

a expressão gênero esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia em Platão, se firma em Aristóteles passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. Atualmente a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura.

Reconhecendo a complexidade da questão dos gêneros e, ainda que haja diferentes estudos acerca do tema, Marcuschi (2008) argumenta que é devido a essa complexidade que faltam trabalhos sistemáticos que deem conta do problema. Sobre tal dificuldade já nos apontava Bakhtin (1997)¹ que, pela diversidade dos gêneros do discurso ser tamanha, poderíamos ficar tentados a pensar que não poderia haver um terreno comum para seu estudo. No entanto, observando os escritos que partem dos postulados bakhtinianos, constatamos que os estudos sobre gêneros estão sendo desenvolvidos, ainda que haja divergências entre eles e aspectos em aberto.

Entre as várias abordagens, os propósitos comunicativos são destaque na proposta de John M. Swales (1990, apud HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p.114) que postula que:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo.
Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é

¹ Nesta pesquisa, não adotamos a perspectiva enunciativa. Conforme esclarecido no capítulo 1.2, seguimos uma orientação de base sociocognitiva. A referência a Bakhtin se justifica na necessidade de traçarmos uma trajetória que nos leva até a posição atual de Marcuschi, autor que, como tantos outros, remete ao filósofo russo quando da discussão sobre gêneros.

altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém normalmente precisam de validação adicional.

Balocco (2005, p. 65) nos aponta a definição de Kress dizendo que, para este autor, “os gêneros são tipos de texto que codificam os traços característicos e as estruturas dos eventos sociais, bem como os propósitos dos participantes discursivos envolvidos naqueles eventos”. Os eventos sociais, então, são marcados nessa perspectiva, que também usa o termo *tipo textual*, atualmente demasiado ambíguo na área dos estudos da linguagem por pressupor diferentes perspectivas teóricas. Já, para Travaglia (2007a, p. 41) “O gênero se caracteriza por exercer uma função sócio-comunicativa específica”.

Retomando as discussões de Marcuschi acerca dos gêneros, consideramos a sua constatação de que “os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura” (MARCUSCHI, 2002, p.32). Aspecto que reitera, anos mais tarde, ao recorrer à posição da escritora Carolyn Miller (apud MARCUSCHI, 2008), que postula que gêneros são uma forma de ação social, um *artefato cultural* importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. Consideramos relevante destacar, em consonância com Bonini (2011, p.680), que “um gênero não existe no vácuo, mas na relação com outros gêneros”. Dessa forma, podemos considerar que alguns gêneros estão interligados uns aos outros, o que podemos transpor para o estudo do par *post/comentário*. Isso porque o comentário pode estar nessa relação de interdependência de algo que foi dito, escrito ou posto anteriormente, isto é, a existência do comentário é motivada por sua relação de dependência com outro (possível) gênero.

Comparando as visões dos diferentes autores, podemos ver que há inter-relações conceituais no que tange ao aspecto social e cultural dos gêneros, terreno comum nas três conceituações anteriormente apresentadas. Além disso, vemos tanto em Miller como em Swales a referência à questão comunicativa.

Nesta pesquisa optamos por seguir a perspectiva de gênero apresentada por Marcuschi dado seu caráter social e por fazer menção à questão da tipicidade cultural. Mas ainda há outro aspecto que pomos em discussão: a questão da divergência terminológica e teórica entre gênero textual e gênero discursivo.

1.1.1 Gêneros textuais e gêneros discursivos: conflitos?

Aprofundando um pouco mais a questão em torno da problemática dos gêneros, nos situamos na discussão sobre o uso e conceito de *gêneros textuais* em comparação ao termo *gêneros discursivos*. Para tanto, recuperamos o posicionamento de diferentes teóricos que trabalham o tema, privilegiando a diversidade de visões e aclarando em seguida a perspectiva que mais se acomoda a esta pesquisa. Antes, no entanto, apresentamos, brevemente, duas concepções postuladas por teóricos dos estudos da linguagem quanto ao termo texto. Posteriormente, abordamos o termo discurso, que também consideramos relevante definir antes de avançar na discussão sobre a diferenciação entre gênero textual e do discurso.

1.1.1.1 Noções de *texto*

Oliveira (2012, p.193) reconhece que um dos maiores desafios para a linguística textual é exatamente definir seu objeto de análise – o texto. Para Fávero e Koch (2012, p.34), por exemplo, texto:

Consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.

Nesta acepção as autoras relacionam *texto* ao termo *textualidade*. Disso se depreende que um “material”, oral ou escrito, que não seja dotado desta característica não pode ser considerado como texto. Isso porque não contém o conjunto de propriedades que o condicionariam como tal, não podendo, portanto, ser reconhecido pela comunidade linguística como texto.

Uma concepção mais funcional de texto vemos na obra de Halliday (1989, p.10), na qual o texto é definido como “a instância do uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto de comunicação”. A questão do uso,

bastante recorrente em Halliday, aparece nessa definição apontando, também, para sua determinação por papéis a serem desempenhados em contexto comunicativo. Tal conceito poderia nos levar a relacionar o desempenho de papel com a estrutura composicional do texto, seu tema e seu estilo. Isso porque, para desempenhar um papel, o texto deveria estar revestido de uma série de características que pudessem permitir seu funcionamento em um determinado contexto, contribuindo, assim, para que cumprisse sua função comunicativa.

Comparando as duas visões anteriores, vemos que, ao passo que Fávero e Koch se referem a texto como unidade linguística, definindo-o de uma forma mais ampla, Halliday fala em instância de uso, destacando sua função na comunicação.

Consideramos que a textualidade, com seus elementos, é uma característica relevante para o processo de compreensão, embora não seja a única. Devido a isso e à proposta mais ampla na conceituação de texto, nesta pesquisa assumimos como texto o que propõem Fávero e Koch (2012).

1.1.1.2 Noções de *discurso*

Começamos pelo conceito de Celso Cunha (1985, p.1) que nos aponta discurso como a língua no ato, na execução individual. Começamos por este conceito por considerarmos pertinente que as visões aqui apresentadas transitem por diferentes áreas dos estudos da linguagem. Este conceito é apresentado pelo autor em sua gramática normativa e nos revela discurso como um ato de linguagem, chamando atenção para o seu individualismo.

Já na perspectiva teórica de Maingueneau (2005) vemos a questão da ação também presente. No entanto, percebemos que há uma contraposição no que se refere à execução individual de Celso Cunha, em nome do fator interativo do discurso, de sua presença no seio de um interdiscurso. Portanto, para Maingueneau (2005, p.52-55), o discurso é uma organização situada para além da frase, orientado, uma forma de ação, interativo, contextualizado, assumido por um sujeito, regido por normas e considerado no bojo do interdiscurso.

A concepção de Celso Cunha, mais concisa, não deixa clara a interação do discurso e tampouco considera a relevância do contexto. Parece-nos, por isso,

menos adequada à pesquisa aqui desenvolvida. O trabalho a que nos propomos não poderia deixar de considerar o discurso como uma organização para além da frase, ademais de ser assumido por um sujeito cujo produto de leitura, isto é, o comentário sobre um determinado texto, é analisado considerando a interação a que se propõem essencialmente redes sociais como o *Facebook*.

No entanto, ainda que haja diferentes perspectivas teóricas sobre texto e discurso, estamos de acordo com Possenti (2010) com relação a certo valor atribuído à palavra discurso, como se esta fosse melhor que a palavra texto. Isso porque vem sendo empregada inclusive na linguística textual com noção que não se aproxima à empregada pelos analistas do discurso. Possenti (2010, p. 27) explica que:

Este fato parece ser sintoma de um certo prestígio (a requerer explicação mais detalhada) do termo “discurso” e dos sentidos que lhe são associados, e que a palavra “texto” não evoca. Uma hipótese é que o termo “discurso” implica ou supõe um desejo de afastar-se do que soa como apenas “linguístico” e de aproximar-se do que soa como “social” ou “cultural” ou “psicológico”. Ou mesmo “ideológico”. As linguísticas de texto deixaram há bastante tempo de ser apenas “linguísticas” e se tornaram em boa medida fortemente marcadas pela psicologia cognitiva e mesmo pela atenção a outros problemas, originariamente não textuais em sentido estrito, como, por exemplo, a intertextualidade. Creio que foi esta expansão que fez com que “discurso” parecesse um termo não incompatível com textualidade. Penso que não deveria mesmo ser, mas por outras razões.

As outras razões que nos aponta Possenti (2010) estão relacionadas a visões díspares entre analistas do discurso (de base francesa) e os teóricos da linguística textual. Elas se referem a concepções que perpassam essas duas perspectivas teóricas e vão muito além da possível incompatibilidade entre texto e discurso, relacionando-se a conceitos de sujeito, memória, leitor, polifonia, entre outros. Para Possenti, então, há questões para as quais é de relevância fundamental distinguir entre as denominações. Para visualizar de forma mais clara estas diferenças, elaboramos, com base no autor (POSSENTI, 2010), um quadro que as resume.

Quadro 1- Comparação entre a análise do discurso de linha francesa e a linguística textual segundo Possenti (2010)

Análise do Discurso (francesa)	Linguística Textual
Sujeito: é concebido como efeito.	Sujeito: é concebido como origem.
Texto: o ponto de partida é a inscrição institucional do texto.	Texto: Qualquer texto é visto como categoria primeira.
No texto: privilegia-se a unidade de sentido.	No texto: aponta-se para a multimodalidade.

Leitor: é uma personagem discursiva.	Leitor: é empírico.
Memória: como conceito institucional, histórico.	Memória: como algo pessoal.
Polifonia: mais de uma voz social.	Polifonia: mais de um locutor.

A partir dessas diferentes concepções, podemos concluir quão complexa é a problemática de uso de termos, pois apontam para o lugar do pesquisador dentro da sua investigação, podendo gerar conflitos teóricos quando da utilização indiscriminada de um termo por outro.

1.1.1.3 Noções de gêneros: textuais ou discursivos

Na concepção de Bakhtin (1997, p. 280), cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denomina gêneros do discurso. Na obra de Bakhtin vemos o forte traço da perspectiva social de linguagem, como na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006, p.103), na qual afirma que “a língua é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos provocada por imperativos econômicos e que constitui um subproduto da comunicação social”.

A partir dessa perspectiva bakhtiniana, muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos, como é o caso da obra de Maingueneau, que reflete e expande conceitos do filósofo russo. Maingueneau (2005, p.61) nos aponta que os gêneros de discurso pertencem a diversos *tipos* de discurso associados a vastos setores de atividade social. Nesta concepção, portanto, fica evidente a relação do discurso com a esfera social como prática intrínseca da enunciação, já que esta é de natureza social (Bakhtin, 2006).

Tal natureza é tão voltada para o social que o estilo composicional, por exemplo, não pode ser pensado fora dessa esfera. Assim, nos explica Rojo (2005, p.196) que, na abordagem de Bakhtin, “diferentemente de posições estruturais ou textuais, os gêneros e os textos/enunciados a eles pertencentes não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção”. E, em relação aos que adotam a perspectiva discursiva, a

autora (2005, p.199) continua:

Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente *sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor (es) e tema(s) discursivos* – e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

No entanto, apesar da diferenciação entre gêneros do discurso e gêneros textuais, Rojo (2005) nos esclarece, ainda, que a tradição bakhtiniana também é seguida pelos teóricos que usam a terminologia gênero textual. Isso pode explicar alguns dos conflitos teóricos que vemos hoje quando se usam indiscriminadamente um ou outro termo sem a consideração de que tais termos levam consigo distintas perspectivas teóricas subjacentes, como nos pontuou Possenti.

A par de alguns desses conflitos, houve tentativa, como a de Marcuschi, de separar os dois conceitos, ainda que ambas as correntes teóricas sigam os postulados de Bakhtin. Marcuschi (2008, p.155) adota o termo gênero textual, cuja definição é:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Não obstante, pontuamos que, durante a revisão da literatura, muitos foram os artigos em que víamos o uso indiscriminado do termo gêneros textuais e gêneros discursivos (ou do discurso), como se tais conceitos fossem sinônimos. O que, para vários segmentos da academia, não o são. A título de ilustração dessa recorrência, Pereira (2012) escreve que, para tratar sobre gênero textual, se baseia em um modelo funcionalista da linguagem e na definição de gênero textual proposta por Bakhtin (1992), sendo a mesma perspectiva encontrada em Marcuschi (2002). E continua a autora (2012, p.2):

Conforme apresentado em Pereira (2008), Bakhtin (1992) foi um dos primeiros a apresentar a noção de gênero textual tal como a entendemos hoje e utilizamos neste trabalho, a qual chamou de “gêneros do discurso”. Para ele, os gêneros textuais são inúmeros quanto a sua diversidade, pois se relacionam à própria atividade humana.

Considerando a diferenciação dos conceitos anteriormente apresentados e nossa perspectiva mais voltada para a análise da estrutura composicional dos textos,

nesta pesquisa adotamos o conceito de *gêneros textuais* e não *gêneros discursivos*. Não deixamos de lado, no entanto, o aspecto social. Estamos de acordo com o postulado de Bakhtin (1997) de língua como fato social. E como consequência de que os enunciados, pelos quais ela se manifesta, estejam ligados a esferas da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p.279). Além disso, concordamos e consideramos relevante destacar, de acordo com o próprio Bakhtin (1997), que existem os gêneros primários e os gêneros secundários, sendo estes últimos complexos porque figuram em situações sociocomunicativas mais complexas. Podendo, não raro, os gêneros secundários se apropriarem dos primários e, a partir dessa absorção ou apropriação, adquirirem novas características (BAKHTIN, 1997).

Partindo das reflexões aqui feitas, optamos por trabalhar com o conceito de gêneros textuais, de Marcuschi (2008), que inegavelmente tem base bakhtiniana, conforme definição anteriormente apresentada, aliando-a à perspectiva sócio-cognitivista, por considerarmos que esta atende melhor aos propósitos desta investigação. Nas palavras de Koch e Cunha-Lima (2011, p. 294):

O sentido das palavras e textos não lhes é imanente e não é depreensível numa atividade de cálculo com regras rígidas previamente estabelecidas. O sentido é necessariamente situado histórica e socialmente e é, também, plástico, no sentido de que, em todos os níveis da linguagem, existe uma negociação entre os interactantes para o estabelecimento desse sentido.

Neste trabalho, as discussões sobre gêneros giram em torno do par *post/comentário* em redes sociais. Observamos que, devido à diversidade de gêneros textuais em um suporte virtual como o *Facebook* e à potencialização do hipertexto em ambientes virtuais, sua caracterização é complexa. Tal complexidade também está relacionada ao incremento do acesso que temos hoje às redes de comunicação via *internet* e às inovações que vão sendo incorporadas frequentemente por seus usuários. Por isso, passamos agora a tecer reflexões sobre os chamados *gêneros digitais*.

1.1.1.4 Noções sobre gêneros digitais

A rede mundial tem admitido novas práticas de leitura e escrita, antes apenas feitas por meio do papel. Contudo, os ambientes virtuais permitem a interação não

exclusivamente mediada por textos escritos verbais. Esta nova forma de empregar a linguagem abrange também a competência de construir sentido em textos multimodais, quer dizer, que misturam imagens, palavras e sons em um mesmo ambiente/enunciado.

Para alguns estudiosos da linguagem, estas diversas formas de textos demandam novos gêneros textuais, pois dispõem de peculiaridades próprias (MARCUSCHI & XAVIER, 2004). Para Marcuschi (2005), todos os textos se apresentam em algum gênero textual e são reflexos do espaço no qual são gerados. Sendo assim, para o autor as comunicações, realizadas por meio destes gêneros textuais existentes no ambiente virtual, também podem ser nomeadas como gêneros digitais.

No entanto, cabe aqui uma reflexão: seriam estes gêneros, inseridos em ambiente virtual, novos gêneros? Baseando-nos na pesquisa ora realizada e nas leituras que a compuseram, nos parece, neste momento, que a rigor não se tratam de novos gêneros, e sim de um novo espaço de inserção, complexificado pelas características do suporte, assim como por suas possibilidades técnicas. Dessa forma, acreditamos que em ambientes virtuais temos a realização dos gêneros textuais e não de gêneros digitais, já que digital é o meio no qual se corporifica o gênero e não ele próprio.

Diante disto, podemos afirmar que, ainda que surjam novas formas de empregar a linguagem, o conhecimento da base dos gêneros textuais tradicionais desempenham um papel importante no processo de compreensão/produção textual no ambiente virtual.

Marcuschi (2003, p.1) aponta, ainda, que todo gênero tem um suporte, mesmo que a diferença entre ambos nem sempre seja de simples identificação. Suporte é a superfície física (ou virtual), em formato específico, que suporta, fixa e mostra um texto, imprescindível para que o gênero circule na sociedade (MARCUSCHI, 2003). Portanto, entendemos que a *internet* é o suporte para diferenciados gêneros textuais. Isso porque, se não fossem os recursos próprios da tecnologia nesse meio, os gêneros que aí circulam não teriam algumas das características próprias que possuem, no entanto, tais textos não deixam de pertencer a um gênero prévio. Dessa forma, optamos pelo uso de gêneros textuais em ambiente virtual e não pelo termo gêneros digitais.

1.2 Gênero textual e a visão sociocognitiva

As perspectivas teóricas que subjazem neste trabalho não nos permitem considerar a língua apenas de forma estrutural e distante de seus falantes, mas inserida num meio sócio-histórico. Isso porque, como nos aponta Bakhtin (2006, p.96), “na realidade, não são palavras o que pronunciamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis”.

Dessa forma, a língua é o lugar da interação social (BAKHTIN, 1997) e sempre que a comunicação verbal ocorre, pressupõe a existência de sujeitos que interagem num meio essencialmente sócio-histórico. Conseqüentemente, tal comunicação verbal se dá por meio de um texto que não fica à parte de cumprir seu fim sócio-comunicativo e, portanto, acaba por realizar-se em um gênero típico daquela sociedade (MARCUSCHI, 2010).

A relação entre linguagem e sociedade, ou linguagem e mundo é uma preocupação constante, não apenas nos estudos linguísticos, mas em outras ciências como, por exemplo, na filosofia (KOCH & CUNHA-LIMA, 2007). Diferentes campos do conhecimento enveredaram por esses estudos, do qual nos importa citar, no âmbito da linguística, a corrente sociocognitiva. Sem a pretensão de dar por definitivas as suas propostas, a entendemos, sobretudo, a partir de Koch e Cunha-Lima (2007, p.251), “mais como um conjunto de preocupações e uma agenda investigativa em ascensão na Linguística atual do que os resultados de um programa fechado de pesquisa”. Isso nos leva a pressupor uma ausência de perspectivas teóricas herméticas e conclusivas quando se trata de sociocognitivismo.

Essa perspectiva linguística veio propor um fim à divisão fundamental do cognitivismo clássico, que se preocupava em estudar separadamente do meio social os processos cognitivos. Esta postura clássica causava uma tensão entre a hipótese cognitivista e as ciências sociais. Nas palavras de Koch e Cunha-Lima (2007, p. 253):

No entanto, por muito tempo, um diálogo entre essa nova ciência e as ciências sociais de uma maneira geral não foi frutífero ou mesmo possível. Embora algumas das capacidades cognitivas que mais interessavam aos cientistas cognitivos clássicos tivessem uma dimensão social óbvia, como é evidente na questão da linguagem; e, por outro lado, embora a linguagem tivesse, também de maneira evidente, uma dimensão cognitiva, os aspectos

sociais e cognitivos da linguagem foram, muitas vezes, colocados em lados opostos numa disputa bastante acirrada.

Com a evolução das pesquisas científicas em torno da linguagem, mais precisamente nas duas últimas décadas do século XX, essa tensão foi diminuindo através dos diálogos entre perspectivas cognitivas e sociais, como nos apontam Koch e Cunha-Lima (2007, p. 254):

criando espaços muito frutíferos para o desenvolvimento de pesquisas que compreendam os fenômenos cognitivos em geral, e a linguagem em particular, como fenômenos capazes de oferecer modelos da interação e da construção de sentidos cognitivamente plausíveis ou cognitivamente motivados e, ao mesmo tempo, como fenômenos que acontecem na vida social.

Quanto à questão dos gêneros textuais, seguindo a orientação sociocognitiva, reconhecemos tanto seu caráter de esquemas, de modelos cognitivos, quanto sua inegável relação com a atividade social. Em outras palavras e de acordo com o proposto por Marcuschi (2010, p.22), a visão de língua seguida nesta pesquisa a tem como “atividade social, histórica e cognitiva”. E os gêneros são

uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e uma ação retórica (...), já que, em certo sentido, cada um desses indicadores pode ser tido como um aspecto da observação (Marcuschi, 2008: 149).

Essa ampla definição, isto é, que abarca o cultural, o cognitivo, o social, entre outros, permite constatar a complexidade do conceito de gênero textual. Em consonância com as palavras de Donato (2014, p.34), reiteramos que:

Do ponto de vista cognitivo, os gêneros funcionam como esquemas com alto poder preditivo, ou seja, sua função é criar expectativas tanto no ato da produção como em sua recepção. Todos os gêneros têm uma identidade que, embora não seja rígida, condiciona as escolhas, sejam léxicas, formais, temáticas ou composicionais.

E acrescentamos que, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p.154).

Com o intuito de classificar o par *post/comentário* em rede social à luz da noção de gênero textual, é que nos centramos nestas reflexões. Isso porque entendemos o par citado como entidade concreta que se realiza em um (ou dois) gênero(s) próprio(s) do meio virtual.

Nas palavras de Donato (2014, p.40) resumem-se algumas reflexões com as quais estamos em consonância:

Para o sociocognitivismo, o gênero textual é muito mais que um conjunto de

entidades semelhantes tanto formalmente como funcionalmente: é uma maneira de tornar visível objetivos cognitivos em situações sociais particulares. Devido à sua ligação com as práticas sociais, ganha dinamismo e maleabilidade para sofrer uma série de modificações em sua constituição. No entanto, por sua esquematização cognitiva, garante identidade própria responsável por seu reconhecimento cotidiano.

Dessa maneira, entendemos que é a função social do texto que dá forma, estilo e características ao gênero. E o leitor, por sua vez, o reconhece nas práticas comunicativas devido, inclusive, aos esquemas cognitivos que o gênero invoca. Sendo estes esquemas compostos por atitudes realizadas pelo leitor durante a leitura para que possa compreender o propósito comunicativo daquele gênero.

Assim, quanto maior a intimidade do leitor com determinado gênero, maior sua capacidade de reconhecimento nas práticas comunicativas.

1.3 Relação Gênero e Suporte

A relação entre gênero e suporte ainda não está amplamente estudada no campo da linguagem, tampouco sabemos a natureza e o alcance da interferência de um sobre o outro (MARCUSCHI, 2008). Mas já encontramos esforços para estabelecer algumas relações entre eles. Refletindo sobre essa relação que, durante a pesquisa, sentimos a necessidade de melhor entendermos o papel do suporte de textos. Isto porque consideramos que o gênero não fica alheio a ele, mas sofre significativas mudanças conforme as características e possibilidades que ele apresenta.

Assim, no intuito de propor entendimento mais consistente sobre a problemática do suporte, optamos por, a partir de Bezerra (2006) e Soto (2009), traçar um breve percurso histórico sobre o tema do suporte. O objetivo é deixar claro o seu papel, sua influência na materialidade textual e, conseqüentemente, na percepção dos sujeitos em relação aos textos. O autor (BEZERRA, 2006) destaca que, embora ciências como a História tenham estudos variados em relação ao suporte de textos, a exemplo da epigrafia, da papirologia e da paleografia, no campo dos estudos da linguagem tal tema não tem evocado tanto interesse investigativo, já que não há profundos trabalhos que tratem do tema, relacionando-o à comunicação escrita.

Nesta pesquisa, por outro lado, a questão do suporte é fundamental devido às relações que se estabelecem entre este e o gênero textual que suporta. Isto, inclusive, porque, como nos aponta Bezerra (2006., p.382) “em certos casos, o suporte pode assumir uma posição de surpreendente centralidade”.

O cada vez maior desenvolvimento da informática e a divulgação em larga escala dos meios de comunicação virtual têm refletido em nossos modos de produção e percepção de textos, isso porque novas necessidades têm sido criadas por nós, assim como novas formas de atendimento a essas necessidades. É nesse viés que pensamos os gêneros textuais, já que estes estão em constante dinamismo e reinvenção a fim de darem conta das nossas necessidades comunicativas.

Dessa forma, relembra Donato (2014) que o papel do suporte, na análise e na delimitação das fronteiras do gêneros, é redefinido atualmente. No entanto, a redefinição citada pela autora não é inédita se considerarmos o suporte de textos desde a antiguidade. Bezerra (2006, p.385) reitera que:

Diversos tipos de material foram utilizados para a escrita no mundo antigo: tábuas de argila, pedra, osso, madeira, couro, metais diversos, fragmentos de cera e mica (ostraca), papiro e pergaminho. No entanto, de todos esses materiais, os mais eficazes para a feitura de documentos que pudessem ser manuseados e transportados até o leitor/ouvinte foram, num primeiro momento, as tábuas de argila e depois o papiro e o pergaminho.

Nessas reflexões de cunho histórico, fica claro que o suporte material da escrita foi sendo modificado e aperfeiçoado ao longo dos séculos, o que também gerava significativas mudanças no acesso a esses escritos e na sua leitura. Quanto à pedra, por exemplo, “foi um dos suportes que permitiu ao homem não só a possibilidade de transmitir sua mensagem, mas principalmente, de deixá-la para outros homens” (SOTO, 2009, p.14)

Por volta do século II da era cristã, os escritos eram feitos em rolos de pergaminho ou papiro. No entanto, a partir do século V, inúmeras transformações se deram devido à mudança das publicações para o códice (BEZERRA, 2006). Isto porque o códice, por se tratar de folhas encadernadas, permitiu maior mobilidade do leitor porque este podia folhear os escritos, indicar fragmentos dos textos com maior precisão, além de ter diminuído o custo de produção. O autor ressalta ainda que:

Já por volta do século V da era cristã, as coisas mudariam significativamente. A adoção do códice e o conseqüente abandono do rolo se fariam acompanhar de métodos inovadores de estruturação e organização textual. Muitos manuscritos de livros do Novo Testamento apresentam certos recursos para a melhor compreensão do leitor, originados em diferentes épocas e lugares e que ilustram bem como se passou a organizar os livros nos séculos que antecederam a invenção da

imprensa. (BEZERRA, 2006, p.388)

No fragmento destacado, o autor nos esclarece que o códice, que, em comparação ao que temos desenvolvido hoje, seria o mais próximo de um suporte no formato de livro, também proporcionou novas formas de composição e arranjo dos textos, quando comparados aos materiais que o antecederam, como o papiro. De tal modo, é possível estabelecer relação entre o formato físico do material trabalhado para servir de suporte textual e, à época, as inovadoras preocupações com o leitor. O resultado, já naqueles tempos, foi a intrínseca relação entre o suporte, a disposição e o estilo dos textos e a intermediação desses recursos na compreensão leitora. Não obstante, Soto (2009, p.16) nos esclarece que não foi apenas a introdução do códice que permitiu a melhor apreensão dos escritos. A autora pondera que:

Claro que a possibilidade de captura daquilo que era escrito não se deu simplesmente “por causa” do formato do códice. Ela se deu em conjunto com vários outros expedientes gestados à medida que o homem sentiu necessidade de controlar e localizar melhor as ideias que se apresentavam por escrito.

Seguindo o percurso de destaque histórico, é fundamental citar que um dos grandes acontecimentos da história da humanidade foi o desenvolvimento da imprensa de tipos móveis, em meados do século XV (BEZERRA, 2006; SOTO, 2009). Este fato, segundo os autores, proporcionou, após diversos períodos de adaptação, a divulgação cada vez mais intensa de textos e da propagação dos livros propriamente ditos, agora desenvolvidos no suporte de papel. A ampla propagação dos livros gerou mudanças no próprio pensamento humano, no modo de circulação dos textos e no acesso do público à produção intelectual, já que eles passaram a ser “um dos principais e mais utilizados suportes da escrita” (BEZERRA, 2006, p. 395).

Nos dias de hoje, com o desenvolvimento da tecnologia informática, a produção escrita no formato de livros sofreu significativas transformações, das quais nos fala Bezerra (2006., p. 391):

O advento da era dos computadores, em nossos dias, transforma a edição de um livro em um processo já bastante diferente do anterior processo mecânico, o que faz com que as chances de uma obra corresponder exatamente à vontade de seu autor sejam bem maiores. Pelo menos, há tecnologia disponível para isso. Uma vez que o autor conclui o trabalho e o entrega para publicação em formato eletrônico, podendo ainda fazer uma última revisão após a fotocomposição, o texto impresso pode, hoje, apresentar-se isento de qualquer alteração alheia ao seu gênio criativo. Em relação ao tempo em que se escrevia em tábuas de argila, a realidade do livro contemporâneo passou por uma radical transformação.

Concordamos com Bezerra no ponto em que afirma ter havido intensa transformação nos suportes do tempo em que se escrevia em tábuas de argila até o que chama de livro contemporâneo, no entanto, são necessárias algumas ponderações, nas quais não vamos nos aprofundar porque o assunto remete ao campo da editoração, o que não é o nosso foco. Vale ressaltar, então, que é inegável que, hoje, um escritor entrega para a editora um texto que, inclusive, já comporta uma formatação que lhe parece mais adequada e que cujo processo de revisão se tornou ágil e prático, já que se pode mexer no texto quantas vezes forem necessárias. Porém, é preciso relativizar o dito total controle por parte do criador do processo criativo. Isso porque a dinâmica editorial segue regras de mercado, o que torna o processo criativo pouco livre (ARAÚJO, 2008).

Conforme nos esclarece Soto (2009, p.13) “Cada época implementou – dentro de um contexto de atividades específicas, relacionadas a certas práticas sociais concretas – ferramentas que criaram novas possibilidades, e também limites e restrições”. Se, por um lado, hoje temos a riqueza das técnicas de editoração e divulgação, por outro, temos uma questão mercadológica que é pontual na produção de livros.

Feito o proposto percurso histórico sobre a questão do suporte, passamos agora a tecer considerações sobre o conceito mais adequado a esta pesquisa e, de forma mais aprofundada, sobre a sua relação com os gêneros suportados.

Refletindo sobre a questão do suporte textual na contemporaneidade, Marcuschi (2008) nos esclarece que este se trata de um lugar e, assim sendo, se supõe que deva ser algo real. No entanto, o autor faz uma ressalva, apontando que essa realidade pode ser também virtual quando se está diante, por exemplo, de um suporte na *internet*. Esclarece ainda (MARCUSCHI, 2008) que há três aspectos fundamentais no que se refere à questão do suporte. O primeiro é que ele é um lugar que pode ser físico ou virtual, o segundo é que tem formato específico e o terceiro é que serve para fixar e mostrar o texto.

Desenvolvendo o exposto nesses três aspectos, Marcuschi (2008) propõe que, quanto ao primeiro, a materialidade do lugar é incontornável, não podendo ser prescindida. Quanto ao formato específico, o autor trabalha com a ideia de que o suporte não é informe nem uniforme, mas que sempre aparece em um determinado formato, a exemplo do livro, da revista, do jornal. Além de destacar que “o fato de ser específico significa que foi comunicativamente produzido para postar textos e

não é um portador eventual” (MARCUSCHI, 2008, p.175). Quanto ao terceiro aspecto, o autor reforça a ideia de que a função básica do suporte é fixar textos, com vistas às práticas comunicativas.

Segundo Távora (2008, p.1), suporte é uma “entidade de interação que se realiza graças a uma materialidade formalmente organizada, que permite que se avaliem os processos de difusão aos quais os gêneros estão submetidos sejam eles orais ou escritos”. Nesta definição, identificamos a questão da materialidade, e o fato de o suporte funcionar como entidade de interação. Isto é, ele próprio teria capacidade interativa e não apenas os gêneros nele alocados.

Marcuschi (2008) também aborda a questão do suporte e sua relação com o gênero textual fazendo referência à questão da materialidade. Mas vai além da materialidade, porque considera que esta pode manifestar-se tanto física como virtualmente. Nas palavras de Marcuschi (2008, p.174):

suporte de um gênero é um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de um gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.

Esta definição, nos deixa claro que se trata de suporte o local onde os textos se estabelecem. Portanto, tem função comunicativa e respeita os limites do gênero textual que nele será fixado. No que tange aos textos veiculados na *internet*, outra discussão que surge da problemática de caracterização dos enunciados veiculados nesse meio refere-se aos tipos de suporte. Para Marchuschi (2008) há de se separar suportes convencionais, aqueles que foram elaborados tendo em vista a sua função de postarem textos, de suportes incidentais. Ou seja, aqueles que operam como suportes ocasionais, de forma eventual. Marcuschi (2008) afirma que a *internet* se trata de um caso-limite, pois ela pode ser vista como um serviço, mas ele, pessoalmente, a trata como um suporte. Isso porque alberga e conduz gêneros. Deixa claro, inclusive, que *site* também deve ser considerado assim, pois pode ser suporte de outros suportes.

Essa separação entre suporte incidental e suporte convencional importa para a reflexão sobre os textos veiculados também na *internet*, porque, tanto o incidental quanto o convencional é indispensável para que o gênero se difunda na sociedade e, assim, cumpra sua função comunicativa. Portanto, com relação ao ambiente virtual, especificamente, a *internet* e o *site* são sustentáculos de textos, já que a atividade fim é a prática comunicativa e esta se dá, necessariamente, por textos que se

materializam em um determinado gênero.

Ao transpormos essa discussão de Marcuschi sobre tipos de suporte para o estudo do *Facebook*, vemos que, em comparação ao termo genérico *site*, o *Facebook* também fixa textos, além de poder funcionar como suporte de/para outros suportes, como o jornal, por exemplo. Assim sendo, parece-nos pertinente concordarmos com a visão de Marcuschi quanto à classificação de *site* como suporte. Partindo desse princípio e sabendo que o *Facebook* à priori é um *site*, por analogia, o consideramos também como parte de um suporte. Mas não o fazemos somente por isso, e sim porque suporta textos.

Além das reflexões de Marcuschi (2008), com as quais estamos em consonância, a partir de Donato (2014), passamos a refletir mais sobre a questão do suporte e, na contribuição dessas perspectivas, baseamos a presente pesquisa. Ela retoma noções de Marcuschi (2003 e 2008), Maingueneau (2011) e de Bonini (2011a e 2011b) para engendrar uma proposta de suporte. Para a autora (DONATO, 2014, p.44), “assume-se o suporte como um portador de textos escritos e multimodais, responsável não só pela fixação e apresentação dos gêneros materializados, mas também pelo seu transporte e seu armazenamento”. Esclarece-nos, contudo, que tal definição não inclui os gêneros orais, já que seriam necessárias outras pesquisas para a precisão e o estudo do suporte fora dos gêneros escritos.

A contribuição de Donato (2014) também gira em torno da questão da materialidade do suporte, conforme igualmente se preocuparam autores como Távora (2008), Maingueneau (2011) e Marcuschi (2008). Em Távora (2008), por exemplo, observamos a preocupação em não entrarmos em minúcias da questão material ao pensar o suporte. Nas palavras do autor:

Se a discussão é material, deve-se analisar o suporte em sua condição de existência material, fruto de uma infraestrutura sócio-técnica que possibilita uma determinada constituição material como um todo, do contrário, estaremos sujeitos a discussões, por exemplo, sobre o papel do pixel na constituição da materialidade escrita na tela do computador. (TÁVORA, 2008, p.63)

Evitando também entrar em tais minúcias e entendendo que os suportes, principalmente os virtuais, têm avançado de forma rápida e dinâmica por meio da tecnologia, Donato (2014, p.45) nos esclarece que:

Com relação à materialidade, entende-se que o conceito de suporte deve recobrir a totalidade, tanto física quanto virtual, da portabilidade do texto. A principal consequência de não decompor os suportes em partes discretas é

a visualização de todos os gêneros de um livro ou de uma revista como profundamente imbricados em um contínuo enunciativo, que imprime características peculiares não somente a sua estrutura textual mas também a sua função, sua organização seu uso e sua recepção através do ato leitor. A Constituição de um *site* como suporte a partir dessa perspectiva, por exemplo, demanda tanto o *locus* físico, como o computador, com todas as suas subdivisões, quanto o virtual, ou seja, o *software* e a internet.

A partir dessas proposições, e voltando à questão do *Facebook*, assumimos esta rede social como um *site* e, dessa forma, o vemos como um constituinte do suporte virtual como um todo. Este possui uma parte física (o computador, por exemplo) e uma parte virtual, ou seja, a *internet* em si, o programa que permite a navegação e os *sites* que armazenam, fixam e mostram os textos. Tal conjunto disponibiliza as possibilidades técnicas com as quais os usuários lidam ao postarem seus textos e a comentá-los.

Essas discussões em torno do conceito de suporte se dão, principalmente, porque, na relação gênero/suporte, um não está alheio ao outro, já que, ao alterar um suporte, os gêneros textuais nele vinculados podem sofrer também alguma modificação. Isso se dá porque o suporte não é algo neutro e o gênero não fica indiferente a ele (MARCUSCHI, 2008). Considerando, uma vez mais, o *Facebook*, vemos o compartilhamento de diversas formas de textos, de diferentes gêneros, que são modificados exatamente por estarem neste tipo de suporte. Quanto a isso, comenta Maingueneau (2005, p.68):

Uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso: um debate político pela televisão é um gênero de discurso totalmente diferente de um debate em uma sala para um público exclusivamente formado pelos ouvintes presentes. O que chamamos então 'texto' não é, então, um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de suporte/transporte de estocagem, logo, de memorização.

Estas ponderações de Maingueneau nos levam a considerar a inseparabilidade entre texto (e por extensão, gênero) e suporte, como se comportassem certa relação de interdependência. Isso porque, havendo modificação no suporte onde o texto se fixa, esta modificação também será sentida pelo texto, abalando, alterando, ou resignificando a estrutura composicional do gênero, a fim de que atenda às características do (novo) suporte. Ainda que a presente investigação não siga a linha teórica discursiva, reconhecemos as contribuições do autor francês quanto ao tema do suporte e, por isso, as retomamos aqui.

Em consonância com as perspectivas teóricas apresentadas e reconhecendo a relevância da relação entre gênero e suporte, defendemos especificamente a partir

de Donato (2014, p.41) que:

seja o aperfeiçoamento e a popularização da imprensa de tipos móveis, no século XV, seja o contemporâneo surgimento de dispositivos móveis de armazenamento de informações, toda modificação no suporte garante transformações na relação com a materialidade textual, incluindo períodos de adaptação à novidade.

A título de maior esclarecimento, retomamos a reflexão de Marcuschi (2008, p.176) que defende que “o suporte não deve ser confundido com o contexto, nem com a situação, nem com o canal em si, nem com a natureza do serviço prestado”. Não deve ser confundido porque o suporte é essencialmente o sustentáculo do texto, e, portanto, a ele deve estar associado.

Tratando-se o objeto de pesquisa deste trabalho do par *post/comentário* em redes sociais, tais discussões sobre a questão do suporte não poderiam deixar de ser feitas. Isso porque, além de estarmos diante da hipótese de um novo gênero textual típico de ambientes virtuais, esse tem relação intrínseca com as possibilidades técnicas permitidas pelo suporte onde são veiculados os textos.

Dessa forma, foi necessário ponderar, refletir e admitir contribuições teóricas para além de uma única perspectiva, perpassando autores que trabalharam o tema e aprofundando-nos mais em busca de reflexões que melhor pudessem contribuir ao embasamento teórico da investigação que ora se propõe.

2 SOBRE A PRÁTICA SOCIAL EM AMBIENTE DIGITAL

A configuração em rede é própria do ser humano, nos agrupamos, nos conectamos e interagimos uns com os outros e com o meio desde sempre na história da humanidade. Nesse interagir, vamos expandindo essa rede de relações sociais, de modo que a própria natureza humana é produtora da estrutura social em redes. (TOMAÉL, ALCARÁ & DI CHIARA, 2005)

De acordo com Castells (2005), o que é novo no modo de organização social não é a questão das redes, mas sim o fato de elas serem de base microeletrônicas. Isto é, são formadas por meio da tecnologia que fornecem novas capacidades à velha forma de organização social em redes.

Atualmente, nos diferentes meios sociais, quando mencionamos o termo *redes sociais*, se entende tão logo que estamos referindo-nos às redes sociais do meio virtual. Em geral, lê-se *Facebook*, *Linkedin*, *Whatsapp* e até o menos atual Orkut.

Entendemos, porém, que, mais do que trabalhar com o que o termo invoca, precisamos entendê-lo, contextualizá-lo sócio-historicamente em relação às práticas que se dão no meio virtual. Isso é necessário, inclusive, para que possamos traçar um panorama das práticas sociais em tais redes, já que estas se dão eminentemente por intermédio da palavra escrita. Afirma Castells (2005, p.17), no que se refere à relação entre sociedade e tecnologia,

o nosso mundo está em processo de transformação estrutural há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia.

Nas palavras de Castells, a sociedade tem passado por transformações tecnológicas que a redefinem, configurando novos usos tecnológicos, novas necessidades e modos de supri-las. Isto se reflete sobremaneira na configuração das relações sociais, porque a tecnologia de comunicação e informação não está alheia à sociedade, mas é intrínseca a ela. Isso fica claro, por exemplo, se

pensarmos no próprio desenvolvimento da escrita como tecnologia da linguagem e sua influência na configuração da sociedade, já que esta é uma inegável e inestimável forma de interação social (ORLANDI, 2001).

De acordo com Dias (2009), a própria correlação entre sujeito e linguagem sempre esteve perpassada por tecnologia no sentido de que “o sujeito produz e pratica uma técnica para se dizer e se relacionar com os outros”. Reitera a autora que:

A escrita pensada em sua história mostra-nos que a relação do sujeito com a linguagem passou sempre pela técnica, pela invenção de uma tecnologia que permitisse a manifestação simbólica do sentido do mundo. A invenção dessa tecnologia da escrita passou pela utilização de instrumentos distintos que constituíam uma imagem sempre diferenciada da linguagem humana. Se a oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem, a escritura é o que coloca a linguagem na ordem do visual, do olhar, o que antes era da ordem da escuta. Da escuta à escrita temos uma história da produção de sentidos do mundo, a saber, da relação do sujeito com o conhecimento e deste com a tecnologia. (DIAS, 2009,p. 16)

Assim, os interesses acompanham as necessidades na criação de meios para nos satisfazer em sociedade. De modo que nos vamos reinventando, produzindo novas carências e novas formas de supri-las por meio de técnicas e tecnologias. E tudo isso fazemos em rede, já que estamos sempre em contato uns com os outros no meio social. Com as redes sociais virtuais não poderia ser diferente, pois estas também são fruto das constantes mudanças sociais a que estamos submetidos.

Segundo Acioli (2007, p.3), o termo *redes sociais* foi cunhado no campo da antropologia. Conforme palavras da autora:

A noção de *redes / redes sociais* nasce na Antropologia Social. A primeira aproximação remonta à Claude Lévi-Strauss em sua análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco (década de 40). Em 1940, Radcliffe-Brown usa o termo "redes". Barnes (1972) preocupava-se com a heterogeneidade dos usos da noção de redes, alertando que a ideia de "redes" pudesse tornar-se mais uma palavra da moda, sem definição clara, nem uso específico.

Seja no campo das ciências sociais, da linguagem ou da tecnologia, o termo *redes sociais* é cada vez mais difundido como sinônimo de *sites* que promovem a interação por meio da rede mundial de computadores, a *internet*. Isso nos fala de uma prática social bastante situada sócio-historicamente, porque a interdependência que, à priori, todos os humanos temos, por agirmos em redes, está cada vez mais potencializada através das conexões estabelecidas em rede virtual. Esta articula modos de compartilhamento entre seus membros, que propõem tanto o compartilhar da vida pessoal, quanto divulgam ações coletivas em prol de determinado fim social,

indo além daquele meio.

É nesse sentido que Acioli (2007) nos propõe a reflexão de que certas redes são virtuais, mas também reais, por serem técnicas, ou seja, por terem uma parte física. Também são sociais, porque a sociedade que as incorpora atribui sentido às funções que a elas são atribuídas. Desse modo, elas incutem em si mesmas um movimento social dinâmico que, por meio da *internet*, permite que essa dinamicidade se dê em diferentes níveis: local, regional, global.

Nas redes sociais virtuais, a sociabilidade é ampla para os membros, que se veem diante de diferentes possibilidades técnicas. O fluxo de informações é vasto devido às interconexões, assim como a constante e intensa alimentação de dados pelos participantes. Moraes (2000, p.143) nos esclarece que:

A cada nó que se soma à rede em expansão contínua, incorporam-se novos usuários, os quais se convertem, potencialmente, em produtores e emissores de informações novas e imprevisíveis, em condições de serem consumidas instantaneamente, sem barreiras geográficas, sem fusos horários e sem grades de programação.

Sem barreiras nítidas, então, esse ambiente de interação acaba por tornar-se, de certa forma, mais um espaço público, com o qual inúmeras pessoas lidam atualmente. De tal modo que isso acaba trazendo reflexos para o meio social não-virtual, no entanto, os alcances de tais reflexos ainda estamos por conhecer.

2.1 Sobre as redes sociais virtuais

2.1.1 História das redes sociais

O embrião da *internet* foi criado durante a Guerra Fria, para manter a rede de comunicação entre as forças armadas norte-americanas em caso de ataques que prejudicassem os meios convencionais de telecomunicações. Nas décadas de 1970 e 1980, além de ser utilizada para objetivos militares, a *internet* também foi um importante meio de comunicação acadêmico. Estudantes e professores universitários, principalmente dos EUA, trocavam ideias, mensagens e descobertas através da rede mundial de computadores (TAIT & TRINDADE, 2003).

Em 1990, a *internet* teve uma grande mudança com a criação da *world wide*

*web*² pelo inglês Tim Bernes-Lee, possibilitando a criação de *sites* mais elaborados visualmente. A década de 1990 trouxe uma grande expansão da *internet*, após o surgimento de vários navegadores, como o *Internet Explorer* da Microsoft e o *Netscape Navigator*. A nova interface gráfica possibilitou o surgimento destas novas ferramentas, tendo como objetivo melhorar e aprimorar a usabilidade da *internet*. Houve, também, a chegada de diversos provedores de acesso e portais de serviço. A *internet*, então, passou a ser utilizada de diversas formas, por diferentes classes sociais, para múltiplas finalidades (CASTELLS, 2003).

O impacto destas transformações sociais comunicacionais da era digital faz emergir um ambiente sociocultural: o ciberespaço. Como consequência, favorece uma nova forma de pensar: a chamada cibercultura, em que a lógica racional é hipertextual, não linear e interativa, conforme afirmam, entre outros pesquisadores, Nova e Alves (2002, p.1):

A presença dos elementos tecnológicos na sociedade vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construir conhecimentos. Somos hoje praticamente *vividos* pelas novas tecnologias!

Este fenômeno propicia lógicas de agrupamentos sociais outros, em consequência de ações culturais pertinentes à cultura digital. Os ambientes existentes no ciberespaço são virtuais, mas nem por isso deixam de formar grupos, comunidades e redes – sociais, de aprendizagem, de relacionamentos –, visto que o virtual não se opõe ao real (LÈVY, 1996).

O tipo de comunicação oferecido na *internet* é seu grande atrativo. A rapidez, abrangência e a objetividade com que a mensagem é passada é um grande diferencial no que tange aos meios de comunicação de outra natureza. Além destas características, a *internet* possui uma particularidade que é a interatividade, uma ação de troca contínua das funções de emissão e recepção comunicativa. Os ambientes digitais, neste sentido, têm um papel singular de promover níveis de interação, tal como conceituou Pierre Lèvy (1999), do tipo Todos-Todos e não mais Um-Um, nem Um-Todos. Com isso, mais do que o telefone, a televisão, o rádio, cinema ou vídeo, o computador conectado à *internet* proporciona interação em tempo real, entre múltiplos indivíduos.

O primeiro modo de comunicação entre pessoas por meio da *internet* foi o e-

² World Wide Web significa em português “rede de alcance mundial”, também conhecida como Web ou WWW. World Wide Web é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet. (SIGNIFICADO, [2011])

mail. Também chamado de “correio eletrônico” (forma portuguesa de *eletronic mail*), era a única maneira de compartilhamento de arquivos e troca de mensagens entre os usuários e é utilizado até hoje. Na atualidade, no entanto, a chance de interação é ainda maior em comunidades virtuais e redes sociais, já que nesses espaços há a possibilidade de encontrar um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Com isso, podem-se criar grupos com liberdade de discutir qualquer tema e compartilhar informações (RECUERO, 2009).

Para Recuero (2009) foi o surgimento dos chamados *sites* de redes sociais, a partir da década de 90, que complexificou ainda mais os fluxos informacionais. Atualmente, estas redes já fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas ao redor do globo. Sua evolução seguiu o avanço da *internet*, segundo Carvalho e Kramer (2013, p.80):

Na onda dessa revolução, as redes sociais popularizaram-se rápida e massivamente, trazendo muitas novidades no campo da comunicação. O grande pressuposto-base da existência dessas redes é a preponderância da internacionalidade na construção e na troca de informações.

Embora compartilhem aspectos comuns, como a reunião de pessoas para intercâmbio de informações e opiniões e a interação, diferentes modelos e edições de redes sociais foram sendo criados ao longo do tempo. Algumas delas são as seguintes (JESUS, 2012):

a. *Classmates*

Foi criada com o intuito de realizar um reencontro entre amigos de faculdade, escola, e de outros ambientes que envolvessem pessoas em contextos de ensino-aprendizagem. Surgiu em meados do ano de 1995 e figura como a primeira rede social da *internet*. Através dela, os laços criados foram transpostos para o ambiente *online*. Teve destacado sucesso no Canadá e nos Estados Unidos. Outro aspecto que a diferencia de redes posteriores é que possuía um serviço pago.

b. *AOL Instant Messenger*

Um dos primeiros provedores de *internet*, a *America Online*, também foi uma das pioneiras na categoria "bate-papo", com a *AOL Instant Messenger*. Os primeiros *chats online* promovidos pela AOL foram criados no ano de 1997 e, mesmo com o acesso limitado aos assinantes do provedor, o AOL Messenger teve grande repercussão na sociedade.

c. *Sixdegress*

Também em 1997, surgiu a *Sixdegress*, que foi a primeira rede social que permitiu a criação de um perfil virtual, a publicação e a listagem de contatos. Este novo modelo de rede social permitiu a visualização de perfis de terceiros. O nome *sixdegress* faz referência aos seis graus de amizade, um conceito que defende que a cada seis pessoas que conhecemos, temos um amigo em comum.

d. *My Space*

O *My Space* foi uma rede totalmente interativa, criada em 2003, com espaços para música, fotos e um *blog* que poderia ser personalizado pelos usuários. Ele se tornou uma das redes sociais mais populares no mundo, principalmente nos Estados Unidos. Até hoje ele é utilizado para divulgação de trabalhos de músicos e artistas em geral.

e. Orkut

Criado em janeiro de 2004 pelo engenheiro turco, funcionário do Google, Orkut Büyükkökten, a rede social surgiu com o objetivo de fazer com que seus usuários criassem novas amizades e mantivessem as antigas, procurando estabelecer um círculo social. No início, era necessário ter um convite para criar um perfil na rede social, mas depois o *site* liberou a entrada para qualquer pessoa que possuísse um endereço de *e-mail* válido. Devido a essa rede social, uma expansão na criação e abertura de *lan houses*³ foi notada na sociedade brasileira. O Brasil, aliás, foi um dos países que mais utilizou o Orkut. Como consequência disso, o português brasileiro foi a primeira língua estrangeira em que o Orkut foi disponibilizado.

f. *Facebook*

Ainda em 2004, outra rede social foi criada, o *Facebook*. Ela foi fundada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Cris Hughes, ex-estudantes da Universidade de Harvard. Teve como objetivo inicial interligar estudantes de sua universidade de origem. No entanto, em 2006, foi aberto ao público em geral e

³ *Lan houses* são estabelecimentos comerciais nos quais as pessoas pagam para utilizar um computador com acesso à Internet ou acessar a rede local.

qualquer pessoa com mais de 13 anos de idade poderia criar o seu perfil no *Facebook*.

Atualmente, o *Facebook* lidera o segmento de redes sociais. Tem utilizado inúmeras estratégias com o objetivo de manter seus usuários o maior tempo possível conectados à *internet*. O *Facebook* possui um sistema de informações que são repassados para empresas interessadas em exibir propagandas para um público direcionado. Essa rede social tem crescido à medida que cria um ambiente completo, no qual jogos, aplicativos e recursos proporcionam aos usuários um leque cada vez maior de atividades dentro da rede social (JESUS, 2012).

A disseminação de redes sociais como o *Facebook* propiciou a busca pelo conhecimento de novas culturas e novas línguas, a partir do contato e aproximação entre indivíduos. Estes passaram a poder trocar informações, compartilhar, desenvolver algum tipo de aprendizagem, entre outras possibilidades nesses ambientes.

A princípio, as redes estavam sendo usadas primordialmente para promover a interação. Isso, naturalmente, continua a ocorrer. Constatamos, com base nos perfis traçados hoje, que tal interação ocorre geralmente pela mediação da palavra escrita e, conseqüentemente, da leitura, em cuja atividade centram-se as nossas preocupações de pesquisa no campo da linguagem.

2.1.2 Algumas redes sociais hoje

Devido à própria carga polissêmica do termo *redes sociais* e ainda pelos escassos trabalhos científicos considerando esses objetos de estudo, importa-nos deixar evidente o lugar de onde falamos nesta pesquisa quando nos referimos a tal termo. Sobre essa limitada produção científica, inclusive no campo das ciências da informação, nos aponta Marteleto (2010, p.36):

A literatura de redes sociais publicada sob o formato de livro no campo da CI é mais esparsa se comparada aos periódicos, reafirmando a recenticidade científica alcançada no emprego do conceito e das metodologias correspondentes. No entanto, esta constatação indica vias promissoras de sua aplicação nos estudos da informação e suas múltiplas configurações nas práticas e nas relações sociais e organizacionais.

A pesquisadora trabalha com o termo “redes sociais” como “um conjunto de

participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p.72). Reconhece a divulgação do termo assim como a sua presença em diferentes âmbitos e discursos, reiterando que:

Redes sociais é um conceito onipresente nos dias de hoje e ocupa espaço crescente no discurso acadêmico, nas mídias, nas organizações ou no senso comum. Seja ele um operador conceitual ou uma metáfora, parece, em princípio, servir a dois fins. Primeiro, configurar o espaço comunicacional tal qual representado e/ou experienciado no mundo globalizado e interconectado no qual se produzem formas diferenciadas de ações coletivas, de expressão de identidades, conhecimentos, informações e culturas. Segundo, indicar mudanças e permanências nos modos de comunicação e transferência de informações, nas formas de sociabilidade, aprendizagem, autorias, escritas e acesso aos patrimônios culturais e de saberes das sociedades mundializadas. (MARTELETO, 2010, p.28)

Buscamos, então, no campo das ciências da comunicação, o conceito que mais se acomoda a este trabalho. Isso porque, à parte da polissemia do termo, nos interessa centrar nossos esforços no que hoje se considera como redes sociais na rede mundial de computadores.

Dessa forma, estamos em consonância com o conceito apresentado por Recuero (2006, p.14): “as redes sociais na *internet* são as redes de atores formadas pela interação social mediada pelo computador”. Tais redes estão cada vez mais presentes no cotidiano dos brasileiros, sendo comum encontrar quem de alguma forma as utilize, já que estão crescendo em possibilidades técnicas e proporcionando diferentes formas de interação pelas quase ilimitadas funções que permitem ao usuário.

No Brasil, ao termo redes sociais na *internet* estão relacionadas pelo menos dez páginas com o fim de estabelecer redes de contato e promover a interação social. Conforme pesquisa divulgada em maio do presente ano pela empresa ComScore líder em tecnologia de *internet* que fornece análises do ambiente digital:

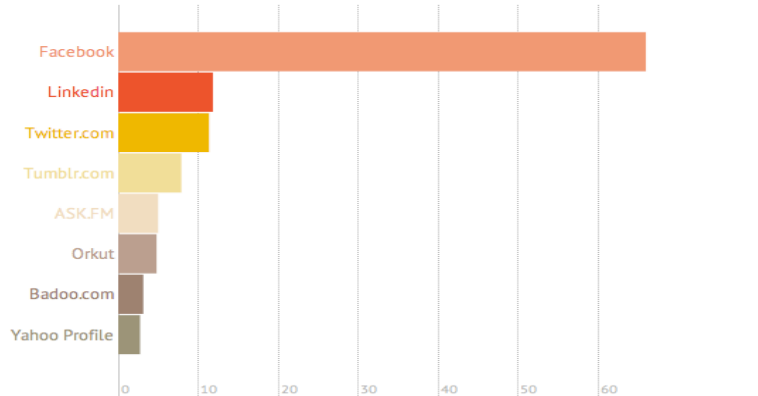
O Facebook segue líder absoluto na preferência do internauta brasileiro quando o assunto é redes sociais. De acordo com o relatório Brasil Digital Future in Focus 2014, realizado entre fevereiro de 2013 e fevereiro de 2014, e divulgado pela consultoria comScore, a criação de Mark Zuckerberg é a primeira da lista com 65,9 milhões de usuários únicos. A surpresa, porém, vem na sequência: com foco profissional, o LinkedIn cresceu 11% no último ano e ultrapassou o Twitter, tornando-se a segunda rede social mais acessada no Brasil.

De acordo com estudo, o LinkedIn atingiu a marca de 11,8 milhões de usuários ativos durante o período, contra 11,3 milhões do Twitter. Também figuram no ranking o Tumblr, com 7,9 milhões, o Ask.FM, com 5 milhões, e o Orkut, com 4,8 milhões (confira o ranking completo abaixo). (LINKEDIN..., 2014)

Figura 1- Popularidade das redes sociais no Brasil

A POPULARIDADE DAS REDES SOCIAIS NO PAÍS

Número de usuários únicos:



Fonte: LINKEDIN..., 2014

Partindo do exposto e considerando que, no interior deste trabalho, estamos nos referindo prioritariamente ao contexto social brasileiro, nos importa também tecer considerações sobre o fenômeno causado pelo aplicativo de telefonia móvel conhecido como *Whatsapp*. Isso porque, embora este não apareça no ranking das principais redes sociais, sabemos que tem feito parte do cotidiano de milhares de brasileiros. Sobre ele já se encontram reportagens que se referem ao *Whatsapp* também como uma rede social, conforme noticiado pelo jornal O Correio Braziliense, em janeiro deste ano (WHATSAPP..., 2015).

Considerando, então, o contexto social brasileiro, fizemos um recorte sincrônico voltado para as três redes sociais de *internet* atualmente mais difundidas no Brasil. Por meio de tal recorte, propomos a caracterização dessas redes: *Facebook*, *LinkedIn* e *Whatsapp*.

2.1.2.1 Facebook

O *Facebook* é, provavelmente, a rede social que mundialmente tem mais adeptos hoje em dia. Segundo o *site* TechTudo (COSTA, 2014), a rede possui cerca de 1,2 bilhões de usuários em todo o mundo. Dentre eles, 44,6 milhões são

brasileiros, conforme pesquisa publicada no jornal O Globo (BRASIL..., 2012).

Os recursos nesta rede social são variados, o que pode explicar a alta adesão. O objetivo principal do *Facebook* é construir uma rede de contatos, por meio da adição de membros. A partir desta rede, pode-se estabelecer uma comunicação entre os usuários, seja “curtindo” algo, comentando, compartilhando, conversando no *chat*, ou, ainda, entrando em grupos e interagindo com páginas dedicadas a um objetivo específico. Pode-se também participar de eventos criados pelos contatos, assim como há o entretenimento dos jogos *online*.

As propagandas também são recorrentes na página inicial, depois de entrar na rede e, geralmente, são relacionadas a pesquisas e triagens anteriormente efetuadas no computador. Tais propagandas são atualizadas constantemente de forma que estão, em geral, acompanhando as ações do usuário no meio virtual, devido às seleções e buscas feitas por ele de acordo com seus interesses na *internet*.

Postar algo no *Facebook* significa que o membro da rede deseja tornar público o produto de uma publicação, originário do verbo em inglês *to post*, o que gerou o neologismo “postar”. Pode-se postar uma imagem, um *link*, um texto, um vídeo (tanto quanto em outros *sites*, como o *YouTube*), ou salvar o vídeo no próprio *Facebook*. Este tipo de publicação pode ser encontrado na linha do tempo do usuário, em eventos, grupos, páginas; ou seja, em todas as possibilidades de interação dentro do *site*.

O “curtir” é uma das atividades mais presentes no *Facebook*. Caso o usuário goste de alguma publicação de um contato, pode clicar no botão “curtir”, localizado no canto inferior da publicação. O usuário também pode “descurtir” uma publicação. Esta última palavra é um neologismo criado pelo próprio *Facebook*, para reduzir o que era anteriormente o *link* “curtir (desfazer)”.

Comentar uma publicação envolve emitir alguma opinião a respeito do publicado por outro membro. Além disso, o usuário pode comentar a própria publicação. Antes só era possível comentar com texto verbal. Atualmente, porém, pode-se comentar com imagens e fotos, o que ilustra a preocupação dos desenvolvedores em manter o *site* em constante efeito de novidade, preservando, assim, o interesse dos usuários.

Também é possível usar o espaço dos comentários para publicar *links*, que inclusive podem *lincar* a outras partes do *Facebook*, ou podem ser *links* que levam a

páginas externas a ele.

Pode-se, ainda, comentar em *posts* automáticos como os gerados por jogos e aplicativos próprios desta rede social. Isto é, quando um membro da rede está jogando e precisa de determinado acessório para prosseguir no jogo, o *Facebook* gera um *post* automático para tornar pública a necessidade do jogador. Este *post* automático, portanto, também pode receber comentários, pois o espaço para tal ação está previsto. Assim como se pode compartilhar o *post* e/ou clicar na opção que soluciona o problema do jogador.

Figura 2- *Post* automático gerado por jogo interno do *Facebook*



Quando um usuário clica em “Compartilhar”, o material postado por um membro de sua rede de contatos passa a figurar no perfil daquele, fazendo com que a partir do momento a publicação possa ser vista pelos contatos de quem a compartilhou. Assim funciona a cadeia de divulgação, por meio de compartilhamentos vários de contatos entrelaçados, logo, gerando a propagação do que é compartilhado.

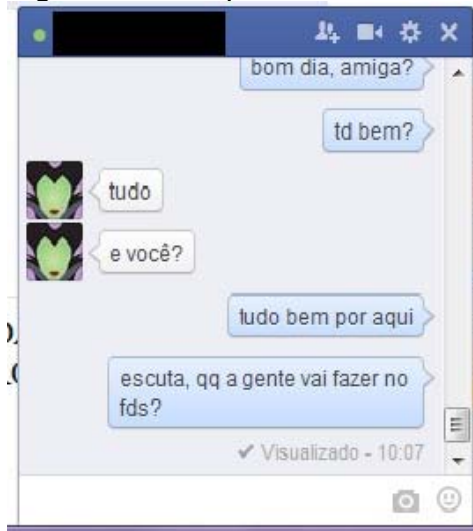
Figura 3- Post compartilhado



O *chat* é algo fundamental no *Facebook*. A barra de *status* dos contatos fica ao lado direito. Por meio desta barra, sabe-se se o contato está disponível naquele momento. Isso porque há a sinalização de um ponto em verde para quem está *online* e há uma pequena imagem de celular para quem tem o aplicativo do *Facebook* em seu telefone móvel, já que, assim, o contato poderá ver a mensagem enviada pelo *chat* tão logo o contato esteja *online*.

Outra possibilidade técnica do *Facebook* é que o usuário pode estar conectado a sua página na rede, porém desconectado no chat, já que as configurações permitem desativá-lo e reativá-lo de acordo com a preferência do usuário.

Ao clicar em algum contato, independentemente de ele estar *online* naquele instante, abre-se uma janela no próprio *site*, para que a conversa seja iniciada. A linguagem costuma ser informal, com abreviações, para maior agilidade na comunicação, assim como em outros *chats online*. Pode-se, além disso, saber se a mensagem foi visualizada ou não, através de uma informação abaixo da última mensagem enviada.

Figura 4- Exemplo de *chat* do Facebook

Com relação às páginas do Facebook, é possível dizer que são semelhantes aos perfis, nas quais os moderadores podem postar textos, imagens, *links*, vídeos ou qualquer outro material que o moderador, também chamado de administrador, da página desejar. O diferencial de se criar uma página está na quantidade suportada de contatos. Isso porque em um perfil há um número limitado para os contatos que é de cinco mil. Nas páginas, porém, não há limites. Para uma pessoa pública, como um artista, ou para a criação de algo que o usuário deseje que tenha maior alcance, a criação de uma página pode ser uma alternativa mais viável devido a essa capacidade ilimitada de contatos.

Figura 5- Exemplo de página no Facebook



Os jogos também são uma forma de interagir com contatos nesta rede social.

Quando pessoas se entretêm com o mesmo jogo, podem se auxiliar, enviando itens para os outros jogadores, ajudando-os em seus ambientes virtuais, gerando outra maneira de utilização da rede social. Exemplos de jogos são: *Candy Crush*, *FarmVille*, *Criminal Case*, *Dragon City*, etc.

Eventos são uma espécie de página especial dedicada a um acontecimento exclusivo. Nela constam a data, o horário e o local do evento. Ali os usuários convidados podem confirmar a presença, recusar o convite ou clicar em “talvez”, caso não tenha muita certeza se comparecerá. Estas páginas também contêm espaço para postagens, caso os convidados queiram conversar entre si, trocar informações, etc.

Figura 6- Exemplo de página de evento



Com a criação de um perfil tão específico do usuário, o comércio viu um modo de atingir a um público mais selecionado, direcionando os anúncios para os compradores mais prováveis.

Caso o usuário faça uma pesquisa no *Google* (site de buscas) e esteja conectado ao seu perfil no *Facebook*, os *links* dos patrocinadores, localizados em uma coluna no canto direito da tela, podem mudar. Assim, mostrando anúncios das empresas que prestam serviços relacionados à busca realizada. Desse modo, são coerentes com o interesse do usuário demonstrado por meio das buscas, e, inclusive, conforme os tipos de eventos em que este confirmou presença ou para o qual foi convidado nos últimos tempos.

O *Facebook* é um *site* repleto de recursos e possibilidades de uso. A criação

de Mark Zuckerberg proporciona aos usuários um ambiente composto de diferentes formas de interação, além de campo de estudo para pesquisas linguísticas, entre outras áreas do conhecimento.

2.1.2.2 *WhatsApp*

O *WhatsApp* foi criado pelo ucraniano Jan Koum, com a filosofia de “sem jogos, anúncios ou quebra-galhos”, como estava escrito em uma nota na parede do seu escritório (EFE, 2014). Trata-se de um aplicativo para *smartphones* que consiste em conversas em tempo real, envio de vídeos e imagens entre pessoas com conta no *WhatsApp*.

A conta do usuário é vinculada ao número do celular e nela pode-se inserir uma foto e uma frase de status. Também há a possibilidade de uso de imagens, chamadas *emoticons*, porém tais imagens ainda não são animadas.

Há a possibilidade de criar grupos fixos, para conversas coletivas, além de atribuir uma foto a tal grupo para mais rápida identificação.

O aplicativo é gratuito para aparelhos com sistema operacional OS e livre para uso por um ano para aparelhos com *Android*. Após esse período, o usuário deste último paga uma taxa de US\$ 1 por ano para que a conta não seja cancelada e possa voltar a usá-lo. Está disponível também para aparelhos com outros sistemas operacionais.

2.1.2.3 *LinkedIn*

O *LinkedIn* é uma rede social voltada para a área profissional. Neste ambiente pode-se criar um perfil profissional, relacionar amigos de trabalho, aqui chamados de “conexões”, descrever empregos e funções para referências futuras, entre outras possibilidades técnicas. Dados pessoais e foto podem estar inseridos neste perfil, facilitando a identificação dos usuários.

Essa rede social tem o objetivo de estabelecer relações de trabalho, gerando

uma rede de informações com foco no mercado laboral. Os contatos, no mundo corporativo, podem ser muito úteis, sejam eles para obter uma nova oportunidade de emprego ou conseguir informações sobre determinado colaborador. O *LinkedIn* tem essa função: otimizar o contato através de mensagens em uma caixa de mensagens, ou proporcionar outras formas de comunicação, como *e-mail*, telefone, *site*, etc.

Este *site* tem a atribuição de gerar um perfil voltado para o mercado de trabalho, com redes de contatos, descrições de experiências e formas de acesso ao membro, para o enriquecimento tanto do trabalhador quanto da empresa.

2.2 Relação entre redes sociais e suporte

Na parte deste trabalho que trata da questão do suporte e sua relação com os gêneros textuais (cf. capítulo 1.3), citamos a *internet* como um caso-limite, de acordo com a visão marcuschiana (MARCUSCHI, 2008). Isso porque, com relação à *internet*, ainda há consideráveis reflexões a serem feitas, não apenas no campo da linguagem, mas também em outros campos do saber, já que a rede internacional de computadores é complexa e recente, o que pode justificar a variação conceitual a respeito de sua natureza.

Devido ao limitado estudo também no que se refere ao suporte de textos, principalmente se pensamos no suporte virtual, é que damos continuidade neste capítulo às reflexões acerca do suporte na *internet*. Nosso foco recai, então, nas redes sociais virtuais, mais especificamente, o *Facebook*.

Em consonância com as proposições de Marcuschi (2008) e transpondo tais ideias para uma reflexão sobre as redes sociais, admitimos que elas não estão à parte dos três aspectos ponderados pelo autor. Ou seja, também: (a) são um lugar, neste caso, o ambiente virtual; (b) comungam de um formato e (c) servem para fixar textos; porque, ainda que comportem outras diferentes e complexas funções interativas entre os membros, praticamente tudo neste suporte é feito com a mediação da palavra escrita.

O que temos, então, é mais um modo de circulação social de vários gêneros textuais, resultado do desenvolvimento, da divulgação e da maior facilidade de

acesso aos meios informáticos nos dias de hoje. A conseqüente repercussão no meio social, no que se refere à comunicação escrita, é que, diante das diferentes possibilidades técnicas oferecidas por um suporte virtual como são as redes sociais, fazemos emergir formas novas ou formas reelaboradas de gêneros textuais para que atendam às atuais necessidades comunicativas. Defendem Souza e Carvalho (2007, p.2) que “o suporte então seria um condicionador do gênero, não só determinando, mas condicionando”. Isto é, as condições para que determinado gênero seja manifestado num suporte são apresentadas por sua capacidade de ser seu sustentáculo. Portanto, o suporte é o que condiciona a materialização do gênero textual, e, assim como o suporte de textos evoluiu com o passar do tempo, os gêneros por ele suportados também passaram por mudanças, devido a essa relação intrínseca entre eles.

De modo que o aprimoramento dos suportes textuais (conforme o apresentado no capítulo 1.3) só vem a comprovar o seu constante desenvolvimento para a divulgação da comunicação escrita ao longo do tempo. E, quando pensamos nas redes sociais virtuais, podemos concluir que, enquanto suporte, elas também comungam desse pressuposto que é a divulgação da comunicação escrita, que se materializa em um texto e, conseqüentemente, em um determinado gênero. Assim, quando se fala em suporte virtual, é necessário “que se leve em conta o ambiente – que, no mundo virtual, nasce através do e no suporte” (SOUZA & CARVALHO, 2007, p.8), isso porque, conforme pondera Donato (2014, p.42) “o suporte influencia tanto na natureza do gênero – ou seja, seus padrões de textualização – como também em sua recepção – com a criação de novas funções e a diferenciação da relação do leitor com o texto no ato da leitura”.

Pensando nessa relação do suporte com a natureza do gênero, a fim ainda de explorar melhor o processo de recepção do leitor nesse ambiente, é que seguimos, nos próximos capítulos, com as reflexões sobre o processo de leitura.

3 PROCESSO LEITOR

Sabendo que a problemática desta pesquisa envolve a caracterização do par *post/comentário* em redes sociais à luz da teoria de gêneros, consideramos relevante a inclusão de um capítulo sobre o processo leitor como ponte teórica entre o estudo dos gêneros textuais e a leitura. Isso porque é inegável que toda e qualquer participação dos sujeitos usuários das redes sociais se dá por intermédio da palavra escrita.

Assim sendo, a motivação deste trabalho é o fato de esses suportes digitais, e os gêneros textuais que nele circulam, poderem apresentar características que, de alguma forma, promovam especificidades no processo de produção e de recepção destes textos.

Não obstante, é preciso deixar claro que as reflexões sobre gêneros partem de uma discussão dos resultados de pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área da leitura mediada por computador na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nestes estudos, trabalhamos com a hipótese de que os processos leitores acompanhados teriam dificuldades ligadas ao maior desconhecimento ou menor intimidade com certos gêneros no ambiente virtual.

Dessa forma, tentar entender e propor caminhos teóricos de modo a contribuir com esse campo de estudo, ainda pouco explorado, nos pareceu relevante.

Destarte, o caminho percorrido no grupo de pesquisas sempre teve como motor a leitura e foi exatamente esta que nos levou às pesquisas sobre gêneros textuais em ambiente digital.

Ao caracterizar os gêneros, portanto, vimos a necessidade de incluir reflexões que dialogassem com os procedimentos de leitura, sob o ponto de vista sociocognitivo, mais especificamente no interior da proposta de uma bipartição entre leituras unidirecionais e multidirecionais.

Este capítulo não pretende ser exaustivo porque reconhecemos o quão vasto são os estudos sobre a leitura de um modo geral e que grandes contribuições já foram feitas no campo da linguagem. Em consonância com Vergnano-Junger (2009, p.1), entendemos que “a história da leitura remonta ao próprio surgimento da escrita e à necessidade de ler os registros que se produziam”.

Logo, devido à existência de tão vastos estudos relacionados à atividade

leitadora, pontuamos que o que de fato julgamos necessário nesta pesquisa é situar o lugar de onde falamos, o que entendemos por leitura e como essa leitura serve de base ou contraponto para a caracterização do gênero. Inclusive considerando que, em um ambiente virtual como as redes sociais, a produção, a recepção e a interação entre sujeitos usuários destes gêneros passa, necessariamente, pela leitura.

3.1 Leitura e bipartição dos modelos teóricos

De acordo com a concepção de Kenneth Goodman (1990, p.429), a leitura não é um método preciso que envolve assimilação exata, sequenciada de letras e unidades linguísticas. O autor propõe que:

ler é um processo seletivo. Envolve uso parcial de pistas linguísticas apreendidas por input perceptual encaminhado pela expectativa do leitor. Sendo processada essa informação parcial, decisões são feitas para serem confirmadas, rejeitadas ou refinadas enquanto o leitor avança.

Com isto, podemos afirmar que a leitura é um processo cognitivo que está, em certa medida, relacionado à previsão. Além da importância que exerce a expectativa de um leitor sobre um determinado texto, devem-se considerar, também, o insumo que recebe do texto e as experiências que ele vivencia/vivenciou e compõem sua bagagem de conhecimentos .

O leitor diante de um texto recorre a uma série de conhecimentos prévios: da sua vivência no mundo, do assunto tratado no texto, do contexto. Essa bagagem entra no processo de interação leitor/autor na reconstrução que aquele faz dos sentidos no texto (VERGNANO-JUNGER, 2010). Como nos expôs Paulo Freire (1989, p.40), “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca”.

Os objetivos para a leitura também desempenham um importante papel neste processo. Segundo Kleiman (2012, p.37), “os objetivos contribuem para a formulação de hipóteses”. Desta forma, suscita-se uma leitura mais significativa, com maior participação do leitor. Com os objetivos pré-estabelecidos e o uso de estratégias de leitura, o leitor consegue desenvolver a capacidade de identificar qual é a função social e/ou comunicativa de um texto e passa a “construir uma

interpretação adequada de seu significado” (COLOMER & CAMPS, 2000, p.37).

Assim como o leitor sofre mudanças com o tempo, as teorias sobre os processos leitores também passam por alterações e avanços. Apoiando-nos nas reflexões de Vergnano-Junger (2010), apresentamos as concepções de leitura mais tradicionais na forma de uma bipartição entre leituras unidirecionais e multidirecionais. A primeira perspectiva engloba o processamento ascendente de leitura e o processamento descendente. De acordo com a autora, o modelo ascendente é aquele em que o aluno parte do grau inferior do texto (sinais gráficos, palavras) para formar gradativamente as unidades linguísticas até chegar à frase e ao texto. Ou seja, parte do texto para o leitor (VERGNANO-JUNGER, 2010). A visão de língua que norteia esse modelo de leitura é a língua como estrutura.

Já na abordagem descendente, o processo ocorre de maneira contrária. Parte-se da mente do leitor para o texto, ou seja, considera-se que todo o processo de leitura está focado no leitor (VERGNANO-JUNGER, 2010; KLEIMAN, 1996). Castela (2011) nos esclarece que tal abordagem proveio dos estudos baseados na psicolinguística ainda no século XX.

Com o surgimento da abordagem descendente, na qual se estabelece a concepção cognitivista de leitura, a ênfase passou do texto para o leitor. No final da década de 70 e início da década de 80, desenvolvem-se muitas pesquisas sobre leitura com base nas teorias da cognição, as quais surgem a partir da Psicolinguística e tentam descrever os processos de compreensão que ocorrem com a leitura e identificar como se dá sua aprendizagem. No Brasil, essas abordagens se evidenciam a partir de pesquisas sobre dificuldades de leitura instrumental em língua estrangeira. (CASTELA, 2011, p.4)

Concluimos, portanto, que, enquanto no primeiro caso o leitor tem papel secundário e passivo, no segundo é o texto que, de certa forma, perde sua posição de destaque. Por isso, o foco no processamento da informação é considerado unidirecional, tomando apenas um elemento como centro.

Em consonância, pois, com a ótica de Vergnano-Junger (2010), Donato (2014, p.16) reitera que:

Conquanto haja significativas diferenças na configuração teórico-metodológica dos modelos ascendente e descendente, ambos são considerados unidirecionais por privilegiarem um único elemento do processo leitor na constituição do sentido de um texto. O modelo ascendente destaca a superfície textual como o centro da atividade leitora. No caso do descendente, o estabelecimento do sentido depende inteiramente do leitor.

Em relação ao processamento multidirecional, Vergnano-Junger (2010) nos aponta que pelo menos três modelos de leitura compõem este grupo: o interativo, a

vertente mais social da leitura interativa, isto é, o modelo sociointerativo e a abordagem enunciativa. Esta última, por sua vez, está alicerçada nos fundamentos da Análise do Discurso de origem francesa.

A segunda perspectiva da bipartição proposta está composta de modelos ou abordagens que partem da interação como característica fundamental no processo leitor (VERGNANO-JUNGER, 2010). Dessa forma, a ótica multidirecional de leitura acaba por ser considerada mais complexa. Isso porque enquanto na perspectiva unidirecional de leitura os dados/elementos considerados vêm de uma só direção, na multidirecional a leitura/o processo leitor se desenvolve no processamento de informações várias que vêm de diferentes direções.

No entanto, cabe observar que a proposta do processamento multidirecional não exclui os modelos de leitura, mas sim propõe uma conjugação de conhecimentos, estratégias, ações, os quais interagem entre si. Portanto, podemos entendê-la como uma articulação dos modelos tradicionais, a fim de mobilizar mais processos que possam descrever o processamento leitor.

Esta perspectiva, portanto, está mais concernente com o momento que estamos vivendo com a divulgação cada vez maior do uso das tecnologias de informação e comunicação. Isso tem proporcionado a potencialização das múltiplas leituras, do dialógico, do intertextual e do suporte que proporciona uma maior quantidade de elementos que podem envolver a leitura, o que se coaduna com as reflexões de Vergnano-Junger (2010, p.26), a qual reitera que as perspectivas do processamento multidirecional:

“(…)passam a reunir, também, elementos do contexto sócio-histórico, das situações de produção tanto da escrita quanto da leitura, dos processos de divulgação, das especificidades dos suportes nos quais o texto é veiculado, dos vários discursos que podem dialogar com o texto lido e com seu leitor, das características dos gêneros. Observamos, portanto, não apenas duas direções, mas várias, interagindo entre si. O sentido não é único, embora possa sofrer coerções diversas que o limitem (gêneros de discursos diferentes, ou características sociais, por exemplo). E, embora o texto não possa ser descartado nessa equação, cabe a cada leitor reconstruir e atualizar os sentidos a ele atribuídos, segundo os insumos que possui: sua bagagem de conhecimentos prévios e a intervenção de elementos sócio-históricos e discursivos.

Dos três modelos/abordagens multidirecionais mencionadas, o que melhor se adéqua a esta pesquisa é o sociointeracional. Isso porque seguimos uma proposta voltada para o tratamento da leitura sob a ótica da cognição, sem deixar, no entanto, de considerar que esta é um ato social, portanto, marcada por intervenções do meio

que perpassam tanto o produtor do texto quanto seu receptor.

Além disso, consideramos, em consonância com Vergnano-Junger (2010, p.25), que a leitura é “uma atividade complexa” e “uma das habilidades linguísticas normalmente associada à modalidade receptora escrita da língua”. A modalidade produtora escrita, conforme defendem Kleiman (2004) e Colomer e Camps (2000) é essencial e igualmente complexa. Dessa forma, podemos concluir que tanto a produção quanto a recepção de textos são tarefas de grande complexidade perpassadas pelos vários sentidos que circulam na sociedade e que, portanto, não estão alheios ao leitor ou ao autor.

Ainda considerando as práticas que envolvem a escrita na sociedade, em consonância com Marcuschi (2008, p.233), entendemos que “as atividades sociais e cognitivas marcadas pela linguagem são sempre colaborativas” e que “praticamente todas as nossas ações diárias mais significativas estão revestidas de linguagem”. O que não é diferente quando pensamos no ambiente virtual como as redes sociais, no qual as interações se dão por meio de trocas discursivas. Isto é, tanto as publicações, quanto os comentários que se fazem a partir delas, se dão por intermédio da produção escrita e do processo de leitura, interativamente, demandando colaboração.

Devido à corrente teórica sociocognitivista seguida nesta pesquisa, a perspectiva enunciativa, também considerada multidirecional, foi apenas mencionada e não fará parte do escopo teórico do estudo. Vemos a necessidade de explicitar de forma mais específica o modelo sociointeracional, o qual adotamos.

3.2 A perspectiva sociointeracional de leitura

Ao realizar uma leitura, num primeiro momento, podemos considerar que voltamos nosso foco para o leitor ou para o texto. Quando a atenção não está focada exclusivamente num desses dois elementos, dando relevância às bagagens sócio-históricas do leitor e do autor do texto, ao contexto e à sua interação (CORACINI 1995, p.15), temos a concepção de leitura denominada como sócio-interacional. Em consonância com Nunes (2005, p.9), entendemos que o ato de ler, na visão sociointeracional, “envolve a capacidade de usar recursos linguísticos e

extralinguísticos, que abrange sistemas diversos de conhecimentos e intervém, conjuntamente, na interpretação ou compreensão”. Isso porque o texto não traz consigo os significados de forma exclusiva, quem os constrói é o leitor. E o faz, negociando-os por meio da troca entre os insumos textuais e de sua bagagem de conhecimentos. Reitera Nunes (2005, p.9) que, nesta concepção de leitura, “há uma comunicação mediada por um texto escrito para o qual se constrói uma significação segundo o contexto ou a situação da atividade de leitura”.

De forma mais ampla, uma das noções que fundamenta a visão com a qual trabalhamos é, conforme apontado por Marcuschi (2008), a conclusão de que as representações coletivas antecedem as individuais. Dessa forma, quando se fala em abordagem sociointerativa, estamos diante de uma oposição à anterior noção de conhecimento como atividade individual. Perspectiva a qual compartilhamos com Marcuschi. Assim, em relação à leitura especificamente, de acordo com a perspectiva sociointeracional, trata-se de uma “habilidade linguística e social” (VERGNANO-JUNGER, 2010, p.26), portanto não poderia estar atualmente sob a ótica de uma atividade individualizada, porque está perpassada de questões sociais, históricas e cognitivas que fazem parte da própria língua, com intervenções do meio social com as quais o próprio leitor precisa lidar permanentemente. Esclarecem-nos a respeito deste tema as palavras de Donato (2014, p.18) ao reiterar que “a proposta sociointerativa tem como principal característica a articulação entre a cognição e o discurso, ou seja, os usos da linguagem situados sociohistoricamente”.

Na perspectiva sociointeracional de leitura, o leitor não é passivo, mas um agente que busca significações (GERALDI, 2011). Precisa, também, ainda que de forma inconsciente, dos processos e subprocessos, de saber orquestrar as inúmeras demandas que acabam por fazer parte do ato de leitura. Vários desses processos são construções coletivas, sociais, mas como é um processo de interação, consideramos, conforme apontam Koch e Cunha-Lima (2007), que a interação é parte essencial da cognição. Nesse contexto, estamos, então, sujeitos à influência de outros discursos que atravessam a leitura, mas também reconhecemos, por exemplo, que as características do suporte no qual o texto é veiculado e as especificidades do gênero dentro do qual foi produzido também invocam esquemas cognitivos de leitura (DONATO, 2014). Assim, entendemos que, tanto as demandas cognitivas, quanto as sociais, contextuais e históricas fazem parte do processo complexo de leitura, que, na perspectiva sociointeracional, é negociação e

reconstrução de sentidos.

3.3 A compreensão leitora: processos

3.3.1 Estratégias de leitura

De acordo com a posição teórica de Koch (1996, p.37), entendemos o termo estratégia como “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”. Assim, ao falarmos de estratégias de leitura, estamos nos referindo ao uso, em maior ou menor grau, de consciência do leitor com o fim de alcançar seu objetivo de leitura, conforme nos aponta Koch (1996, p.35):

Elas fazem parte de nosso conhecimento geral, representando o conhecimento procedural que possuímos sobre compreensão de discurso. Trata-se de operações mentais, que possibilitam a permanente formação, atualização e modificação de nossos modelos cognitivos (frames, scripts, modelos de situação).

Partindo desses posicionamentos, compartilhamos a visão de Koch (2011, p.50) que “as estratégias de ordem cognitiva têm, assim, uma função de permitir ou facilitar o processamento textual, quer em termos de produção, quer em termos de compreensão”.

Em Kato (1999), Solé (1998) e Kleiman (2012) encontra-se uma diferenciação fundamental entre dois tipos básicos de estratégias leitoras: as cognitivas e as metacognitivas. O ponto comum entre essas autoras a respeito dessa divisão é que as estratégias cognitivas são aquelas que administram o comportamento involuntário e inconsciente do leitor. Desse modo, essas estratégias estão mais ligadas à automação. Ao contrário, as metacognitivas relacionam-se aos princípios que regulam a desautomatização consciente das estratégias cognitivas. Metacognição refere-se, assim, ao conhecimento do leitor e ao controle que este tem de seu próprio conhecimento na atividade de leitura (KATO, 1999; SOLÉ 1998; KLEIMAN, 2012). Aponta Kato (2007) que as estratégias metacognitivas funcionam como mecanismos detectores de falhas. Logo, por não serem automáticas, são resultados de um esforço maior da capacidade de processamento do leitor.

Koch (1996) postula que, em relação ao processamento textual, todas as

estratégias são pragmáticas ou contextuais, já que se faz necessário recorrer ao contexto de produção e levar em conta o contexto cognitivo. Por este motivo, a autora defende uma visão ampliada da noção de contexto. Em suas palavras:

Para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos cognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes. Em outras palavras, seus conhecimentos enciclopédico, episódico, procedural, macro- e superestrutural ou esquemático devem ser, ao menos em parte, compartilhados (visto que é impossível duas pessoas partilharem exatamente os mesmos conhecimentos). Numa interação, cada um dos parceiros traz consigo sua bagagem cognitiva - ou seja, **já é**, em si mesmo, um contexto. A cada momento da interação, esse contexto é alterado, obrigando, assim, os parceiros a se ajustarem aos novos contextos que se vão originando sucessivamente. (KOCH, 1996, p.36)

Compartilhando das visões mencionadas, destacamos quatro diferentes estratégias de processamento leitor baseadas em Solé (1998).

1) Estratégias de seleção: permite que o leitor se limite apenas ao que é relevante.

2) Estratégias de antecipação: torna possível prever o que ainda está por vir, com base em informações explícitas ou suposições.

3) Estratégias de inferência: permite entender o que não está dito de forma explícita. São fundamentadas nas pistas presentes no texto ou baseadas no conhecimento prévio do leitor, de modo que não são aleatórias e permitem gerar novos sentidos.

4) Estratégias de verificação: tornam possível o controle da compreensão, permitindo confirmar ou não as previsões estabelecidas.

Conforme Koch (2011, p.50), “as estratégias cognitivas consistem em estratégias de uso do conhecimento”. No caso da leitura, o maior controle sobre as estratégias é relevante para a formação de leitores cada vez mais autônomos, que possuem a capacidade de aprender através da leitura de diferentes gêneros textuais. Dessa forma, espera-se também que possam consolidar relações entre o que já sabem e o que pretendem saber (KOCH, 2011). Isso porque o texto é “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (MARCUSCHI, 2008, p.242). Desse modo, o texto deve ser considerado em seu contexto de produção e na interlocução entre sujeitos no uso real da língua. Isso porque a construção de sentidos se estabelece na interação entre a produção discursiva dos sujeitos envolvidos, o meio sócio-histórico e a cognição (MARCUSCHI, 2008).

3.3.2 Conhecimentos demandados pelo leitor durante a leitura

Consoantes com a visão de Kleiman (2013) e Koch e Elias (2008), reconhecemos que o leitor participa da construção daquilo lê. Nesse processo de *coconstrução* e negociação de sentidos, o leitor recorre a uma multiplicidade de processos cognitivos.

Sabendo, portanto, que ler demanda a conjuração de processos complexos e estratégicos, pensamos ser relevante considerar os conhecimentos a que recorre o leitor diante de suas leituras, de acordo com a visão de Koch (2011) e Kleiman (2013), complementada por Marcuschi (2008) Colomer e Camps (2000). Para tanto, dividimos em 4 os principais conhecimentos declarativos prévios à leitura, a saber: o linguístico, o enciclopédico ou de mundo, o conhecimento textual e o interacional.

O primeiro envolve o conhecimento sistêmico da língua em que se lê. Tal conhecimento passa pela pronúncia, pelo domínio de vocabulário, da estrutura e das regras que compõem a língua e do seu uso nas práticas comunicativas.

O conhecimento enciclopédico ou de mundo é o conjunto de todos os saberes que o leitor traz consigo devido à sua experiência no mundo, à sua vivência. Sendo assim, é um conhecimento variável e que, ao longo da vida, vai sendo armazenado na memória. De acordo com Kleiman (2013), este conhecimento pode ser adquirido tanto formal quanto informalmente. Ele entra no processo leitor como uma bagagem ilimitada e que se reflete tanto na produção escrita quanto na compreensão leitora. Isso porque o leitor faz conexões entre esses conhecimentos anteriores e os insumos do texto para que ele infira sentidos e construa hipóteses sobre a leitura (KLEIMAN, 2013).

O conhecimento textual se refere àquele relacionado à estrutura dos textos que circulam na sociedade. Este saber contribui, por exemplo, com a postura que precisa ser adotada pelo leitor diante de um determinado gênero textual, orientando também o alcance dos objetivos de leitura propostos. Conforme reitera Kleiman (2013, p.23), “o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável na compreensão”. Isso porque, como defende Marcuschi (2008, p.243), “os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular”. Desse modo, o conhecimento das formas de

textualização vem à tona durante a leitura porque compõe seus elementos procedurais.

O quarto conhecimento é o interacional, o qual se refere às formas de interação em sociedade por meio da linguagem. Na visão de Koch (2011), este conhecimento abarca outros quatro conhecimentos:

- a) o ilocucional: relacionado aos objetivos e propósitos do produtor do texto;
- b) o comunicacional: que se refere a normas instituídas em sociedade para a comunicação humana;
- c) o metacomunicativo: aquele que permite detectar problemas na comunicação a fim de garantir a compreensão do texto produzido;
- d) e o superestrutural, o qual se relaciona e reforça o que já foi apontado sobre o conhecimento textual, já que é o conhecimento que “permite reconhecer textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social” (KOCH, 2011, p.49).

Creemos caber uma observação final quanto aos conhecimentos demandados pelo leitor durante a leitura. Em consonância com Colomer e Camps (2000, p.57), há um saber fundamental, ao qual elas chamam de conhecimento da situação comunicativa, que dialoga com o conhecimento interacional (KOCH, 2011). Conforme reiteram (COLOMER & CAMPS, 2000, p.57):

un tipo de conocimiento básico sobre el escrito se deriva de su particular situación comunicativa, ya que en la comunicación diferida el lector tiene que aprender a contextualizar el texto a partir de los elementos presentes en el escrito: habrá de entender el tipo de interacción social propuesta por el escritor (qué objetivo tiene la comunicación, desde qué lugar y tempo se produce, qué relación refleja el registro lingüístico que utiliza, etc.), así como también habrá de contrastar su propia finalidad de lectura, que puede coincidir en mayor o menor grado con la del escritor.

Tal conhecimento não se trata, então, de outro tipo de conhecimento e sim de algo intrínseco ao conhecimento sobre o escrito, pois se trata da habilidade do leitor de contextualizar o texto, que equivale, em certa medida, ao interacional proposto por Koch (2011).

3.4 Leitura em ambiente virtual: hipertexto e multimodalidade

Ainda que de maneira desigual, a tecnologia está integrada à nossa vida em sociedade e essa integração tem influenciado nossas ações no mundo. Com a expansão cada vez maior dos meios informáticos e com a notável velocidade com que as informações são processadas no meio virtual, assistimos a reiteradas discussões sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação, inclusive como ferramentas de pesquisa. É no recorte de uma dessas discussões que tratamos a questão do hipertexto.

Do ponto de vista funcional, Lévy (1996) afirma que um hipertexto é um tipo de programa para a composição de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação. Ainda de acordo com o autor, tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens gráficas ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem, eles mesmos, ser hipertextos.

Na composição de um hipertexto, o leitor produz uma série de antecipações para possíveis junções entre segmentos. Logo, esse meio de informação conecta-se através dos nós, os quais oferecem caminhos diferentes para a leitura. Por outro lado, em relação à leitura do hipertexto, Lévy (1996) aborda a questão de a leitura hipertextual não ser nova, pois defende que antes mesmo do uso dos computadores ela já era possível. Essa ressalva dialoga em grande medida com o proposto por Koch (2011, p.3): “a compreensão não se dá de maneira linear e sequencial, como se pensava antigamente, o que vem a constituir um argumento a mais para afirmar que todo texto é um hipertexto”. Isso porque, reitera a autora (2011, p.63), “na construção do sentido há um movimento em variadas direções, bem como o recurso ininterrupto a diversas fontes de informação, textuais e extratextuais”. É nesse sentido, portanto, que a leitura hipertextual, de fato, não é uma inovação.

Podemos dizer que o ambiente virtual reformou o espaço da escrita e da leitura, pois manifestou uma potencialização dessas atividades (LÉVY, 1996). Assim, o texto - “realizado em um novo espaço, o ciberespaço” (KOCH, 2011, p.63) – passou a caracterizar-se como hipertexto, já que o leitor paira sobre uma fatura de textos e contextos, que excedem as possibilidades de não sequenciação e não linearização e que, cada vez mais, se relacionam entre si em um ambiente ilimitado

(LÉVY,1996).

No entanto, outra ponderação é necessária: a deslinearização tampouco é privilégio do hipertexto. Conforme defende Coscarelli (2012, p.156):

A não-linearidade, bem como a determinação do começo e do fim, refletem mais uma postura do leitor do que uma imposição do texto, pois ele pode saltar partes do texto impresso, assim como fazer uma leitura “linear” no hipertexto, seguindo, por exemplo, a ordem das opções apresentadas no menu.

Desse modo, e “- pelo menos do ponto de vista da recepção – todo texto é um hipertexto” (KOCH, 2011, p.61). E toda leitura pode ser hipertextual, já que “envolve colocar em prática diversas habilidades cognitivas que refletem o funcionamento de vários domínios do processamento” (COSCARELLI, 2012, p.153).

Assim, embora “o hipertexto não seja um fenômeno do meio estritamente eletrônico” (MARCUSCHI, 2005, p.186), ao usarmos tal termo no interior desta pesquisa, estamos referindo-nos a uma forma de organização textual cujas características de não sequenciação e não-linearidade são potencializadas. Isso ocorre devido às possibilidades técnicas do computador conectado à *internet*.

Tendo como base, então, as características do suporte, em consonância com Coscarelli (2012, p.157), entendemos que:

Talvez possamos considerar como característica do hipertexto a junção de muitas mídias em um mesmo suporte. O hipertexto amplia os recursos do texto impresso, possibilitando acesso rápido aos conteúdos disponíveis nos links e uma utilização mais ampla de recursos sonoros e de animação”

Outra característica significativa do hipertexto abarca o que se pode entender como uma das principais novidades que o compõem: os chamados *hiperlinks*. Nas palavras de Koch (2011, p.64) estes são “dispositivos técnico-informáticos que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação on-line”. Para a autora, os *hiperlinks* também interconectam o leitor a outros *hiperlinks*, proporcionando caminhos vários de acesso a outros hipertextos; portanto, a outras leituras. Essas outras leituras podem ser compostas por diferentes formas de textualização. Outro aspecto que precisamos pontuar é a questão da multissensibilidade, ou multimodalidade, já que o avanço tecnológico tem proporcionado e potencializado, também, a conjuração de imagens, vídeos, músicas, entre outros, na configuração de um texto. Essa característica é frequentemente encontrada nos textos veiculados nas redes sociais.

De acordo com Dionísio (2011) a multissensibilidade ou multimodalidade é um traço constitutivo de todo gênero, sendo entendida como a conjuração de múltiplas

formas de linguagem, ou seja, de sistemas sígnicos diferentes e que compõem os sentidos do texto. Compartilhamos com a autora a visão de que os novos *layouts*, isto é, as organizações gráficas do texto, facilitam a identificação tanto do gênero como do suporte.

Assim, o leitor nas redes sociais conta com a conjugação de diferentes linguagens e elementos semióticos, devido às amplas possibilidades técnicas do suporte. Isso pode contribuir para o processamento e negociação de sentidos dos textos, porque, ao ter acesso a essas diferentes linguagens e recursos, o leitor agrega informações e sentidos aos textos. Também evoca esquemas de processamento textual.

Enfatizamos o conceito de multimodalidade, termo adotado nesta pesquisa, devido à análise de textos que, para sua compreensão, dependem de mais de um recurso semiótico, como os que são postados em redes sociais. Esta perspectiva é compatível com uma nova prática social que envolve leitura, leitor e tecnologia, já que entendemos que o sentido surge por meio da relação textual estabelecida entre os diferentes modos utilizados para sua composição e que não se deve pensar isoladamente cada um deles.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Problematização do Tema e Caracterização da Pesquisa

Nos dias de hoje, podemos constatar o crescimento das formas de linguagem mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Tal avanço é consequência de um novo paradigma tecnológico que começou a ser delineado nos anos 1960 (CASTELLS, 2005) e que rapidamente foi difundido pelo mundo, ainda que de forma pouco igualitária. A explosão informática, da qual participamos no Brasil desde a década de 1990, tem ressignificado nossos modos de interagir no mundo. Isso devido à rápida divulgação de novas formas de contato entre as pessoas, desde a instituição do *e-mail* e das conversas instantâneas até a criação e crescente democratização dos contatos interpessoais por meio de redes sociais virtuais (RECUERO, 2009).

O fenômeno das redes sociais, como discutido no capítulo 2 desta dissertação, vem contribuindo com a potencialização de determinados tipos de interação social, gerando, inclusive, possíveis mudanças nos comportamentos sociais. Como exemplo, podemos citar o mês de junho de 2013, momento em que o Brasil vivenciou uma série de protestos e manifestações públicas, em sua maioria convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL), por meio das redes sociais virtuais (HARVEY; MARICATO, 2013). Isso levou às ruas milhares de cidadãos unidos em mobilizações em prol da redução do valor da tarifa dos transportes públicos, assim como pela luta por outros direitos sociais.

Partimos, portanto, do pressuposto de que as redes sociais virtuais estão possibilitando mudanças nos comportamentos sociais e que tais mudanças passam, necessariamente, pelas práticas comunicativas. Seguindo esse pensamento, reiteramos que nós nos comunicamos por meio de textos e estes se organizam em gêneros (MARCUSCHI, 2008). Consequentemente, se queremos discutir o papel dessa prática comunicativa em rede social, é necessário falarmos em gênero.

Entendemos, assim, que, se surgem novas atividades ou formas de realizar tarefas antigas, cabe, então, pensar sobre de que modo tais atividades se concretizam por meio da palavra, no relativamente recente ambiente virtual. As

atividades sociais que estão sendo promovidas por essas redes aliam a ação pela palavra escrita à mediação pelo suporte digital, através dos recursos tecnológicos (RECUERO, 2009). Assim, podemos vislumbrar que alguns gêneros textuais podem estar emergindo para atender a tais necessidades. Outra possibilidade, ainda, é que se estejam transformando gêneros antigos em novos, atribuindo-lhes outras características - estruturas, conteúdos e/ou funções. Como Marcuschi (2008, p.190) reitera, “os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas”. Para o autor, modelos que circulam em suportes materiais, como o papel, podem, então, ser reelaborados e passar a figurar no meio virtual com usos equivalentes ou modificados, já que os gêneros variam de significação dependendo da situação comunicativa (MARCUSCHI, 2008).

Partimos, então, dessas hipóteses e dos fundamentos sobre o caráter sócio-histórico dos gêneros. E, assim, propomos, nesta pesquisa, reflexão e análise acerca das possibilidades de aparecimento de novos gêneros textuais para atender às recentes necessidades no campo da linguagem. Isso porque entendemos que estas nascem em decorrência das atividades sociais que estão sendo promovidas pelas redes sociais virtuais.

Encaramos as práticas desenvolvidas nas e por meio das redes sociais sob o aspecto das relações entre as pessoas em sociedade. São suas interações e necessidades que motivam suas escolhas e ações (CASTELLS, 2005). Tais práticas são relativamente recentes, se consideramos sua historicidade, ainda com várias lacunas em termos de reflexão teórica, inclusive no campo da linguagem, razões pontuais para o interesse na matéria.

Devido a essa novidade do tema, o campo de estudos sobre o objeto “redes sociais” ainda não conta com vasta bibliografia. Isso motivou a opção por um estudo documental, de cunho qualitativo, a partir da rede social *Facebook*. Concretamente, fixamo-nos no estudo do par *post/comentário* à luz da noção de gêneros textuais. Tal opção se deu em função de uma pesquisa que realizamos anteriormente, na qual definimos o comentário como um gênero textual em ambiente virtual (LIMA; RANGEL, 2013)⁴. Na ocasião, trabalhamos com a rede social *Facebook*, porém o

⁴ Monografia de curso de especialização feita em parceria com Priscila Cristina dos S. Rangel cujo

estudo não abarcou a questão do *post*.

Dessa forma, a hipótese que lançamos, neste novo trabalho, é a de que *post* e comentário são um par que precisa ser estudado em conjunto; cabendo, agora, discutir se são dois gêneros textuais ou não. E, se o são, como caracterizá-los.

Também, no que se refere especificamente ao *post*, propomos questionar se seria uma ferramenta, ou se haveria especificidades que pudessem de fato caracterizá-lo como gênero textual específico em (algum) ambiente digital. Se ferramenta, porque nele se difundem textos que podem ser inseridos em um determinado gênero prévio, cabendo a ressalva de se é possível atribuir uma nova função social a esses gêneros postados: a de compartilhamento. Esta função comunicativa inerente ao *post* permite-nos constatar, à priori, a insegurança de uma ou outra classificação (gênero ou ferramenta).

Em síntese, vimos necessidade de estudos em torno do tema, já que entendemos, a partir de Marcuschi (2008, p.61), que “a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas”. Como consequência, os sujeitos realizam suas atividades, seja no ambiente virtual ou em outros espaços sociais, por meio do uso da língua. A necessidade do estudo, portanto, nasceu da dúvida instaurada com a observação das práticas de linguagem em uma rede social como o *Facebook*. A partir deste estudo propomos, então, responder as seguintes questões:

- Se *post* e comentário são dois gêneros textuais ou partes de um mesmo fenômeno de comunicação/gênero;
- Se são gêneros, como caracterizá-los e diferenciá-los;
- Não sendo o *post* um novo gênero textual, que especificidades podem caracterizá-lo como ferramenta e quais os aspectos que o vinculam ao gênero comentário.

As perguntas e as hipóteses lançadas norteiam e justificam o desenvolvimento deste trabalho como uma tentativa de propor caminhos de pesquisa para uma problemática tão nova no âmbito dos estudos da linguagem. Objetivamos contribuir academicamente para o desenvolvimento de perspectivas teóricas acerca do tema.

4.2 Delimitação e organização dos dados

O *Facebook* é um suporte virtual para diversos materiais, que oferece possibilidades técnicas de interação síncrona, ainda que seja prioritariamente assíncrono. Como costumam ser os meios digitais, tem como característica oferecer recursos que permitem a criação, difusão e armazenamento de textos multimodais e hipertextuais (cf. capítulo 3.4). Dentre as várias redes sociais disponíveis, optamos por trabalhar com essa. Tal escolha se justifica por ser uma rede amplamente usada no Brasil, como nos apontam Carvalho e Kramer (2012, p.81):

(...) no Brasil, 75 em cada 100 usuários de internet, conectados à web, entram no Facebook, subindo esse número na Índia e nos Estados Unidos para 80 usuários. Dentre os demais países, apenas a China vetou seu uso. Mesmo assim, somam-se 845 milhões seus adeptos em todo o globo. Essa não foi a primeira rede social, mas tornou-se a mais atraente, com um maior número de recursos e possibilidades de interação, que facilitam a troca de imagens e vídeos em tempo real, mesmo sendo acessada por um telefone celular.

Conforme apresentado no subitem 2.1 deste trabalho, outra razão para a escolha do *Facebook* como objeto de estudo é o fato de nele os recursos serem variados. Isso pode explicar a alta adesão ao seu uso, já que é um ambiente/suporte que oferece diversas formas de interação entre seus usuários. Assim, feita a opção pelo trabalho a partir dessa rede social, selecionamos 43 pares *post/comentário* no período compreendido entre 1º e 31 de outubro de 2014.

A seleção específica de *posts/comentários* cujo tema versa sobre as eleições do ano de 2014 calçou-se em critérios de ordem social e comunicativa. Isto é, foram escolhidos devido à relevância do tema para a sociedade brasileira e pela produtividade comunicativa⁵ que este gerou na rede social trabalhada, no referido período. Quanto ao lapso de tempo da coleta, optamos por trabalhar com postagens do mês de outubro pelo fato de ele ter oportunizado a seleção de amostras sobre o tema determinado com uma periodicidade que abrange o período imediatamente anterior e o imediatamente posterior às eleições. Este abarcou, também, os dois turnos necessários à eleição presidencial.

Durante esse mês, foi possível constatar a divulgação das posições ideológicas dos membros da rede social trabalhada. Isso aconteceu de forma bem

⁵ Entendemos aqui por produtividade comunicativa o fato de as eleições 2014 terem suscitado inúmeras postagens e discussões sobre o tema.

marcada, gerando, inclusive, certa polarização na sociedade brasileira. Tal divisão social pode ser explicada fundamentalmente pelo fato de um candidato pertencer ao Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB, e a outra candidata pertencer ao Partido dos Trabalhadores, PT.

Ressaltamos que não consideramos *posts/comentários* sobre as eleições para o legislativo, tampouco os que se referiam aos governos dos estados. Acrescentamos, ainda, sobre o período de coleta, que o mês de outubro foi também o momento em que começamos a lançar um olhar mais apurado sobre o *corpus*, a partir dos estudos teóricos feitos. As observações prévias das postagens serviram, então, para conhecê-las de forma geral e tomar a decisão de usá-las no estudo documental. Como esta investigação é qualitativa, consideramos que o período determinado foi suficiente para obter o *corpus* de análise e avançar na discussão sobre o par *post/comentário* à luz da teoria sobre gêneros textuais.

Em busca de maior liberdade para coletar as amostras, preferimos usar nosso próprio perfil como ponto de partida, já que aparecem disponibilizados nele o que outros membros, nossos contatos na rede, postam. Isso ocorre porque, no momento em que um contato faz uma postagem, esta automaticamente aparece em nosso *feed* de notícias⁶, por meio de uma constante atualização realizada pelo suporte. Definimos essa forma de coleta de dados por considerarmos relevante ter a mínima restrição ao percorrermos as postagens e os comentários. Essa ação pareceu mais cabível, partindo de usuários que também fossem nossos contatos. Ainda assim, atendendo ao critério de ética e sigilo de pesquisa, as identidades dos participantes foram devidamente apagadas.

Para a estruturação dos dados usados na análise, primeiramente, foi necessário separar as imagens capturadas dos pares *post/comentários* em outubro das demais. Isso porque, como já foi mencionado, foram feitas coletas em períodos anteriores ao mês eleito para análise, para que pudéssemos tecer reflexões prévias e ir conhecendo melhor os materiais. Após feita a primeira seleção de pares *post/comentários* do mês de outubro, procedemos a uma segunda etapa seletiva, na qual separamos os pares que versavam sobre eleições presidenciais dos demais. Focando-nos nessa temática, eliminamos aqueles que tratavam de outros assuntos, chegando, assim, aos 43 pares de *post/comentários* que posteriormente foram

⁶ *Feed* de notícias é uma lista atualizada constantemente pelo suporte *Facebook* na qual aparecem posts, comentários e ações de curtir dos membros que acompanhamos na rede.

tabulados e salvos em arquivos de imagem separadamente.

Para melhor visualizarmos opções/critérios de produção deste material, formalizamos uma divisão dos 43 pares em: (a) *posts* de autoria própria, aqueles cujos membros da rede de fato escreveram/produziram; (b) *posts* de reprodução, aqueles que foram compartilhados na rede, mas vieram de outros suportes ou membros, não sendo especificamente escritos ou produzidos por aquele que os postou. Nesse caso, foram considerados como *posts* de reprodução os que apareciam “Via X” ou “Compartilhado de X”. E a terceira categoria da divisão considerou (c) os *posts* mistos, aqueles que mesclavam autoria própria com reprodução.

A partir de tal divisão, desenvolvemos um código para nomear os arquivos. Assim, consideramos que *Pax* se adequava à nomenclatura de *posts* de autoria, cujo x corresponde ao número daquele *post*. O mesmo procedimento foi adotado para os *posts* de reprodução, mas estes foram nomeados com o código *Pcx*, já que em princípio consideramos os *posts* de reprodução com a nomenclatura inicialmente idealizada de “*posts* de compartilhamento”. Foi, então, colocado um asterisco nos *posts* que continham material compartilhado, isto é, reprodução, e também continham publicação de autoria. Após o refinamento das nomenclaturas, para “*post* de autoria própria”, “*post* de reprodução” e “*post* misto”, preferimos não renomear os arquivos, mas inserimos nos quadros que estruturam os dados os códigos antigos e os códigos novos, estes últimos que, de fato, figuram na pesquisa. Conforme quadro mostrado a seguir.

Quadro 2 – Estruturação dos *posts* e quantitativo de comentários que os acompanham.

Código antigo	Código usado no trabalho	Quantidade comentário
Pa01	P01	4
Pa02	P02	2
Pa03	P03	4
Pa04	P04	2
Pa05	P05	0
Pa06	P06	4
Pa07	P07	2
Pa08	P08	1
Pa09	P09	0
Pa10	P10	4
Pa11	P11	1
Pa12	P12	0
Pa13	P13	28

Pa14	P14	4
Pa15	P15	2
Pa16	P16	4
Pa17	P17	0
Pc01	P18	2
Pc02	P19	0
Pc03	P20	0
Pc04	P21	0
Pc05	P22	1
Pc06	P23	1
Pc07	P24	2
Pc08	P25	0
Pc09	P26	0
Pc10*	P27	0
Pc11*	P28	0
Pc12*	P29	0
Pc13*	P30	1
Pc14*	P31	1
Pc15*	P32	0
Pc16*	P33	0
Pc17*	P34	1
Pc18*	P35	1
Pc19*	P36	1
Pc20*	P37	3
Pc21*	P38	1
Pc22*	P39	0
Pc23*	P40	2
Pc24*	P41	2
Pc25*	P42	2
Pc26*	P43	3

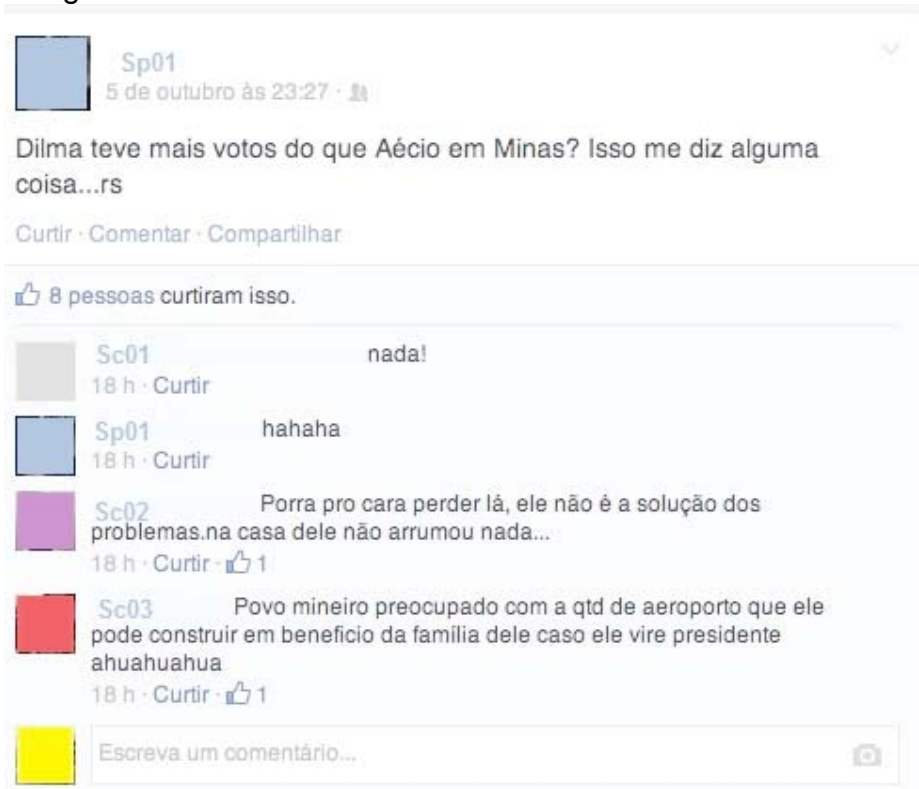
Legenda:

	Posts de autoria própria
	Posts de compartilhamento/reprodução
	Posts mistos
	Quantidade de comentários

Além da codificação descrita acima, para preservar as identidades dos sujeitos que publicaram *posts* ou comentários usados na pesquisa, os nomeamos como Spxx. A sigla “sp” é abreviação de sujeito que posta e xx números que vão do 01 ao 35, número sequencial correspondente à quantidade de sujeitos que postaram e figuram na pesquisa. O mesmo procedimento foi adotado para a criação do código dos que comentam. Usamos o código Scxx, sendo “Sc” correspondente a sujeito que comenta e xx ao seu número sequencial. Tais códigos foram usados no lugar da identificação dos sujeitos na edição das imagens capturadas dos 43 pares *post/comentário*. Esclarecemos, ainda, que os códigos originalmente atribuídos a

cada sujeito foram respeitados ao longo de todo o trabalho, de modo que, se, por exemplo, Spxx postou algo autoral e, depois, publicou um *post* de reprodução ou fez um comentário, tal sujeito aparece sempre com o mesmo código, independentemente do tipo de interação. Isso facilita a identificação do indivíduo ao longo de toda a pesquisa.

Figura 7 – Exemplo de *post* após edição de imagens e substituição de nomes por códigos



Nesse exemplo, podemos ver o sujeito que foi identificado como Sp01 (sujeito que posta 01) exercendo dois papéis distintos na postagem, pois, mesmo quando aparece fazendo um comentário, mantém a sua identidade de Sp01.

A edição das fotos dos sujeitos nas postagens, assim como o apagamento de seus nomes, foram feitos no programa *Paint Brush*, que não possui muitos recursos de edição. O código de cores utilizado segue o primeiro papel desempenhado pelo sujeito em dita postagem. Dessa forma, temos: o autor da postagem em azul, o primeiro comentarista em cinza, o segundo em roxo, o terceiro em vermelho, o quarto em verde e o quinto em rosa. No exemplo demonstrado, vemos que o Sp01 teve mais de uma ação, ou seja, postou e comentou. Sempre que isso acontecia, ele continuava sendo identificado com sua cor inicial.

Feita a organização dos dados, percebemos que contávamos com um *corpus* relativamente extenso. Devido, então, à própria limitação deste trabalho, preferimos

não apresentar todos os pares *post/comentário* coletados e examinados. A opção metodológica foi por estruturar todo esse material em quadros e/ou gráficos, discutindo-os e exemplificando. Assim, no capítulo a seguir, à medida que apresentamos tais amostras, problematizamos e discutimos suas implicações, a fim de responder às questões propostas nesta investigação.

4.3 Critérios de análise

Quando trabalhamos no contexto das tecnologias de informação e comunicação (TICs) aliado à linguagem, atentamos para o fato de que elas têm proporcionado o surgimento de novos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008 e 2010). No entanto, como nos esclarece o próprio Marcuschi (2010), não são as TICs que originam (ou não) novos gêneros, mas sim, o cada vez mais intenso uso dessas tecnologias e como elas influenciam nossas práticas comunicativas. A partir dos estudos teóricos empreendidos nesta pesquisa e do reconhecimento do avanço nas investigações no campo da linguagem em relação aos gêneros textuais, neste capítulo estabelecemos os critérios de análise para caracterização do par *post/comentário* em rede social. Para tanto, consideramos quatro pilares fundamentais de acordo com a proposta de Marcuschi (2010): a função, a forma, o conteúdo e o suporte.

Reconhecemos, no entanto, que esses elementos podem-se apresentar com graus de relevância diferentes dentro da caracterização do gênero. Assim, deixamos claro que há casos em que um ou outro aspecto de delimitação genérica pode se sobressair em determinadas circunstâncias. Como salienta Marcuschi (2010), ora o gênero será determinado mais especificamente pelo suporte, ora pela forma, ora por suas funções. Porém, o pilar que precisa ser destacado na sua constituição é exatamente o funcional (MARCUSCHI, 2010; KOCH, 2003; KOCH & ELIAS, 2008). Desse modo, ao pensarmos na caracterização do par *post/comentário* à luz da teoria de gêneros, sabemos que alguns aspectos podem sobressair-se mais que outros, mas consideramos fundamental pensar em seus quatro pilares de caracterização, conforme Marcuschi (2010).

No que se refere à função, assumida como a principal (MARCUSCHI, 2010;

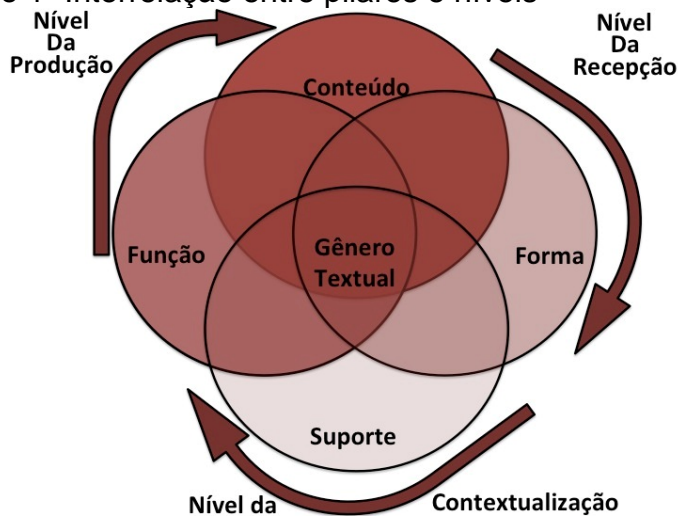
KOCH, 2003; KOCH & ELIAS, 2008), destacamos que a relevância está no propósito sociocomunicativo. Junto a esse pilar temos também a forma, que está relacionada à estrutura composicional que adquire o texto. Quanto ao terceiro pilar, o conteúdo, o que mais importa destacar é a questão temática. E, por fim, em relação ao suporte, observamos o lugar onde o texto é fixado, mostrado e por meio do qual o gênero alcança a sociedade (MARCUSCHI, 2008).

Para levar a cabo a análise e, então, responder às questões levantadas nesta pesquisa, entendemos, a partir de Donato (2014), que os quatro aspectos que aqui pontuamos, tomados como critérios, precisam ser considerados em três níveis fundamentais, os da:

- a) produção;
- b) recepção e
- c) contextualização⁷

O esquema⁸ a seguir mostra a inter-relação entre os quatro pilares para definição de gênero textual perpassados pelos 3 níveis explicitados.

Gráfico 1- Interrelação entre pilares e níveis



Em relação ao nível da produção, entendemos que está mais diretamente ligado à fala ou à escrita. No âmbito desta pesquisa, relaciona-se especificamente à prática escrita. No entanto, como nosso foco está na questão do gênero textual aliado à leitura, todo o arcabouço teórico sobre a categorização dos gêneros visa a

⁷ A proposta de Donato (2014) a respeito do “nível de interação” foi discutido por Vergnano-Junger, que passou a assumi-lo como “nível da contextualização”, apresentado na palestra *Leitura na sociedade da informação e formação de professores: um olhar sociocognitivo*, nas VIII JORNADAS DE ESTUDOS DA LINGUAGEM / UERJ – 2014, ainda não publicado.

⁸ O esquema foi feito pela pesquisadora a partir dos estudos teóricos de Marcuschi (2010), de Donato (2014), de Santos (2014) e da rediscussão de Vergnano-Junger (2014, conforme citado na nota anterior).

responder a questões que abarcam a recepção.

Desse modo, reconhecemos que os três níveis apresentados exercem suas influências sobre os quatro aspectos, devido à sua interrelação na composição/delimitação do gênero. Quanto ao nível da produção, porém, entendemos que este não existe sem o da recepção. Pois produzimos textos porque consideramos que alguém (mesmo que seja o próprio autor) irá recebê-los. Reconhecemos, portanto, a importância do nível da produção, inclusive porque há elementos que dialogam diretamente com os da recepção. Porém, pontuamos que, devido aos próprios limites estruturais deste trabalho e do foco que temos na leitura, foi preciso restringir esse nível para efeitos de análise. Isso porque não cabe, para responder nossos problemas, esmiuçar a escrita dos *posts* e dos comentários.

O que nos pareceu relevante destacar desse nível da produção no caso do *post* é se se trata de autoria própria de quem o postou, ou se essa produção tem origem em outros gêneros e autores. Tal aspecto nos permite diferenciá-los em relação ao tipo de postagem: se de autoria própria ou se de terceiro, sendo este último mais uma reprodução. Consideramos, ainda, se havia *posts* mistos, isto é, que mesclam essas duas possibilidades. O nível da produção, no caso dos comentários, foi pensado nos seguintes termos: se ele foi produzido para comentar *posts* ou para comentar comentários.

Nosso foco, então, não é a produção escrita do material em análise, e, por isso, não nos propusemos a discutir escolhas de estrutura, de conteúdo ou de suporte no que tange ao nível da produção. Focamo-nos na função sociocomunicativa que é chamada para esta produção, conforme explicado anteriormente.

Por fim, apesar de reconhecer que as escolhas do momento da produção também ajudam a desenhar/compor o gênero, fizemos uma opção metodológica de nos fixarmos no nível da recepção, já que nosso foco está na leitura e na produção de sentidos. Assim, no nível da recepção trabalhamos com as estratégias trazidas pelo leitor, nos conhecimentos que ele pode ter ativado e compartilhado, nos objetivos propostos, na negociação de sentidos a partir da recepção dos *posts* e dos comentários. Os comentários foram especialmente importantes para inferir os procedimentos estratégicos, já que se configuram como um produto de uma leitura.

Quanto ao nível da contextualização, foi importante refletir sobre o contexto de circulação sócio-histórica do par *post/comentário*. Fizemos tal opção para

entendermos o alcance da interferência desse contexto em sua delimitação, à luz da teoria de gêneros textuais.

A fim de que ficasse clara a análise, partimos de uma estrutura metodológica que parte sempre do par *post/comentário*, embora muitas vezes seja necessário primeiramente falar de cada um dos elementos que o compõem. Isso porque consideramos ser necessário verificar diferenças e especificidades de cada um, para, em seguida, estabelecer comparações e analisar o par, objetivando responder às questões da problemática levantada.

5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Um pouco sobre o par *post/comentário*

Devido à própria natureza do objeto de estudo desta investigação, o par *post/comentário*, decidimos começar este capítulo de análise descrevendo-o. Esse par alberga uma série de especificidades proporcionadas pelas possibilidades técnicas do suporte, sobre o que já foi dissertado no capítulo 2. Desse modo, ocupamo-nos, nestas primeiras linhas analíticas, em apresentar o par em estudo, destacando suas particularidades estruturais e funcionais permitidas por sua inserção no ambiente digital, mais concretamente, no *Facebook*. Justificamos essa descrição como forma de entendermos a influência do suporte na concepção de um (possível) gênero textual próprio do ambiente virtual, no qual os recursos eletrônicos são essenciais para sua composição. Além disso, tal descrição nos dá a clareza necessária para as análises, percebendo como os critérios arrolados no capítulo 4.3 se articulam para que possamos caracterizar (ou não) o par *post/comentário* enquanto gênero textual próprio do ambiente digital.

Quando um membro da rede social *Facebook* deseja fazer uma publicação, isto é, criar um *post*, ele encontra o seguinte espaço:

Figura 8 – Exemplo de estrutura do *post* no *Facebook*



Nesse espaço, o sujeito possui diversas possibilidades e recursos para construir uma postagem. Pode responder à pergunta inicial proposta pelos administradores do suporte, adicionar fotos ou vídeos, escrever algo de seu interesse, entre outras iniciativas próprias que comportem aquele espaço.

Na parte inferior do quadro, há uma série de ícones que possibilitam ações por parte do sujeito, de modo que ele possa construir o seu *post* a sua maneira, trazendo a ele maiores detalhes conforme a função de cada ícone, o que explicamos

a seguir. O primeiro tem a função de, ao clicarmos, marcar o nome de outros membros da rede no *post*. Desse modo, os nomes das pessoas selecionadas se tornam um lembrete para que tais membros se vejam naquele *post*. Os nomes se tornam, também, *links* de acesso ao perfil das pessoas ali indicadas.

Figura 9 – Exemplo de função do primeiro *link* na parte inferior do *post*.



O segundo ícone, se utilizado, traz ao *post* a informação do lugar que o sujeito deseja marcar como relacionado à publicação, conforme se pode ver na imagem a seguir. Em geral, o próprio suporte rastreia onde o membro está, sugerindo aquela publicação.

Figura 10 – Exemplo de função do segundo *link* na parte inferior do *post*.



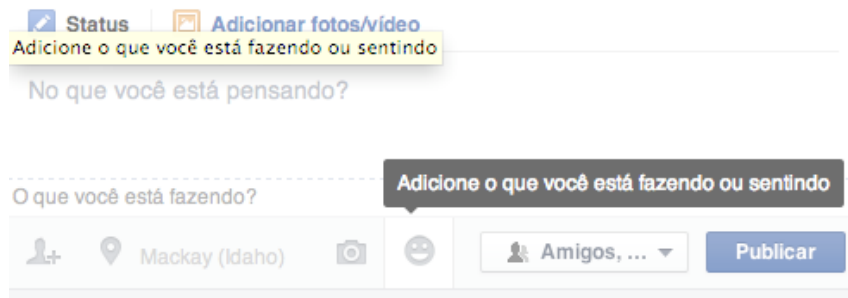
O terceiro ícone nos remete à possibilidade de anexar fotos à publicação. Ao clicar nesta opção, somos levados à janela com a estrutura de arquivos da máquina que estamos usando para selecionar alguma foto de nossas pastas como anexo a ser salvo no *Facebook*.

Figura 11 - Exemplo de função do terceiro *link* na parte inferior do *post*.



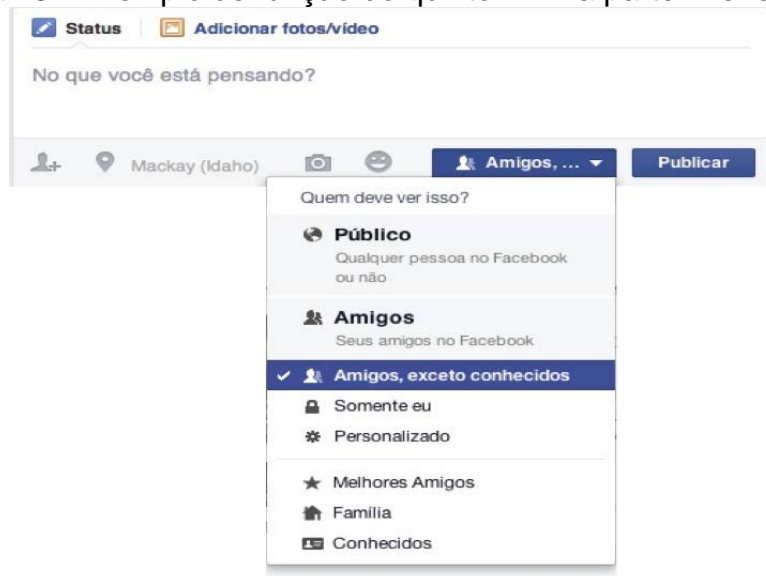
O quarto ícone tem a função de propor opções ao sujeito que posta em relação a seu estado anímico. Também permite especificar o que ele está fazendo no momento da postagem.

Figura 12 - Exemplo de função do quarto *link* na parte inferior do *post*.



A última opção de especificação do que será publicado diz respeito à seleção de pessoas que poderão visualizar aquela publicação.

Figura 13 - Exemplo de função do quinto *link* na parte inferior do *post*.



Conforme já foi mencionado, essas possibilidades técnicas são arranjadas e permitidas pelo suporte. No entanto, ao criar uma publicação, um *post*, o sujeito que o faz não necessita fazer uso de todas as possibilidades oferecidas, podendo recorrer apenas àquelas que lhe parecerem adequadas no momento da postagem. É obrigatório apenas, evidentemente, que haja algum material a ser publicado: um texto verbal, uma foto, um *link*, um vídeo, entre outros, e que o usuário clique em publicar para mostrar esse conteúdo. Desse modo, está claro que a primazia do *post*, sua função comunicativa básica, é tornar algo público, num contexto eminentemente interativo.

Publicado um determinado material, aquele conteúdo aparece na rede e pode ser visualizado pelo público determinado pelo sujeito que o postou. A partir de tal visualização, o público pode demonstrar sua interação com o material veiculado, ou com quem o postou, exercendo algumas ações como: compartilhar o conteúdo publicado, curtir e/ou comentar. A figura a seguir mostra um dos *posts* coletados no

qual podemos ver as três ações praticadas.

Figura 14 – Exemplo de ações possíveis ante um *post*



Nesta figura, podemos ver que o sujeito que posta (Sp29) fez uma postagem mista. Isso porque compartilhou na rede um material que não foi de sua autoria (a foto), mas também interveio por meio de uma publicação de sua autoria que acompanha a imagem compartilhada (“Em época de eleição a gente vê cada coisa...”⁹). Na parte inferior do *post*, vemos que o sujeito que comenta, Sc 36, realizou duas ações, a de curtir e a de comentar.

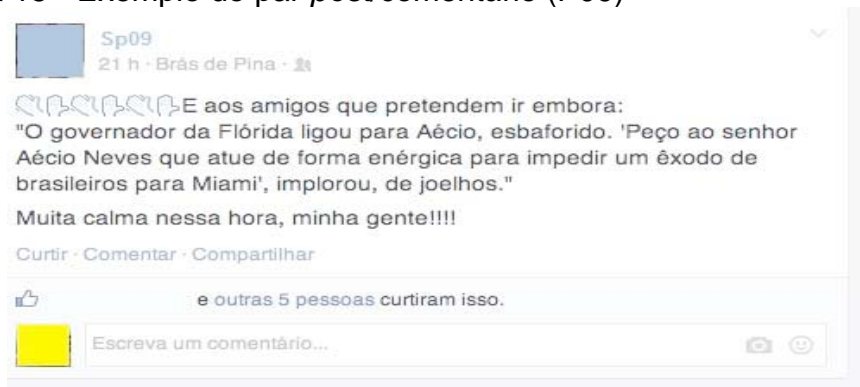
Em relação ao “curtir” e ao “compartilhar”, tecemos aqui algumas breves reflexões por entendermos que são ações que envolvem a recepção desses textos/materiais. Não podemos dizer necessariamente que houve compreensão leitora, nem o tipo de leitura realizada, ou como esta se deu, através dessa manifestação do “curtir”. No entanto, defendemos que é possível inferir que, ao “curtir”, os membros ao menos viram aquele material. Ainda que o “curtir” possa ser de outra natureza, voltado, por exemplo, a uma aprovação à pessoa que postou, conhecida pelo leitor, argumentamos que, com essa ação, o sujeito parece mostrar uma posição positiva/favorável em relação ao texto/material curtido.

⁹ J, o autor do *post* original, também escreveu um texto ao publicar a foto: “uma ótima noite”.

Quanto ao “compartilhar”, entendemos que esta ação já significa uma evidência de leitura menos frágil que o “curtir”. Pois, para o membro propor aquela mesma leitura a alguém, significa que este leu e avaliou o texto, favoravelmente, como interessante para ele e para outras pessoas de sua rede. Esta é a percepção que temos e que assumimos desta ação, ainda que não tenhamos maneiras de recuperar o processo leitor desse “compartilhar”.

Com relação à ação de comentar, esta possibilidade também nasce com o *post*, já que, no momento de sua publicação, imediatamente abaixo está reservado um espaço para comentários. Esse recurso oferece, inclusive, a possibilidade de inserir uma fotografia e figuras de estados anímicos, conforme se pode ver abaixo.

Figura 15 - Exemplo do par *post*/comentário (P09)



Nesse exemplo, vemos delimitado o par *post*/comentário. No entanto, examinando os pares coletados, percebemos que havia *posts* como este, sem qualquer tipo de comentário, pelo menos até o momento de coleta. Isso nos leva a defender que, embora o par seja, por assim, dizer, a forma completa de demonstração da interação entre sujeitos e seus textos, o *post* tem uma existência mais independente que a do comentário. Isso porque, o *post* existe com ou sem aquele e, é a partir dele, que se produzem os comentários.

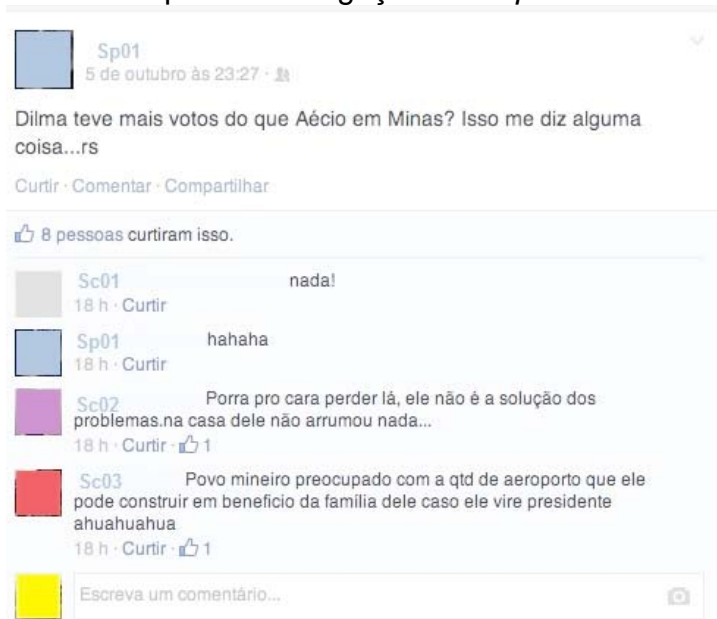
Por outro lado, há de se problematizar que o comentário é a instância de demonstração da interação propriamente dita e do processo leitor, em geral, sobre o *post*, mas nem sempre sobre ele. Como nos apontou Recuero (2003a), pode-se comentar os comentários e, por meio deles, novas redes se formam “no choque ou outras vezes na intertextualidade dos comentários, que reportam a outros fluxos e nós” (RECUERO, 2003a, p. 8). Em consonância com Recuero (2003a), acrescentamos que se pode, inclusive, ignorar o *post* ou os comentários feitos e comentar o sujeito que postou, ou aproveitar o espaço para inserir um *post* próprio do “sujeito comentador”.

Após essa apresentação do objeto em estudo, passamos à parte analítica, aprofundando-nos nas discussões que os exames dos materiais nos suscitaram.

5.2 O que os dados nos mostram em detalhes sobre o par *post/comentário*

Ao longo desta dissertação, viemos trabalhando acerca do que consideramos um par: *post/comentário*. Assim o fazemos porque, desde as reflexões teóricas aos exames dos materiais coletados, fomos verificando uma interligação entre os elementos desse par. Isso porque, quando um sujeito, membro da rede social *Facebook*, elabora um *post*, o espaço para o comentário é gerado automaticamente também (conforme mostrado na figura 15). Embora, como já indicamos, seja também possível que se elabore um *post* sem que haja nenhuma ação sobre ele. Isto é, pode ser que o *post* exista, mas que nenhum membro tenha expressado sua interação por meio do “curtir”, compartilhar e/ou comentar. O que salientamos dessa interligação entre *post* e comentário é que este não poderia existir sem que houvesse um conteúdo que o antecedesse. Entendemos, então, que, dentro do escopo desta pesquisa, o *post* é este conteúdo inicial que, de certa forma, faz disparar a criação do comentário. No exemplo a seguir, vemos essa relação entre *post* e comentário.

Figura 16 – Exemplo de interligação entre *post* e comentário (P01)



Nesse *post*, vemos que o Sp01 fez uma pergunta retórica e demonstrou que tal pergunta o leva a uma determinada conclusão, que parece ser negativa em relação ao candidato do partido PSDB. No entanto, ao analisarmos os comentários, vemos que o Sc01 parece contrário à conclusão a que chega o membro que postou. Embora haja essa contrariedade de opiniões, fica claro que o comentário do Sc01 é responsivo ao *post*, já que é possível perceber que o Sc01 quisera dizer “tal fato não significa nada para mim”. Portanto, de certa forma, retoma o postado na criação de comentário. Em decorrência dessa resposta do Sc01, o próprio membro que posta, Sp01, comenta com onomatopeia de risos, o que nos possibilita inferir que este leu o comentário de Sc01 relacionando-o, evidentemente, ao seu próprio *post*, considerando-o cômico. Neste caso, então, já temos uma variante. O *post* disparou o comentário, isto é, o comentário não surgiria se não houvesse o *post*. Porém, o segundo comentário, o de Sp01, não é totalmente responsivo ao *post*, mas sim um tipo de réplica, englobando, portanto, o comentário.

Seguindo estas reflexões, vemos que, no comentário do Sc02, este remete diretamente ao *post*, já que retoma a assertiva da postagem de que o candidato do PSDB perdeu as eleições em Minas Gerais e acrescenta que, devido a isso, tal candidato não poderia ser a solução para os problemas do país. O último comentário desse *post*, o do Sc03, também remete à problemática expressa na postagem original, mas com foco de atenção no povo mineiro. Já que o *post* diz que a candidata do PT teve mais votos em Minas, o Sc03 se reporta em seu comentário ao *post* falando especificamente do povo mineiro e dá uma possível razão para o candidato do PSDB ter perdido naquele estado.

Portanto, quando falamos no par *post/comentário*, sabemos que ressalvas são necessárias. Isso porque o próprio material examinado mostrou que, embora o *post* dispare a possibilidade do comentário, ou simplesmente chame a atenção para este, não raro os comentários tiveram por foco outros comentários, tecendo novas redes (RECUERO, 2003), recriando novas possibilidades que vão para além da postagem original. Outra amostra significativa dessas discussões iniciais é o *post* a seguir.

Figura 17– Exemplo de alteração de temática entre *post/comentário* (P13, parte 1)



Na discussão que seguimos, esse *post* vem exemplificar a alteração de temas que vimos acontecer em alguns dos pares *post/comentários* selecionados. Nele, vê-se que o primeiro comentário foi motivado pelo *post* de Sp13 e podemos fazer essa afirmação porque Sp03 retoma, principalmente pela presença do verbo perder, o que foi postado por Sp13. No segundo comentário, o de Sc19, percebemos que o sujeito leu o *post* de Sp13 e comentou, direcionando seu foco de atenção para o estado de Minas Gerais, inclusive fazendo uso do fragmento de uma famosa canção brasileira que cita tal estado. Trata-se de um exemplo, por isso, de intertextualidade com materiais externos ao ambiente visitado, que recorre a elementos da bagagem cultural do leitor/autor de comentário para a sua crítica satírica. Provavelmente, ele espera que esta bagagem seja compartilhada com os demais para intensificar a comicidade de seu comentário.

Percebemos, então, que este comentário também foi disparado pelo *post* de Sp13, porém vai além dele, porque, ao comentar, propõe essa intertextualidade por meio de uma determinada canção. Em seu comentário, além da referência cultural à canção, faz uso de *hashtag*. Esse é um elemento multimodal, por conter cor e letra diferenciada e ser um símbolo matemático. Mas é, também, essencialmente, hipertextual, já que, ao clicar nele, o membro da rede é levado a outras páginas da *internet*. Esses recursos são possibilitados pela inserção no suporte digital e não poderiam passar despercebidos em nossas análises. Isso porque, ao utilizar tais

recursos, o autor provavelmente considerou que contribuiriam com a posição defendida.

Continuando com a discussão do par *post*/comentário exemplificado na figura 17, vemos que o terceiro comentário, feito por Sp13, já não remete de forma direta ao *post*, mas sim traz à tona uma nova possibilidade: a de uma possível retaliação por parte dos contrários à ideia exposta originalmente. Desse modo, podemos afirmar que tal comentário está relacionado ao *post* de forma indireta, já que este pode ser o causador de comentários ofensivos. O comentário seguinte, outro de Sc19, é claramente responsivo ao terceiro comentário. A evidência é o uso do verbo começar, que também retoma o comentado anteriormente por Sp13. Da mesma forma, o quinto comentário, de Sp13, também é responsivo ao comentário de Sc19 e não exatamente ao *post*.

O que vemos com essas amostragens é que, ao procurarmos examinar as relações constitutivas do par *post*/comentário, não restaram dúvidas de que a interligação entre *post* e comentário existe. Afinal, o comentário não poderia surgir sem a existência prévia de um *post* e, ainda que de forma indireta, o *post* é que faz disparar o comentário.

Nesse ponto, reiteramos, como afirma Bonini (2011, p. 681), que “um gênero não existe no vácuo, mas na relação com outros gêneros”. Isso nos faz refletir sobre o dialogismo da linguagem proposto por Bakhtin (1997), transpondo tal pensamento para o par *post*/comentário. Isso porque, todo discurso é um interdiscurso e pressupõe algo. O comentário, dessa forma, não fica alheio a esse algo que lhe é pressuposto, que lhe é anterior e com o qual dialoga, nem com os diálogos com outros discursos. Estes últimos, dentro do escopo desta pesquisa, são principalmente outros comentários.

Refletimos, também, sobre a própria criação do *post* aqui exemplificado (ver figura 17). Entre outros aspectos, destacamos o uso de uma língua estrangeira – o inglês –, de seu prestígio social e do resgate indireto de frases feitas usando o advérbio estrangeiro de caráter radicalmente determinante de uma posição negativa. Isso permitiu a criação do jogo de palavras que compõe um novo nome para o candidato em foco. Assim, trocando seu nome original de Neves para Never, Sp13 mostra a não adesão às ideias, ou ao próprio candidato.

Salientamos que tal *post* teve 41 ações de “curtir”, nenhum compartilhamento e totalizou 66 comentários. Isso nos obrigou a fazer um recorte dos comentários

aqui exemplificados. Em primeiro lugar, o critério que usamos foi o de mostrar integralmente os cinco primeiros comentários, porque os consideramos arroladores dos demais comentários feitos. Em segundo lugar, examinamos todos os 66 comentários e delimitamos os sujeitos com os quais já estávamos trabalhando no decorrer da pesquisa e que pudessem, ao mesmo tempo, mostrar a mudança de temas no par estudado. Isso contribui para a explanação de modo a esclarecer melhor para o leitor o que estamos defendendo. Consideramos importante, também, dentro desses critérios, expor os comentários com início, meio e fim da conversa instaurada pelo *post*.

Figura 18 – Exemplo 2 de alteração de temática entre *post/comentário* (P13, parte 2)



Na figura acima, o primeiro comentário remete ao *post* da figura 17, negando o que nele estava expresso, justificando sua posição com dados de que uma parcela da população mineira estava, sim, a favor do candidato psdebista. Os comentários posteriores a este remetem quase todos de forma direta ao comentário inicial de Sc18 (figura 18), a exceção dos dois últimos. Nestes, vemos que o que entra em cena é mais uma discordância pessoal do que a questão política exposta no *post* e em comentários anteriores. Como podemos ver na figura acima, abandona-se o postado e comentam-se os sujeitos, o que podemos comprovar por

meio da referência a alguns deles nos dois últimos comentários.

Dessa forma, podemos ver que, algumas vezes, ignora-se o *post* e comenta-se sobre quem postou ou sobre quem comentou, o que também contribui para que outras questões venham à tona. Isso porque, ao dialogar com um determinado indivíduo de forma direta, os sujeitos envolvidos nesta troca dialógica, intermediada pelo suporte, fazem emergir diferentes contextos, experiências e, conseqüentemente, opiniões distintas.

Figura 19 – Exemplo 3 de alteração de temática entre *post*/comentário (p13, parte 3)



Conforme vemos no exemplo da figura acima, a alteração temática não para, chegando inclusive a virem à tona assuntos completamente alheios ao *post*, como questões muito específicas sobre currículo Lattes, a agência de fomento CAPES e dissertação de mestrado. Nesse momento, vemos que o *post* foi totalmente ignorado. A postagem disparou a discussão inicial que se refletiu na recepção dos primeiros comentários, mas o que continuou alimentando esse movimento em espiral foram os próprios comentários e comentadores, que expuseram questões, inclusive pessoais, que estavam além do *post*. Nesse sentido, podemos concluir que há certo grau de independência possível entre ambos os membros do par, em especial se a interação perdura.

Figura 20 – Exemplo de alteração de temática entre *post*/comentário (P13, parte 4): gradação



Ao terminar as postagens do par *post*/comentários aqui examinado, vemos que o *post* continuou sendo deixado de lado e a espiral foi se estendendo à medida que diferentes assuntos iam surgindo entre os comentadores. Alguns chegaram a pontuar sobre mercado de trabalho, intercâmbio de estudos e até construção de iates. O que nos leva a concluir que não existe um espaço para o comentário se não houver um *post*, por isso a dependência daquele em relação a este é um fato. Mas o comentário pode ser também de notícias, de artigo de opinião, de um produto comprado na *internet*, o qual se quer recomendar ou não recomendar. E pode, como vimos, originar digressões e derivações cada vez mais distantes da postagem original.

Entendemos que o comentário é possibilitado hoje pelo suporte informático e a dependência com outros gêneros faz parte de sua própria característica. Podemos nesse sentido, por exemplo, compará-lo ao gênero resumo, cuja existência é plena, mas depende de outro texto/gênero para existir. Assim nos levam a considerar os

exames iniciais dos pares coletados.

Após essa discussão, passamos à análise mais pontual, ocupando-nos de examinar os pares *post/comentário* de acordo com os critérios de composição dos gêneros textuais e níveis arrolados no capítulo 4.3.

5.3 Análise dos pares *post/comentário* segundo pilares e níveis

Como já pontuamos no quadro teórico, o gênero textual é uma categoria cognitiva, situada sócio-historicamente, na qual se inserem determinados textos (MARCUSCHI, 2008). Isto é, ainda que se apresente como um constructo relacionado à cognição, depende de fatores como a sociedade e a época em que circula. Ele também é um modelo cognitivo porque evoca esquemas armazenados nas memórias dos membros de determinada comunidade (ou daqueles que têm acesso às suas manifestações) daquele enquadre de texto. Tem a função comunicativa como um dos critérios mais relevantes para sua caracterização (MARCUSCHI, 2010; KOCH, 2003; KOCH & ELIAS, 2008), mas também é definido pela sua forma, seu conteúdo e pelo suporte por meio do qual o texto é mostrado, veiculado (MARCUSCHI, 2008). Esses três últimos aspectos se ajustam à sua função comunicativa.

Reiteramos, então, que são esses 4 elementos os que dão sustentabilidade à caracterização genérica. Os níveis com os quais trabalhamos, o da produção, da recepção e o da contextualização, perpassam esses 4 pilares (DONATO, 2014) e são olhares que lançamos para analisar esses elementos constituintes do gênero. Este é constituído socialmente, assim como é percebido/reconhecido no contato com os textos que a ele se relacionam. É preciso que alguém tenha produzido um texto e, ao fazê-lo, o produtor idealize o receptor que irá de fato legitimar e reconhecer aquele material enquanto texto/gênero. Ligado a essa troca dialógica, entre produtor e receptor, está o contexto no qual estão inseridas tanto a produção quanto a recepção daquele (possível) gênero. Tal contexto, como já explicitamos (cf. capítulo 1), refere-se a todos os elementos extratextuais, que situam e caracterizam os sujeitos e o próprio material produzido/recebido em um tempo e em um espaço determinados .

A partir de tais reflexões e das teorias que subjazem esta investigação, neste capítulo discutimos de forma mais aprofundada o que o exame do *corpus* nos revelou, pontuando nossa análise nos 3 níveis explicitados. Ao tratar de cada nível, refletimos sobre os pilares, abordando-os segundo o olhar a partir da produção, da recepção e da contextualização.

Por uma necessidade metodológica, a favor da clareza das discussões e ideias propostas, estabelecemos quatro divisões na organização deste capítulo de análise. A primeira delas destaca a discussão sobre o suporte. Assim o fizemos porque dos 4 pilares delimitadores do gênero, este é o que consideramos invariável em nosso *corpus*. Tal consideração leva em conta que o suporte aqui especificado é a rede social *Facebook* e, portanto, em toda e qualquer amostra que coletamos essa rede tem a função de expor, divulgar e armazenar o par *post/comentário*. Devido, então, a ser o suporte o único elemento essencialmente invariável deste estudo, o separamos dos demais pilares e começamos por ele a discussão. Dando sequência à análise, nas divisões seguintes, discutimos sobre os três níveis trabalhados, contextualização, produção e recepção, dentro dos quais refletimos sobre os outros três pilares: função comunicativa, forma e conteúdo. Cabe pontuar, também, que optamos metodologicamente por enfatizar o *post* no nível da produção e o comentário no nível da recepção. Fizemos isso porque o comentário é a materialização do processo leitor, favorecendo o estudo da recepção, além de ele já ter sido estudado. Por outro lado, o *post* é de fato a questão nova deste trabalho; assim, merece a maior ênfase dada no nível da produção .

5.3.1 Suporte

O primeiro pilar de que tratamos é o elemento invariável de nosso *corpus*, se comparado aos outros pilares considerados na caracterização de um gênero. Assim o é, porque, independentemente da função comunicativa exercida pelo par *post/comentário*, do conteúdo delimitado no material selecionado e da forma que o par assume, o suporte não sofre alteração. Trata-se, em todos os casos aqui discutidos, da rede social *Facebook*, que está na *internet* e é acessada por meio de um navegador que, por sua vez, só pode ser rodado, utilizado e acessado por meio

de um dispositivo informático (computador, *notebook*, *tablet*, ou celular).

Quando falamos, portanto, em suporte digital, tal configuração precisa ser vista primeiramente de uma forma mais global. Isso porque, como destacamos acima, o suporte neste caso congrega uma série de materiais físicos e virtuais (MARCUSCHI, 2008), que possibilitam sua existência e garantem seu funcionamento (cf. capítulo 2). Referimo-nos ao equipamento físico de uma tecnologia informática, o *hardware* (CPU, tela e periféricos), somado ao conjunto de programas e processos no tratamento da informação, isto é, o *software*. Além disso, assim como o sistema operacional da máquina, a própria rede mundial de computadores (*internet*) com todas as suas características e, na ponta desse *continuum*, o *site*, a rede social, são considerados nesta pesquisa como parte do suporte (cf. capítulo 2.2).

Portanto, corroborando o posicionamento de Donato (2014), assumimos que, para a configuração do suporte rede social *Facebook*, participaram todos os componentes físicos e virtuais ora elencados. De forma que estes não podem ser separados, posto que a rede social não pode existir sem a presença desses elementos.

Partindo de tais considerações, refletimos sobre quais características esse suporte pode imprimir na configuração do par *post/comentário* quando pensamos nos três níveis analíticos propostos nesta investigação. E, embora seja esse elemento invariante, sua interferência é relevante na constituição do par estudado, já que este se adequa/molda segundo a configuração promovida pelo suporte.

Tomamos, primeiramente, o nível da produção, que prevê e projeta uma recepção, não sendo, portanto, níveis estanques. O suporte estudado implica a riqueza de recursos tecnológicos oferecidos aos usuários da rede, a qual pode ser usada na produção do par *post/comentário*, à escolha do produtor das mensagens, visando aos seus interlocutores e ao seu propósito comunicativo.

O par está propenso a assumir características próprias do suporte para atender às necessidades dos membros da rede, que contam com recursos da tecnologia digital para esse fim¹⁰. Para a produção de um par *post/comentário*, o membro da rede pode recorrer a uma riqueza de recursos proporcionadas pelas

¹⁰ Baseado no artigo “Leitura na sociedade da informação e formação de professores: um olhar sociocognitivo” de Vergnano-Junger, submetido à avaliação dos pareceristas da VIII Jornada de Estudos Linguísticos – JEL /UERJ 2014, para publicação em 2015.

possibilidades técnicas do suporte. Podemos citar, por exemplo, a própria configuração multimodal e hipertextual (cf. item 5.1), já que a formatação dos textos no suporte é abundante em imagens, ícones e *links*.

No nível da produção, ainda, como suporte virtual, o *Facebook* também implica certa efemeridade dos materiais circulantes (VERGNANO-JUNGER, 2010, CASSANY, 2012). Isso porque a constante atualização feita pelos administradores faz com que alguns materiais se percam facilmente, tornem-se passageiros, transitórios.

Pensando na recepção, que a produção pressupõe, destacamos que, ao receber uma publicação na rede, o membro dispõe de 3 ações proporcionadas pelo suporte: curtir, compartilhar e comentar. Tais ações são uma evidência de interação com o postado, com outros comentários ou com determinados sujeitos. Desse modo, no que se refere à recepção, para o interlocutor do suporte, aquele é um ambiente de interação. Portanto, ao receber um texto postado, o membro reconhece também a premissa de que esse lhe propõe uma interação. Além disso, o membro pressupõe que, como a rede social circula num país cuja liberdade de expressão é lei, ele compartilha a consciência de que pode receber os mais diversos materiais e ser contatado por diversos outros sujeitos.

Outra implicação que se refere ao nível da recepção é no que tange à rapidez de acesso aos materiais veiculados no suporte. Uma vez que é atualizado constantemente, o acesso às novas publicações e comentários torna-se também consideravelmente rápido. Cabe destacar que a recepção está altamente marcada pelo conhecimento do sujeito sobre o que é uma rede social, seus objetivos enquanto promotora de conexões de contatos e sua natureza pública, ainda que se limite com quem poderá interagir. Isso porque os administradores do suporte possuem total liberdade para intervir no publicado.

Salientamos que praticamente todas as ações dos sujeitos no suporte virtual são mediadas pela linguagem verbal (VERGNANO-JUNGER, 2010), seja no nível da produção, seja no nível recepção. Desse modo leitura e escrita caminham juntas e, sem elas, o sujeito dificilmente poderia receber e/ou interagir com o que é veiculado no suporte.

Por fim, no que se refere ao nível da contextualização, o suporte faz parte de uma época, cujo avanço tecnológico começou a ser delineado nos anos 1960 (CASTELLS, 2005) e de uma tecnologia de base microeletrônica (cf. capítulo 2) que

proporciona interação virtual. Essa interação foi possibilitada e incrementada pelo contexto de evolução científica na área informática. Outra questão implicada neste nível é o próprio contexto sócio-econômico do país e a cada vez maior possibilidade de acesso à tecnologia por meio de telefones móveis, computadores portáteis e *tablets*.

Desse modo, o suporte estudado se insere no conjunto de possibilidades situadas no nível contextual: a condição de país democrático, onde o suporte é permitido; a liberdade de expressão, que favorece que quaisquer ideias possam ser veiculadas; a crescente relativa facilidade de aquisição de bens informáticos, como *smartphones*, e dos serviços de *internet*, entre outros produtos tecnológicos. Também incluímos nesse contexto a identificação, por parte de muitos brasileiros que interagem na rede, do meio como lugar de estudo e de inserção laboral. Isso porque se encontram inúmeras páginas com fins de ensino-aprendizagem e de oferta de empregos.

A rica configuração do suporte rede social harmonizada com o contexto social brasileiro permite que os materiais que ela suporta sejam igualmente variados e ricos. Entre eles, o par *post/comentário* é (se não o principal) um dos principais (possíveis) gêneros nos quais os textos veiculados se materializam.

5.3.2 Nível da contextualização

O gênero é constituído dentro de um contexto porque é social e historicamente situado (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2008). Ao refletirmos sobre sua constituição, entendemos que apresenta dois aspectos fundamentais: o da produção daquele texto que se manifesta em um determinado gênero (MARCUSCHI, 2008) e o de sua recepção. Ao seguirmos nesta pesquisa a visão sociocognitiva, consideramos relevante o componente cognitivo do conceito de gênero. Isso porque estamos em consonância com a premissa de que uma perspectiva cognitiva leva em consideração, como parte do processo de produção e compreensão de um gênero, a evocação de esquemas. E estes são construídos tanto pelo produtor quanto pelo receptor daquele gênero. O próprio gênero, sob uma ótica cognitiva, não deixa de caracterizar-se como um modelo, um esquema (MARCUSCHI, 2008). No entanto,

também reconhecemos que tais esquemas são modulados em função do contexto social e do ambiente em que se manifesta aquele determinado gênero, já que este vai depender do elemento contextual. Isso abarca, por exemplo, a época, o país, a região, as ideologias que circulam naquele meio, os sujeitos envolvidos, suas profissões e as classes sociais.

Desse modo, para entender as conclusões a que chegamos nesta investigação e reconhecer que são permeadas por um determinado contexto e suas influências, estudamos, também, os sujeitos que produziram o *corpus* analisado. Isso foi feito considerando sua inserção num contexto social de uma determinada época no Brasil (cf. capítulo 4.2), pois entendemos que esse contexto pode, inclusive, alterar a forma como a mensagem é postada e recebida, tamanha a sua influência. A partir, então, da observação e mapeamento dos dados que compõem o nível da contextualização, apresentamos e discutimos suas implicações. Começamos a discussão dos níveis pela contextualização porque esta se relaciona com todos os demais pilares e níveis analíticos.

Conforme especificado nos procedimentos metodológicos (cf. capítulo 4.2), delimitamos o período de coletas no mês de outubro de 2014. Após a estruturação do material em análise, mapeamos a quantidade de sujeitos envolvidos nas ações de postar e comentar. Isso nos levou a constatar a quantidade de 83 sujeitos indiretamente ligados à investigação¹¹, sendo estes divididos basicamente em dois grandes grupos: 35 sujeitos que postam e 48 sujeitos que comentam. Ressaltamos que, dos 35 sujeitos que postam, 8 deles também comentam, embora não apareçam de forma duplicada no mapa dos dados. Mas, para marcar essa dupla atuação, incluímos uma coluna no quadro indicando quando um sujeito, além de postar, também comenta. Com base no mapeamento feito, tabelamos os dados sobre os 83 sujeitos.

As informações que consideramos essenciais foram: profissão, faixa etária, sexo, nacionalidade, país de residência e estado de residência. Consideramos tais informações relevantes para a contextualização porque elas nos dizem mais sobre os sujeitos que figuram na pesquisa, de modo que podemos conhecê-los e refletir sobre a influência de sua caracterização sobre os gêneros utilizados. No quadro a

¹¹ Sua ligação é indireta, já que a pesquisa não se caracteriza como um estudo etnográfico, com foco nos sujeitos participantes. Nossa pergunta nos volta diretamente para os textos produzidos e seus gêneros. A reflexão sobre os sujeitos justifica-se para atender ao nível da contextualização, um dos olhares propostos como parte dos critérios de análise de caracterização de um gênero textual.

seguir, são exibidos os dados dos 3 primeiros critérios. Isso porque, verificamos que todos os sujeitos são brasileiros, observando que apenas o Sp17 é franco-brasileiro. Todos residem no Brasil, inclusive o Sp17. Com relação à nacionalidade, cabe salientar que esta informação é relevante também para que possamos entender melhor determinadas posturas quanto à temática nas postagens e nos comentários. Afinal, interessa diretamente ao cidadão brasileiro a eleição de seu presidente. Outro fator que a nacionalidade deixa entrever é o idioma do material em análise e do perfil do qual partiram as coletas de dados, o português.

Com relação ao estado de residência, todos vivem no Rio de Janeiro, à exceção do Sp20, que mora em Sergipe. Tais informações foram possíveis de ser coletadas porque partimos de nosso próprio perfil para coletar e selecionar os *posts* em estudo (cf. capítulo 4.2). Assim, os sujeitos que figuram na pesquisa são também nossos contatos na rede ou contatos de nossos contatos, o que possibilitou o acesso às informações necessárias. Quando não conseguimos com segurança alguma informação dentro das que delimitamos, reconhecemos que tal informação não foi identificada.

De posse das informações, as reunimos no quadro a seguir:

Quadro 3- Contextualização de sujeitos

Sujeitos	Profissão	Faixa etária	Sexo	Postam e Comentam
Sp01	Estudante	De 26 a 35	F	X (próprio <i>post</i>)
Sp02	Professora	De 26 a 35	F	
Sp03	Professora	De 26 a 35	F	X (<i>post</i> próprio e alheio)
Sp04	Professora	De 45 a 60	F	
Sp05	Professora	De 26 a 35	F	
Sp06	Professora	De 26 a 35	F	X (<i>post</i> próprio)
Sp07	Professora	De 26 a 35	F	
Sp08	Professora	De 26 a 35	F	
Sp09	Professora	De 26 a 35	F	X (<i>post</i> alheio)
Sp10	Professora	De 26 a 35	F	
Sp11	Professor	De 26 a 35	M	
Sp12	Administradora	De 26 a 35	F	
Sp13	Professora	De 26 a 35	F	
Sp14	Fisioterapeuta	De 26 a 35	M	
Sp15	Pedagoga	De 26 a 35	F	
Sp16	Professora	De 26 a 35	F	X (<i>post</i>)

				alheio)
Sp17	Empresária	De 26 a 35	F	
Sp18	Professora	De 26 a 35	F	
Sp19	Professor	De 45 a 60	M	
Sp20	Professor	De 45 a 60	M	X (próprio post)
Sp21	Professor	De 45 a 60	M	
Sp22	Professora	De 26 a 35	F	
Sp23	Professora	De 45 a 60	F	
Sp24	Professora	De 26 a 35	F	
Sp25	Fotógrafo	De 26 a 35	M	
Sp26	Advogada	De 26 a 35	F	
Sp27	Professora	De 40 a 44	F	
Sp28	Médica	De 45 a 60	F	X (próprio post)
Sp29	Advogada	De 26 a 35	F	
Sp30	Professor	De 45 a 60	M	
Sp31	Administradora	De 26 a 35	F	
Sp32	Administradora	De 26 a 35	F	
Sp33	Autônoma	De 45 a 60	F	
Sp34	Jornalista	De 26 a 35	F	X (próprio post)
Sp35	Professor	De 26 a 35	M	
Sc01	Professor	De 45 a 60	M	
Sc02	Vendedor	De 40 a 44	M	
Sc03	Estudante	De 18 a 20	F	
Sc04	Professora	De 26 a 35	F	
Sc05	Professora	De 36 a 39	F	
Sc06	Professora	De 26 a 35	F	
Sc07	Não identificada	De 45 a 60	F	
Sc08	Esteticista	De 35 a 39	F	
Sc09	Não identificada	De 26 a 35	M	
Sc10	Engenheira	De 26 a 35	F	
Sc11	Professora	De 26 a 35	F	
Sc12	Gestor de projetos	De 26 a 35	M	
Sc13	Recepcionista	De 26 a 35	F	
Sc14	Estudante	De 18 a 20	F	
Sc15	Professor	De 26 a 35	M	
Sc16	Professora	De 26 a 35	F	
Sc17	Dona de casa	De 40 a 44	F	
Sc18	Não identificada	De 40 a 44	F	
Sc19	Professora	De 26 a 35	F	
Sc20	Não identificada	De 26 a 35	F	
Sc21	Analista de	De 26 a 35	F	

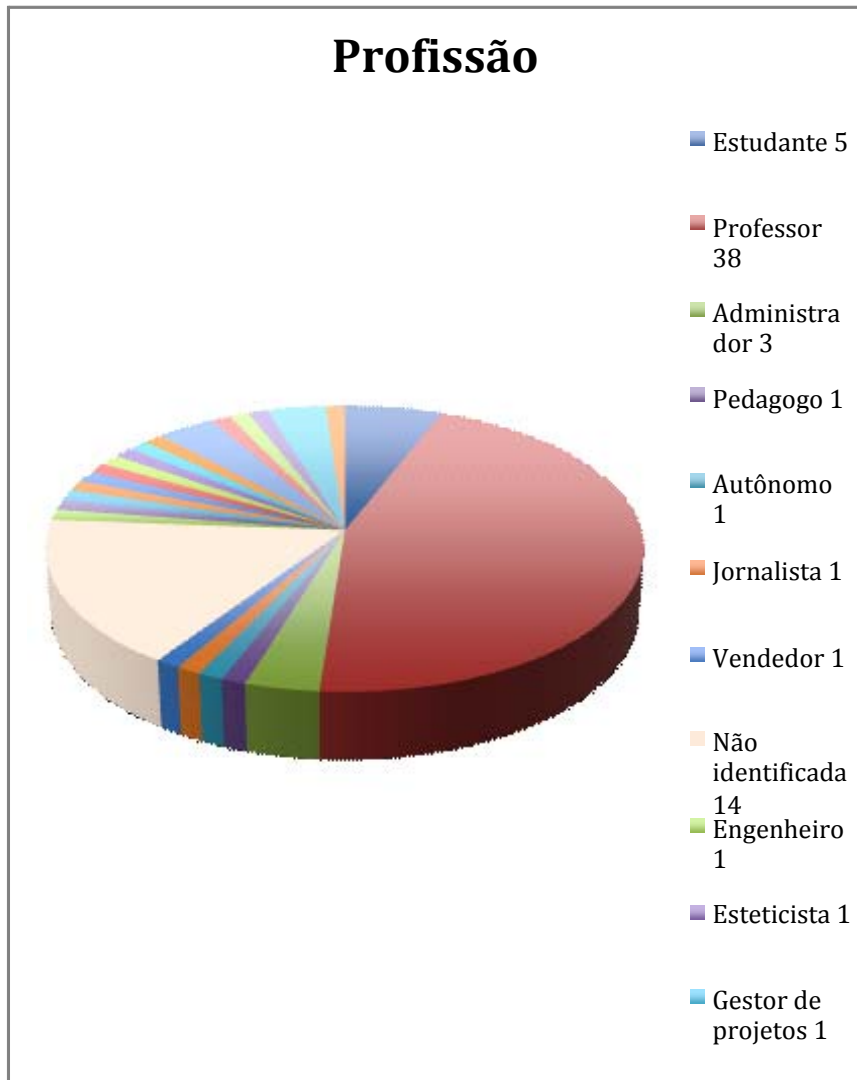
	gestão			
Sc22	Professor	De 40 a 44	M	
Sc23	Arquivista	De 40 a 44	F	
Sc24	Não identificada	De 45 a 60	M	
Sc25	Não identificada	De 40 a 44	M	
Sc26	Não identificada	De 40 a 44	M	
Sc27	Professora	De 26 a 35	F	
Sc28	Funcionária Pública	De 26 a 35	F	
Sc29	Professora	De 40 a 45	F	
Sc30	Professor	De 35 a 39	M	
Sc31	Corretor de Imóveis	De 26 a 35	M	
Sc32	Professora	De 26 a 35	F	
Sc33	Professora	De 40 a 44	F	
Sc34	Não identificada	De 45 a 60	F	
Sc35	Professora	De 40 a 44	F	
Sc36	Ator	De 26 a 35	M	
Sc37	Não identificada	De 40 a 44	M	
Sc38	Não identificada	De 36 a 39	F	
Sc39	Não identificada	De 45 a 60	F	
Sc40	Advogado	De 26 a 35	M	
Sc41	Pesquisadora	De 26 a 35	F	
Sc42	Não identificada	De 45 a 60	F	
Sc43	Não identificada	De 26 a 35	F	
Sc44	Não identificada	De 26 a 35	M	
Sc45	Não identificada	Não identificada	F	
Sc46	Estudante	De 26 a 35	F	
Sc47	Estudante	De 21 a 24	M	
Sc48	Professor	De 26 a 35	F	

Para melhor identificação, determinamos a cor roxa para os sujeitos que postam e a cor verde para os que comentam. Marcamos com X aqueles que, além de postar, também comentaram.

No que tange ao ofício, há diferentes profissões entre os sujeitos, como vemos claramente no gráfico 2. Dentre elas, a de maior quantitativo é a de professor. Isso provavelmente se justifica por ser essa a nossa profissão e nossos contatos

comuns na rede, conseqüentemente, serem conhecidos do meio profissional educacional. O segundo maior número foi de profissão não identificada. No entanto, tal número não ultrapassa o quantitativo de sujeitos professores, já que estes somam 38 e aqueles 14. O terceiro maior número foi de estudantes e os demais compõem números sem grande representatividade.

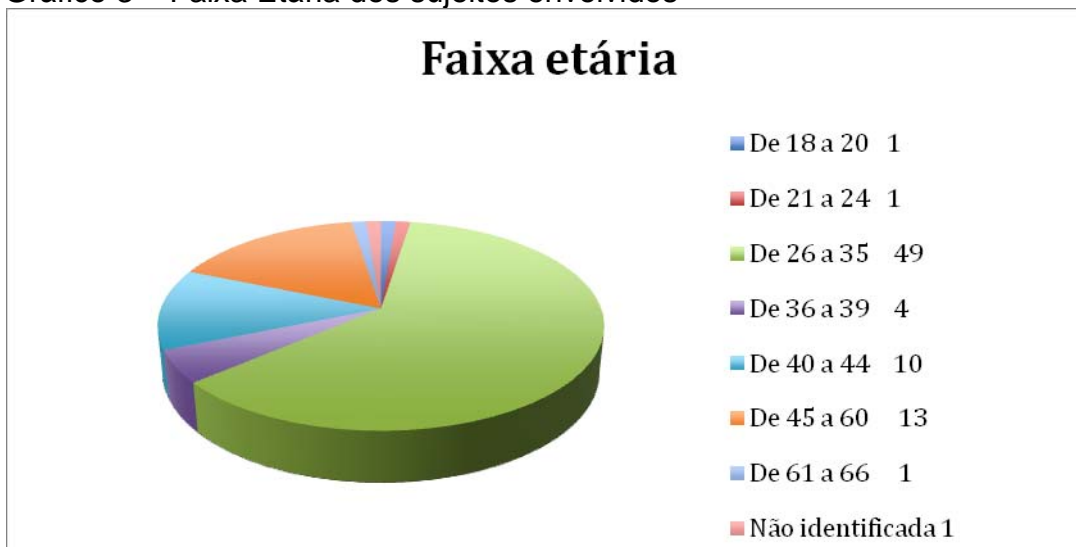
Gráfico 2 – Profissão dos sujeitos envolvidos



Os dados sobre a profissão da maioria dos sujeitos nos dizem que se tratam de pessoas que convivem no meio educacional, possuem nível superior e têm uma visão política que perpassa a sua área de atuação. Isso parece ter refletido significativamente na criação de *posts* e comentários e, conseqüentemente, transpareceu na estrutura de cada elemento do par, assim como em seus conteúdos.

O segundo gráfico relacionado aos sujeitos, o Gráfico 3, tem por objetivo mostrar a sua faixa etária.

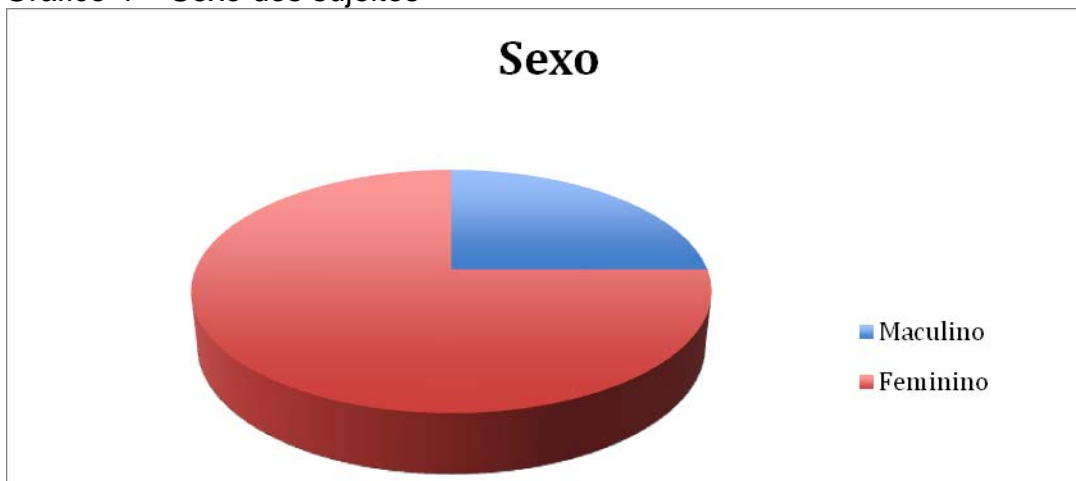
Gráfico 3 – Faixa Etária dos sujeitos envolvidos



A partir dele, podemos constatar que, dos 83 sujeitos envolvidos, 49 deles se encontram na faixa etária de 26 a 35 anos, o que nos revela ser a maioria de adultos jovens, parte da população economicamente ativa. O segundo maior quantitativo está entre pessoas da faixa etária de 45 a 60 anos, número bastante próximo do terceiro maior quantitativo, faixa etária de 40 a 44 anos. Isso nos revela uma parcela de pessoas com certa experiência em eleições políticas, considerando-se que, no Brasil, os cidadãos podem votar facultativamente a partir dos 16 anos de idade e de forma obrigatória a partir dos 18. Dessa forma, entendemos que esses sujeitos passaram por outros períodos eleitorais. Além disso, viveram outros governos em sua fase adulta, podendo-se supor que sejam capazes de comparar mandatos e expressar opiniões políticas com alguma experiência no tema.

Por último, elaboramos um gráfico que mostra o sexo dos sujeitos.

Gráfico 4 – Sexo dos sujeitos



Esse gráfico aponta que a maioria dos sujeitos autores de *posts* e/ou comentários é do sexo feminino. Isso pode ter duas possíveis justificativas: o fato de

o perfil de onde partiram as coletas pertencer à pesquisadora do sexo feminino e, além disso, por ser a maioria dos sujeitos professores. Tal profissão, ainda hoje e em alguns níveis educacionais, é considerada uma profissão tipicamente de mulheres. Essa forte participação feminina não é algo recente, já que foi uma das primeiras profissões na qual as mulheres puderam adentrar (SOUZA, 1999).

A conclusão a que chegamos com estes dados é que o perfil da maioria dos sujeitos é: professor, sexo feminino, entre 26 e 35 anos, brasileiro e residente no estado do Rio de Janeiro. No capítulo a seguir, refletimos sobre as implicações dessas informações contextuais na composição do gênero em termos de conteúdo, forma e função, uma vez que a contextualização está relacionada aos demais níveis e aos pilares de caracterização dos gêneros.

Em relação ao conteúdo, observamos que este sofre influências diretas de acordo com o fator contextual. No *corpus*, percebemos modulações nesse pilar em razão do momento em que foram publicados os pares *post/comentário* analisados. Isto é, se foram antes, durante ou imediatamente após as eleições. Isso porque o tom das publicações foi mudando de acordo com o momento vivido pelos envolvidos, embutindo nos pares uma característica acentuadamente temporal e espacial. Ainda que tenhamos delimitado a temática na questão das eleições presidenciais, conforme vimos na análise preliminar (cf. item 5.2), o conteúdo é ampliado para questões sócio-políticas que abrangem uma série de outros subtemas. Dessa forma, em relação ao contexto, inicialmente o conteúdo era único, porque foi previamente delimitado na origem da pesquisa. No entanto, o exame do *corpus* mostra-nos que esse conteúdo primário sofre múltiplos desdobramentos dependendo de quem participa das discussões, do perfil desse sujeito, das bagagens que ele traz, o que está fortemente relacionado ao contexto social vivido naquele determinado momento.

A análise do *corpus* também nos mostrou que, para expressar determinados conteúdos, os sujeitos optam por formas que atendam aos seus propósitos comunicativos. Devido ao contexto de desenvolvimento e cada vez maior uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs), a forma do par *post/comentário* está ligada às possibilidades técnicas do suporte (cf. item 5.1). Isso porque nele o sujeito encontra os recursos tecnológicos de que pode lançar mão na elaboração tanto do *post* quanto do comentário. Assim, a forma escolhida pode apresentar recursos vários, como os multimodais e os hipertextuais.

Do ponto de vista da contextualização, fazem parte da situação contextual, na

qual vivemos atualmente, a própria existência do par estudado e a possibilidade de sua forma ser composta por recursos potencializados pela tecnologia digital. O par *post/comentário* é próprio do ambiente virtual, porém muitos gêneros que são típicos deste meio possuem base em gêneros já existentes no ambiente não digital. Aqueles guardam com estes, então, certo parentesco, inclusive em relação à forma. Um exemplo disso é o comentário, que, enquanto gênero, se aproxima da carta de leitores dos jornais impressos. Outro exemplo é o *e-mail*, que guarda relação com o gênero carta (MARCUSCHI, 2008). A forma de um gênero, portanto, é modulada pelo contexto, pelo meio (digital ou não-digital), pelo suporte e pelos sujeitos que constroem, reconhecem e atribuem sentido àquele gênero. Nessa atribuição de sentidos, os sujeitos identificam uma recorrência de elementos relativamente estáveis de um gênero, no entanto, alguns elementos se sobressaem mais que outros (cf. capítulo 4.3).

No caso do par *post/comentário*, a análise nos mostrou que há uma função explícita de compartilhamento, já que os sujeitos postam ou tecem comentários a fim de tornar esses materiais públicos, para compartilhá-los com outros. Outra função social preponderante no par é favorecer a interação. Na medida em que tanto os *posts* quanto os comentários que analisamos têm como suporte de armazenamento e distribuição uma rede social, a função sociocomunicativa de cada um dos elementos do par é exatamente compartilhar e motivar a interação. Tais funções comunicativas estão perpassadas pela contextualização porque estão inseridas em um contexto sócio-histórico cujo avanço das tecnologias de informação e comunicação são um fato social na realidade brasileira. De tal forma que esses avanços, a construção de redes sociais, o maior acesso à rede de *internet* e os comportamentos em sociedade influenciados por eles, contribuem com o surgimento de novas formas de comunicação, interação e novos (ou renovados) gêneros.

5.3.3 Nível da produção

É inegável a relevância do nível de produção na delimitação/caracterização de um gênero. Já que produção pressupõe recepção, aqui estamos trabalhando com um par que consideramos conjugar claramente três níveis que se relacionam (cf.

capítulo 4.3). Conforme explicitado no cap 4.3, não é foco deste trabalho discutir a produção escrita do par em estudo. No entanto, não poderíamos deixar de considerar alguns pontos no interior deste nível, tão relacionado com o da recepção, porque, ao produzir um texto, o autor pressupõe um interlocutor, um leitor. Desse modo, o autor tece previsões sobre aquele seu leitor (KLEIMAN, 2013), formulando seu texto de modo que este possa alcançá-lo, compreendê-lo. Para tanto, o autor recorre a uma série de conhecimentos que podem ser compartilhados entre ele e seu provável leitor. Além disso, escolhe a sua linguagem também de acordo com o suporte em que veicula seu texto, com a relação de proximidade/distanciamento de seu interlocutor, ademais de escolher o gênero no qual seu texto se manifestará a fim de que seus propósitos comunicativos sejam atingidos.

Neste nível de análise, salientamos que a produção de um texto é um processo que visa ao outro, ou seja, sua recepção. Consideramos, inclusive, que o autor é o primeiro leitor de seu próprio texto, caminhando, portanto, produção e recepção juntas. Procuramos, então, recuperar pistas que pudessem nos indicar que conhecimentos o autor traz ao seu texto e que são ou podem ser compartilhados com seu leitor, que mecanismos e recursos usa para conseguir sua cumplicidade e adesão aos seus escritos.

Primeiramente, nosso trabalho volta-se para mostrar a classificação dos *posts* e algumas informações pertinentes à sua produção. Destacamos que a ênfase neste nível dada somente aos *posts* se explica pelo fato de entendermos que o comentário é produzido como uma resposta a um material disparador, como o *post* ou outros comentários, por exemplo. E, desse modo, apesar de o comentário também ser produzido, quando pensamos nesta produção, entendemos que ele é mais claramente o produto de uma leitura, o que favorece o estudo da recepção, feito no próximo nível.

Quanto ao *post*, então, apresentamos o quadro 4 de classificação geral, que foi elaborado a partir dos arquivos de imagens das postagens, após a organização estrutural já explicada (cf. capítulo 4.2). Nele figuram os *posts* de 1 a 43, numerados sequencialmente e marcados quanto ao tipo de postagem, quantidade de comentários, recursos multimodais e recursos hipertextuais utilizados. Embora no quadro tratemos dos *posts* em geral, considerando o nível da produção, devido aos próprios limites deste trabalho, selecionamos algumas amostras de *posts* para exemplificar e detalhar a discussão.

Quadro 4 – Classificação geral de *posts*

Identificação dos <i>posts</i>	Tipo de Postagem			Quantidade de comentários	Recursos multimodais	Recursos Hipertextuais
	PAP – <i>Posts</i> de autoria própria	PR – <i>Posts</i> de Reprodução	PM – <i>Posts</i> Mistos			
P01	X			4		
P02	X			2		
P03	X			4		
P04	X			2		
P05	X			0	X (Foto)	
P06	X			4		
P07	X			2		
P08	X			1	X (emoticon)	
P09	X			0	X (emoticons)	
P10	X			4		
P11	X			1	X (hashtag)	X
P12	X			0		
P13	X			28		
P14	X			4		
P15	X			2		
P16	X			4		
P17	X			0		X
P18		X		2	X (imagem)	
P19		X		0		X
P20		X		0	X (hashtag)	X
P21		X		0	X (hashtag)	X
P22		X		1	X (vídeo)	
P23		X		1	X (Imagem)	
P24		X		2	X (Imagem)	
P25		X		0		
P26		X		0		X
P27			X	0		X
P28			X	0	X (Imagem)	
P29			X	0		X
P30			X	1		X
P31			X	1	X (Imagem)	
P32			X	0		X
P33			X	0	X (Vídeo)	
P34			X	1	X (Vídeo)	
P35			X	1	X (Vídeo)	
P36			X	1	X (Imagem)	X
P37			X	3	X (Vídeo)	X
P38			X	1	X (Vídeo)	
P39			X	0		
P40			X	2		X
P41			X	2		X
P42			X	2		X
P43			X	3	X (Hashtag)	X

Vemos que alguns recursos foram considerados tanto como multimodais, por apresentarem diferentes linguagens, como vídeo, foto, quanto como recursos hipertextuais, a exemplo da *hashtag*. Isso porque esta apresenta um símbolo

matemático (#) e geralmente tem a cor azul, o que a caracteriza como multimodal. Mas é também hipertextual por se tratar de um *link*.

De acordo com os dados examinados e apresentados no quadro 4, 17 *posts* veiculam textos produzidos pelo próprio autor. Desse quantitativo, apenas 3 não receberam comentários até o momento da coleta. Em relação aos recursos utilizados em sua produção, somente em 5 deles os autores recorreram a recursos multimodais e/ou hipertextuais, conforme especificação mostrada no quadro. Tais dados nos levam a concluir que – apesar de todo *post* ser um hipertexto, uma vez que está inserido em um suporte que permite várias conexões por meio dos *hiperlinks* – nos *posts* de autoria própria coletados, os autores recorreram menos a esses recursos comuns a textos digitais.

Com relação aos *posts* de reprodução, dos 9, apenas 3 não receberam comentários até o momento da coleta e 5 deles apresentaram recurso multimodal e hipertextual. Ao compararmos com os *posts* de autoria própria, nos *posts* de reprodução o uso desses recursos é mais significativo. Isso nos leva a refletir que, em tal amostra, ao trazer um material já criado para compor o seu *post*, os sujeitos que o fizeram preferiram recorrer mais à multimodalidade e/ou à hipertextualidade.

Quanto aos *posts* mistos, o quantitativo é de 17, em 9 deles foram usadas multimodalidade e/ou hipertextualidade e em 7 deles não houve comentário até o momento da coleta. Ou seja, nesse tipo de *post* o uso dos recursos multimodais e hipertextuais também foi superior aos usados em *posts* de autoria própria, porém inferior aos *posts* de reprodução.

Importa refletirmos aqui não apenas sobre o quantitativo de aparições desses recursos, mas o seu próprio uso na produção de um *post* e, conseqüentemente, o que pode proporcionar ao leitor, interlocutor, do *post* produzido. Em primeira análise, ao utilizarem tais recursos, os autores passaram a incorporá-los à composição do *post*. Isso porque passam a fazer parte da construção textual, permitindo que o receptor do texto perceba tal construção e possa negociar os sentidos do texto estabelecendo as conexões necessárias advindas tanto do recurso hipertextual quanto do multimodal. De modo que tais recursos não são apenas um complemento ao texto ou uma forma de apoio, mas fazem parte de sua construção, exigindo também um comportamento leitor capaz de integrar tais recursos a favor da compreensão leitora. É importante, inclusive, que, ao receber um texto com tais recursos, o leitor atente para o fato de que eles estão inseridos em um texto que faz

parte de um determinado contexto, que é possibilitado pelos recursos técnicos do suporte. A atividade leitora, cujos textos apresentam *hiperlinks* ou diferentes modalidades de linguagem, não é necessariamente mais complexa, exige, porém, que o leitor seja capaz de integrar tais recursos ao texto, construindo sentidos com essa integração.

Sobre os recursos hipertextuais, cabe salientar que os *hiperlinks* trazem ao leitor a possibilidade de outros caminhos de leitura. Desse modo, ao produzir um *post* com esse recurso, o autor pressupõe que seria de interesse de seu receptor expandir sua leitura para além do *post*, já que tais *links* levam o leitor a outros espaços, dentro do próprio suporte *Facebook*, ou fora dele. É de responsabilidade do autor do *post* optar pelo uso desse recurso, mas, ao recorrer a ele, o sujeito antecipou que seus leitores seriam capazes de acessar o *link*. Portanto, a competência técnica está pressuposta, assim como se pressupõe o interesse do leitor por aquele *link* e sua capacidade de compor os sentidos objetivados pelo autor ao compor o *post*. E, nessa hiperleitura, o leitor tem o relevante papel de selecionar, de avaliar as conexões e a coesão que proporcionam, construindo coerência¹².

Refletindo um pouco mais sobre os recursos multimodais, concluímos que estes foram potencializados pelo suporte no qual os *posts* são publicados. De modo que o leitor pode receber um texto enriquecido de materiais de outras linguagens, como vídeos, por exemplo. Conforme se pode ver no material examinado e apresentado no quadro 4, pelo menos 6 vídeos fizeram parte da composição de diferentes *posts*, o que é uma possibilidade estrita do meio digital. Como trabalhamos aqui com a leitura como uma atividade complexa e interativa, entendemos que autor e leitor caminham juntos na produção do texto.

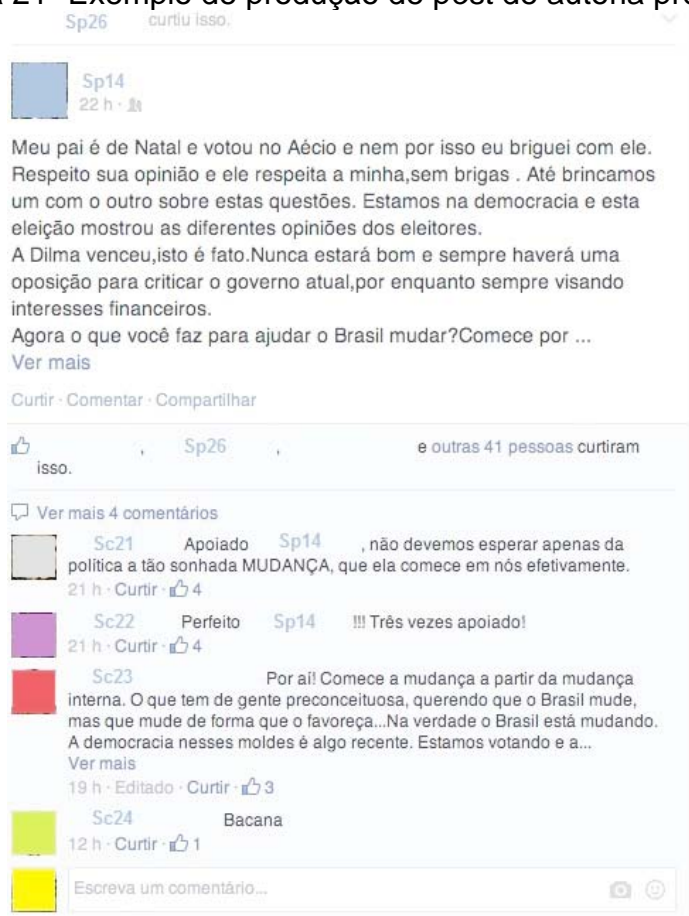
Quanto aos recursos multimodais, ao figurarem no texto eminentemente digital, requerem que o leitor seja capaz de perceber que “a inserção de vídeos/imagens em movimento e sons, podem tanto integrar diretamente o texto verbal, como (o que frequentemente ocorre) promover um diálogo intertextual com este por meio do acesso via *links*” (VERGNANO-JUNGER, 2015).

Após essa discussão mais geral sobre os recursos multimodais e hipertextuais usados na produção do *post*, selecionamos uma amostra de cada tipo

¹² Baseado no artigo “Leitura na sociedade da informação e formação de professores: um olhar sociocognitivo” de Vergnano-Junger, submetido à avaliação dos pareceristas da VIII Jornada de Estudos Linguísticos – JEL /UERJ 2014, para publicação em 2015.

de postagem para que possamos analisar os mecanismos usados e conhecimentos compartilhados pelos sujeitos para envolver seu leitor. Tal seleção teve como critério a escolha dos *posts* que apresentaram, até o momento da coleta, a maior quantidade de comentários com maior extensão. Isso porque entendemos que a produção de cada *post* visou à interação com o leitor e o comentário é uma evidência de leitura. Cabe salientar que esta evidência, isto é, os comentários, será analisada no interior do nível da recepção.

Figura 21- Exemplo de produção de *post* de autoria própria (P14)



Neste *post*, vemos que o autor (Sp14) inclui seu interlocutor no texto por meio de um tratamento informal com o uso do pronome “você”. O que nos indica que o autor quer criar com seu interlocutor uma relação de proximidade. Tanto é assim que começa o seu texto num tom bastante pessoal, fornecendo ao leitor dados do seu âmbito familiar e inclusive revelando o seu voto. Outra evidência desse efeito de informalidade é o uso do verbo brincar, criando com o leitor um efeito de cumplicidade, porque pressupõe que este entenderá que entre pais e filhos brincadeiras são recorrentes. Usando desse modo de relatar, porém, o texto deixa entrever uma crítica velada àqueles eleitores que reclamam da situação política,

econômica e social do país, apontando inúmeras falhas, mas que nada fazem de concreto para mudar o Brasil.

Um conhecimento que o autor compartilha com seu leitor é o saber sobre o regime democrático, pois afirma que tanto ele quanto seus interlocutores brasileiros vivem numa democracia. Portanto, parte do princípio de que ao leitor, incluído no mesmo nível que o autor por meio do “estamos”, não resta dúvidas sobre esse regime governamental.

Outro conhecimento compartilhado entre autor e leitor é o nome da presidente. Assim como compartilha a maneira informal de tratá-la com o uso do primeiro nome apenas, também emprega o artigo definido na primeira aparição de seu nome, o que pressupõe informação já conhecida pelos interlocutores. O resultado que parece desejar imprimir é o de um texto de alguém consciente, que tem algum conhecimento de causa, propondo um efeito de seriedade, mesmo com uma proposta de proximidade/intimidade. Por fim, chama o leitor para o texto deixando-lhe sua reflexão (e desafio) que parte de uma pergunta.

O relato, no interior deste *post*, funciona como uma exemplificação. O autor parte de sua vivência pessoal, de forma narrativa, mas vemos que tal recurso é usado para reforçar sua argumentação. Isso porque o relato não é exclusivamente o conteúdo do *post*, já que vemos outras estruturas – expositivas, descritivas e outras propostas que estão para além do relato. Ao recorrer a esse recurso, o autor pretende atender a seu propósito comunicativo que é desafiar o leitor levando-o à reflexão sobre seu posicionamento político e até sobre as desavenças que as eleições estavam gerando. De modo que o leitor se identifique com o escrito e mostre sua adesão ao defendido.

Figura 22 – Exemplo de *post* de reprodução (P 18)

O texto em análise é composto por elementos verbais e não verbais. O elemento verbal é representado por uma citação do candidato psdebista. Um dos conhecimentos compartilhados com o leitor é justamente o fato de este poder reconhecer que o texto é uma citação, isso porque traz elementos que o configuram como tal, como o uso das aspas para demarcar uma voz/fala e o nome do autor de tal citação. Outro conhecimento compartilhado é de cunho contextual. O autor do *post* pressupõe que seu leitor saiba quem é o personagem e esteja inteirado de uma determinada declaração atribuída a ele. Ao ser perguntado sobre os protestos gerados em seu governo no estado de Minas Gerais por parte dos professores da rede pública, o candidato teria respondido que não precisa do voto dessa classe de trabalhadores. O texto não verbal contribui com a citação porque mostra o candidato com um sorriso que poderia ser considerado sarcástico, se o leitor fizer uma leitura completa do *post*. Um dado que consideramos relevante é que o sujeito que postou o material é professor e, portanto, preferiu não criar um *post* com texto de sua própria autoria e sim usar o que seria a voz do próprio candidato como argumento

para mostrar que não estava a seu favor.

Em seu processo leitor, portanto, o interlocutor precisa conjugar uma série de elementos procedurais e contextuais para compreender o texto. Estabelecendo pontes entre o contexto da postagem, seu autor, seus interlocutores, o elemento não verbal presente, entre outros. A função comunicativa da citação, por exemplo, também é significativa porque, com ela, o sujeito que postou abre um espaço para dar voz ao outro e, por meio desse mecanismo do discurso segundo, pode se eximir da responsabilidade daquele dito. Age como se apenas descortinasse ao leitor algo que precisava vir à tona.

No entanto, observamos que se trata de uma estratégia de convencimento, já que, ao assumir que houve uma fala e fazer o seu recorte, configura-se uma intervenção do sujeito que postou o material, a fim de dar suporte à sua posição pessoal. Esse é o mecanismo fundamental usado na produção deste *post* e, segundo as perspectivas seguidas em nosso aporte teórico (cf. capítulo 3.3.1), requer que o leitor seja capaz de percorrer todo um complexo caminho: contextual, linguístico e cognitivo e resgatar a função comunicativa implícita nessa seleção.

Figura 23 – Exemplo de produção de *post* misto (P43)



Para a produção deste *post*, o autor recorreu a recursos multimodais e

hipertextuais. O multimodal está presente no símbolo em forma de coração presente na declaração inicial e no vídeo inserido na postagem. Já o hipertextual está marcado pela presença de um *link* do *site Youtube*, já que um vídeo deste *site* foi trazido ao *post* e pode ser acessado por meio do referido *link*. O autor usa esses recursos para compartilhar com o leitor sua satisfação pela perda do candidato psdebista às eleições presidenciais. E o faz propondo interação com aqueles que comungam de seu sentimento. Portanto, ao produzir este *post*, o autor antecipou-se à ideia de que possui interlocutores na rede que comungam do mesmo sentimento e que usam a mesma linguagem para se referir aos políticos deste partido.

Um dos conhecimentos compartilhados com o leitor é saber que, no Brasil, são conhecidos por “tucanos” os políticos aliados ao PSDB. Isso porque o símbolo do partido remete a este animal e, desse modo, então, ficaram conhecidos. Sendo o candidato Aécio Neves afiliado ao partido, o autor do texto pressupôs que o seu leitor seria capaz de fazer essa ligação. “Tucanada” é um termo derivado de tucano, aqui com valor pejorativo, que pode remeter tanto aos pertencentes ao partido PSDB quanto àqueles que se identificam com ele. Ainda quanto ao termo, pressupõe-se ao conhecimento linguístico que permite identificar o produto de um processo de derivação “tucano>tucanada” e atribuir o sentido adequado à palavra dentro do contexto.

Outro conhecimento compartilhado é sobre a telenovela mexicana, tida como exageradamente dramática, a exemplo de “Maria do Bairro”. Tal telenovela é relativamente conhecida porque foi veiculada na tv aberta brasileira por mais de uma vez. Dessa forma, o autor do *post* prevê que seu interlocutor conhece tal telenovela, seu gênero, sabe que é composta de histórias que envolvem drama, contém personagens que se diversificam em núcleos como o do vilão e do mocinho e é diária, entre outras características. Também assume que, conjugando tais conhecimentos, poderia construir o sentido proposto.

O autor deixa pistas ao leitor de que o vídeo é bom e que vale a pena ser visto. Tal pista é a declaração de que ama a internet. Diante de tal declaração e do compartilhamento do vídeo, o leitor pode inferir que tal sujeito ama a *internet* porque ela proporciona possibilidades como esta: de assistir a um vídeo elaborado a partir de uma perspectiva cômica do processo eleitoral brasileiro. E que, portanto, tal material é interessante de ser visto.

O autor também parece pressupor que o leitor conheça um dos personagens

principais da telenovela mexicana, Soraya, vilã que não mede esforços para conseguir o que deseja e que faz parte da elite social. Logo, contribui com o sentido do vídeo e da postagem a ideia de que tal personagem reclama porque faria parte da mesma classe social daqueles que votam no candidato psdebista.

Para que o texto alcance o leitor, o autor precisa compartilhar com ele conhecimentos (KLEIMAN, 2013; KOCH; ELIAS, 2008), interagir e dialogar por meio dos mecanismos, recursos e estratégias de que lança mão. Por meio desses exemplos, podemos ver que, de certa forma, o leitor participa da produção do texto, na medida em que o autor o pressupõe, reflete sobre ele e dialoga com ele para produzir seu texto, antecipando posições, usando estratégias que considera essenciais para ganhar sua cumplicidade e adesão.

Estendemos agora a discussão para os três pilares arrolados nesta pesquisa: conteúdo, função comunicativa e forma, respectivamente, sob o olhar do nível da produção. Primeiramente, cabe reiterar que o conteúdo dos pares *post*/comentários coletados e examinados está delimitado na questão das eleições. Dessa forma, todos os *posts* que fazem parte da investigação apresentam essa temática. Nesse sentido, portanto, e, neste nível, o conteúdo possui uma temática comum. Porém, dentro dessa temática comum, mapeamos os *posts* coletados de modo que pudéssemos adentrar o tema e explorar melhor que conteúdos se apresentam. O que o exame dos *posts* nos mostrou é que a temática apresentou 6 conteúdos, dependendo do tipo de postagem feita. Para melhor explanação e visualização, elaboramos o quadro 5, no qual mostramos o mapeamento dos conteúdos. Nele, apresentamos primeiramente a classificação dos *posts*, em seguida os códigos usados em sua identificação e os 6 conteúdos observados.

A partir do mapeamento feito, vimos destacar-se a temática das eleições baseada em um conteúdo de crítica, posto que dos 43 *posts* examinados, em 29 deles os sujeitos fazem crítica: ao processo eleitoral, aos candidatos, aos cidadãos brasileiros etc. Outro conteúdo identificado com certa recorrência na amostra foi o favorável à candidata petista, total de 17 *posts* apresentaram esse favoritismo. Em apenas um *post*, o autor mostrou-se contrário à candidata petista e em 7 deles encontramos conteúdo que expressa ser contrário ao candidato psdebista. A terceira maior recorrência de conteúdo na amostra é de notícias sobre as eleições, já que foram 8 os *posts* que veiculavam *links* de material jornalístico sobre o processo eleitoral (cf. quadro 5).

Quadro 5 – Mapeamento de conteúdos dos posts

Classificação dos posts	Identificação dos posts	Favorável à candidata Petista	Favorável ao candidato Psdebista	Contrário à candidata Petista	Contrário ao candidato Psdebista	Crítica	Notícias a respeito das eleições
Posts de autoria	P01	X					
	P02	X					
	P03	X					
	P04		X			X	
	P05	X					
	P06					X	
	P07	X					
	P08		X			X	
	P09	X					
	P10		X			X	
	P11		X			X	
	P12		X			X	
	P13		X			X	
	P14	X					
	P15		X			X	
	P16		X			X	
	P17			X		X	
Posts de Reprodução	P18				X	X	
	P19		X				
	P20	X					
	P21	X				X	
	P22	X				X	
	P23				X	X	
	P24	X			X		
	P25					X	
	P26			X			
Posts mistos	P27	X			X		
	P28			X		X	X
	P29	X				X	
	P30				X	X	X
	P31					X	X
	P32	X				X	X
	P33	X				X	
	P34	X					X
	P35					X	
	P36					X	X
	P37					X	
	P38					X	
	P39	X					X
	P40					X	
	P41					X	X
	P42					X	
		P43					X

Legenda:

	Posts de autoria própria
	Posts de reprodução

	Posts mistos
	Favorável à candidata Petista
	Favorável ao candidato Psdebista
	Contrário à candidata Petista
	Contrário ao candidato Psdebista
	Crítica
	Notícias a respeito das eleições

Da análise que originou o quadro apresentado, podemos concluir que, embora a temática tenha sido delimitada, os conteúdos variaram no nível da produção a favor dos propósitos comunicativos secundários que o sujeitos tiveram ao elaborar o *post*. Nesse sentido, o pilar funcional é demarcado de forma explícita. Isso porque é no nível da produção do (possível) gênero que a função comunicativa é disparada. A análise nos mostra, portanto, que, às duas funções comunicativas básicas de compartilhamento e interação, somam-se outras subfunções, que, aliadas ao conteúdo, atingem o propósito comunicativo secundário do *post*. A título de exemplo podemos citar os *posts* cujo conteúdo é favorável à candidata petista. Neles, vemos essencialmente a função de compartilhar com outros esse favoritismo, motivando a interação entre os membros da rede também a partir do postado.

Por outro lado, detectamos uma subfunção na medida em que o sujeito, ao postar seu favoritismo a um determinado candidato, está, secundariamente, fazendo uma campanha a favor desse candidato. Assim, indica-o mostrando razões para considerar que tal candidato está mais adequado ao cargo de presidente da república e argumentando a seu favor. Dessa forma, ao detectarmos os conteúdos dos *posts* e a função comunicativa que é chamada para essa produção, vimos que, embora não seja explícito, há um conteúdo de argumentação neles, mesmo quando o *post* é uma determinada notícia. Isso porque, observamos que nos *posts* de reprodução ou mistos, elaborados a partir de notícia, os sujeitos a usaram a serviço da argumentação, ainda que de forma subliminar. Conforme podemos ver no exemplo mostrado a seguir.

Figura 24 – *Post* misto com conteúdo de notícia (P32)



Neste *post*, assim como nos demais, prevalecem as funções comunicativas primárias de compartilhamento e interação, mas a função secundária também é relevante, porque ela é um desdobramento da primária. Neste desdobramento, o propósito comunicativo vai além do compartilhamento e interação, porque a função secundária presente é a de convencer outros sujeitos participantes da interação na rede social, mostrando-se como uma bandeira de convencimento que pode ser a favor ou contra um determinado candidato. É neste sentido que figura nos conteúdos não uma argumentação clássica, mas subliminar, implícita, e que está diretamente relacionada às funções comunicativas primária e secundária detectadas no *post*. Observamos também que, ao elaborar um *post* trazendo um material de outro gênero, como, por exemplo, notícia ou poesia, aquele gênero passa a fazer parte do *post*, uma vez que as duas funções comunicativas básicas de compartilhamento e interação continuam sendo as funções do *post* e não do gênero usado em sua elaboração. O *post*, então, se apropria de outros gêneros em prol de sua função

comunicativa. Conforme nos aponta Marcuschi (2010), assim o faz a publicidade, que se apropria dos mais diferentes gêneros a fim de cumprir o seu propósito comunicativo de vender algo. No entanto, ela tem uma identidade própria enquanto gênero.

Pelas reflexões que o material em análise nos suscitou, o mesmo raciocínio aplica-se ao *post*, já que este instaura uma nova relação entre os coenunciadores (MARCUSCHI, 2010), estabelecendo, principalmente, uma função comunicativa que lhe é própria. Para exemplificarmos, podemos partir da figura 24, mostrada anteriormente, cujo conteúdo foi baseado no gênero notícia, porém tal gênero foi apropriado pelo *post* para que este cumprisse suas funções comunicativas primárias de compartilhamento e interação. Outro exemplo é o *post* cujo sujeito elaborou um poema (cf. figura 25). A função comunicativa que vemos emergir naquele *post* de criação não está ligada ao gênero literário, mas ao aspecto funcional do próprio *post*. É nesse sentido que retomamos a visão bakhtiniana (1997) sobre a noção de gênero primário e gênero secundário. Posto que, não raro, os gêneros secundários, considerados pelo autor os mais complexos, se apropriam dos primários e a partir dessa absorção ou apropriação passam a adquirir novas características (BAKHTIN, 1997).

Figura 25 – Exemplo de apropriação feita pelo *posts* de outros gêneros (P16)



No que tange à forma, na etapa de produção do *post* observamos que este tem uma determinada disposição no suporte, há uma formatação básica que compõe sua estrutura, conforme explicado no início deste capítulo. Ao elaborar um *post*, imediatamente abaixo dele estará previsto o espaço para os comentários. Essa estrutura é uma constante na produção, reprodução ou na junção desses 2 tipos de postagem, sendo, portanto relativamente estável. O que varia na forma é se o sujeito recorre ao uso de recursos potencializados pelas possibilidades técnicas do suporte, como o recurso hipertextual e o multimodal.

5.3.4 Nível da recepção

Aliamos ao ato de produção de todo e qualquer gênero um lado essencial que é a sua recepção. Isso porque toda produção textual está diretamente ligada ao recebimento daquele texto por parte de um interlocutor (cf. item 5.3.3). Entendemos, então, que autor, texto e leitor estão imbricados num mesmo processo e que a produção de um gênero comporta uma expectativa de seu recebimento.

Para discutirmos a recepção dos *posts*, consideramos os comentários que figuram na pesquisa por sua identificação como um produto explícito de um processo leitor. Outra razão para assim os considerarmos é que eles são assumidos por sujeitos e são a instância de interação propriamente dita dos participantes da rede social trabalhada.

Nesta etapa, portanto, a análise tem um caráter inferencial, uma vez que usa a materialização da leitura dos participantes sob a forma de seus comentários, cruzando seu conteúdo com os textos que motivaram ditas participações. Reconhecemos a subjetividade inerente à proposta metodológica de análise, porém assumimos que os discursos criados a partir de outros nos permitem uma remissão ao processo em si de compreensão (VERGNANO-JUNGER, 2010). Procuramos, também, minimizar tal subjetividade por meio do apoio em elementos teóricos sobre leitura, estratégias, hipertextos e gêneros.

No que se refere ao comentário em ambiente digital, salientamos que já foi classificado como gênero textual por autores como Sal Paz (2013) e Monteiro

(2008), assim como em uma pesquisa anterior nossa¹³. Propomos agora, então, expandir sua caracterização, justificar e entender melhor a sua relação com o *post* na rede social *Facebook*.

O nível da recepção é relevante porque, a partir da análise sob esse ponto de vista, procuramos entender como se dá o recebimento dos *posts*, enfatizando o processo leitor. Com esse objetivo e por meio da análise dos comentários, buscamos recuperar alguns elementos de processamento da compreensão leitora, tais como: estratégias possivelmente utilizadas e conhecimentos provavelmente ativados na construção de sentidos.

Antes, no entanto, de passarmos à análise desses comportamentos leitores, apresentamos e refletimos de forma geral sobre a aparição dos comentários e sua relação com os *posts*, já que trabalhamos com o par, no recorte investigativo. Para tanto, produzimos um quadro no qual são mostradas as informações obtidas nos exames do *corpus* de análise. Nele, expomos todos os *posts* que tiveram comentários até o momento da coleta. E, a partir daqueles, que foram numerados sequencialmente, identificamos o autor de cada comentário, atribuímos um código para identificar tais comentários, verificamos a quem respondem e se foram usados recursos multimodais e/ou hipertextuais. Conforme discutido no subcapítulo 5.2, o comentário tem uma existência plena enquanto gênero, mas tal existência é acessória/complementar na medida em que requer um material que o antecede e que, portanto, dispara tal existência. No quadro a seguir, podemos ver que o material que faz disparar o comentário pode ser o *post*, outro(s) comentário(s) e/ou outros sujeitos que participam de uma determinada discussão.

Outra questão a ser reiterada aqui é que o exame do *corpus* mostrou que há *posts* sem qualquer comentário até o momento da coleta, como, por exemplo, o *post* 5 (cf. quadro 2). Esses não figuram no quadro a seguir (cf. quadro 6), exatamente por não terem comentários a serem caracterizados. Retomamos essa questão porque ela reforça a ideia de que o *post* tem uma existência mais independente que a do comentário, embora possua também uma contextualização que o fomenta (em nosso caso, ela pode coincidir, por exemplo, com as próprias eleições).

O quadro 6 também nos ajuda a entender a recorrência ao recursos multimodais e hipertextuais nos comentários. De todos os *posts* que tiveram

¹³ Pesquisa de Especialização desenvolvida em parceria com Priscila Rangel (LIMA & RANGEL, 2013).

comentários e que apresentamos no quadro a seguir, em 8 deles os sujeitos fizeram uso de 2 tipos de recursos multimodais. Primeiro, temos o *emoticon*, imagem que representa um determinado estado anímico do sujeito quanto ao exposto em seu comentário. Em segundo, a *hashtag*, que é prioritariamente um recurso hipertextual, por ser um *link*, mas que guarda característica de recurso multimodal por conter elementos de linguagem visual, como cor diferenciada e um símbolo matemático. Quanto a estes recursos especificamente, observamos nos produtos de leitura, que são os comentários, a maior incidência de uso de recursos hipertextuais na amostra. Dentre eles, conforme se pode ver pelos dados apresentados a seguir, destacamos a própria *hashtag*, que leva a alguma outra parte da *internet*; *links* que levam à página pessoal de outros sujeitos citados nos comentários e *link* que conduz a conteúdo externo ao suporte *Facebook*.

Quadro 6 – Caracterização dos comentários

Autor	Comentário	Responde a	Recursos multimodais	Recursos Hipertextuais
P01				
Sc01	C01	<i>Post</i>	0	0
Sp01 (autor do <i>post</i>)	C02	Comentário de Sc01	0	0
Sc02	C03	<i>Post</i>	0	0
Sc03	C04	<i>Post</i>	0	0
P02				
Sc04	C05	<i>Post</i>	0	0
Sp08	C06	Comentário de Sc04	0	0
P03				
Sp03	C07	Comentário (não aparece o comentário a que responde na captura)	0	0
Sp16	C08	<i>Post</i>	0	0
Sc05	C09	Comentário de Sp16	0	X (<i>link</i> para a pág. de Sp16 como vocativo)
Sc05	C10	<i>Post</i>	0	X (<i>link</i> para a página pessoal de Sp03 como vocativo)
P04				
Sc06	C11	<i>Post</i>	0	0
Sc07	C12	<i>Post</i>		X (compartilhamento)

				de <i>link</i> da página da rádio CBN)
P06				
Sc08	C13	<i>Post</i>	0	0
Sc09	C14	<i>Post</i>	0	0
Sp06	C15	Comentário de Sc09		X (<i>link</i> para a página pessoal de Sc09 como vocativo)
Sc09	C16	Comentário de Sp06	0	0
P07				
Sc10	C17	<i>Post</i>	0	0
Sc11	C18	<i>Post</i>	0	0
P08				
Sc12	C19	<i>Post</i>	0	0
P10				
Sc13	C20	<i>Post</i>	0	0
Sc14	C21	<i>Post</i>	0	0
Sc15	C22	<i>Post</i>	0	0
Sc16	C23	<i>Post</i>	0	0
P11				
Sc17	C24	<i>Post</i>	0	0
P13				
Sp03	C25	<i>Post</i>	0	0
Sc19	C26	<i>Post</i>	0	X (<i>hashtag</i>)
Sp13	C27	<i>Post</i>	0	0
Sc19	C28	Comentário 27 de Sp13	0	0
Sp13	C29	Comentário 28 de Sc19	0	0
Sc18	C30	Comentário 26 de Sc19	0	0
Sc48	C31	Comentário 30 de Sc18	0	0
Sc19	C32	Comentário 31 de Sc48	0	0
Sc19	C33	Comentário 30 de Sc18	0	0
Sc18	C34	Comentário 31 de Sc48 e Comentário 26 de Sc19	0	0
Sc48	C35	C34 de Sc18	0	0
Sp13	C36	Sc18	0	0
Sc49	C37	Comentário 36 de Sp13	0	0
Sc18	C38	Comentário 36 de Sp13	0	X (<i>link</i> para a página pessoal de

				Sp13 como vocativo)
Sp13	C39	Comentário 38 de Sp18	0	0
Sc20	C40	Comentário 38 de Sp18	0	X (<i>link</i> para a página pessoal de Sp18)
Sc19	C41	Comentário 34 e Comentário 38 ambos de Sp18	0	0
Sc19	C42	Comentário 34 de Sp18	X (<i>emoticon</i>)	X (<i>link</i> para a página pessoal de Sp18)
Sc19	C43	A todas os sujeitos da discussão	X (<i>emoticon</i>)	0
Sc49	C44	Comentário 43 de Sc19	0	0
Sp13	C45	Comentário 43 de Sc19 e C44 de Sc49	X (<i>emoticon</i>)	0
Sc18	C46	A vários comentários anteriores	0	0
Sc18	C47	A todos os sujeitos da discussão	0	0
Sc20	C48	Comentário 47 de Sc18	0	0
Sc18	C49	Comentário 48 de Sc20	X (<i>emoticon</i>)	0
Sc18	C50	Sc19		X (<i>link</i> para a página pessoal de Sc18 usado como vocativo)
Sc19	C51	Comentário 50 de Sc18	0	X (<i>link</i> para a página pessoal de sc18)
Sc20	C52	Comentário 49 de Sc18	0	0
P14				
Sc21	C53	<i>Post</i>	0	X (<i>link</i> para a página pessoal de Sp14 como vocativo)
Sc22	C54	<i>Post</i>	0	X (<i>link</i> para a página pessoal de Sp14 como vocativo)

Sc23	C55	Post	0	0
Sc24	C56	Post	0	0
P15				
Sc25	C57	Post	0	0
Sc26	C58	Post	0	0
P16				
Sc27	C59	Post	0	0
Sc28	C60	Post	0	0
Sc29	C61	Post	0	0
Sc29	C62	Post	X (emoticon)	0
P18				
Sc30	C63	Post	0	0
Sc31	C64	Post	0	0
P22				
Sc32	C65	Post	0	0
P23				
Sc33	C66	Post	0	0
P24				
Sc34	C67	Post	0	0
Sc35	C68	Post	0	
P30				
Sp28	C69	Comentário	0	0
P31				
Sc36	C70	Post	0	0
P34				
Sc47	C71	Post	X (emoticon e hashtag)	X (Hashtag)
P35				
Sp03	C72	Post	0	0
P36				
Sc32	C73	Comentário	0	0
P37				
Sc37	C74	Post	0	0
Sc38	C75	Post e comentário de Sc37	0	0
Sc39	C76	Post	0	0
P38				
Sc40	C77	Post	0	0
P40				
Sc41	C78	Post	0	0
Sp09	C79	Comentário de Sc41	X (emoticon)	
P41				
Sc42	C80	Post	0	0
Sp19	C81	Post	0	0
P42				
Sc43	C82	Post	0	
Sp34	C83	Comentário de Sc43		X (link para a página pessoal de

				Sc43 como vocativo)
P43				
Sc44	C84	<i>Post</i>	0	0
Sc45	C85	<i>Post</i>	X (Emoticon)	0
Sc46	C86	<i>Post</i>	0	0

Legenda:

	Recursos hipertextuais
	<i>Posts</i> que tiveram comentários
	Recursos multimodais
	Informações sobre cada <i>post</i> que recebeu comentários
0	Ausência de recursos multimodais e/ou hipertextuais
X	Presença de recursos multimodais e/ou hipertextuais

De posse desses dados, refletimos sobre a hipertextualidade do comentário possibilitada pelas propriedades técnicas do suporte *Facebook*, ainda que o sujeito não recorra a um determinado *link* e o exponha nele. Na configuração do par *post/comentário* (cf. item 5.1) o espaço do comentário está previsto imediatamente abaixo do *post*, mas ele nasce de um clique nesse determinado espaço. De modo que não deixa de ser um *link* porque leva o sujeito que vai comentar àquele lugar que é próprio para esta instância de interação. Por outro lado, ainda que aquele clique leve a uma janela onde especificamente se faz o comentário, uma vez que este seja terminado e submetido à publicação – clicado em publicar – pode ou não haver dentro do próprio comentário outro *link*. O sujeito que vai determinar se faz uso ou não do recurso hipertextual, assim como do multimodal a partir do que o suporte oferece. O que se pode ver no quadro é que alguns sujeitos recorreram a tais recursos, enquanto outros não fizeram tal escolha.

Além disso, ao comentar usando *links*, o sujeito que comenta considera que o material veiculado no *link* sugerido é interessante de ser visto ou lido por seus contatos na rede. Isso contribui com a avaliação expressa no comentário. Também, ao fazer uso do recurso hipertextual no comentário, aquele sujeito que comenta propõe outros caminhos de leitura para quem o lê. Esses novos caminhos leitores, por meio de *links*, caracterizam a leitura hipertextual. Tal leitura não é nova, mas é potencializada no meio digital, já que ao leitor pode ser oferecida uma extensa variedade de *links* que podem passar a compor um texto. Esclarecemos, no entanto, que essa leitura requer um comportamento mais adaptado ao meio, devido à potencialização da deslinearização (COSCARELLI, 2012), fator que pode contribuir para que o leitor perca seu objetivo de leitura. Como nos esclarece Coscarelli (2012), a postura do leitor é que vai definir a ordem seguida no texto (cf. capítulo 3.4), seja

em ambiente digital ou fora dele.

A discussão que propomos neste nível da recepção envolve essas questões de recursos usados porque entendemos que fazem parte das seleções feitas pelo comentador. Isso porque são pistas, espelhos de seu entendimento sobre o lido no *post* ou em outros comentários. Isto é, fazem parte dos elementos que figuram nos comentários e que, de alguma forma, retomam, respondem, perguntam sobre o *post*, sobre outros comentários, ou sobre outras discussões que passam a fazer parte do comentado. A título de exemplificação, podemos citar do quadro 6 o P04 (*post* 4). Este teve 2 comentários até o momento da coleta. Em um deles, no comentário número 12 (C12), de Sc07, o sujeito incluiu no comentário um *link* da rádio CBN, externo ao suporte *Facebook*. Ao expor tal *link* em seu comentário, o comentador o fez porque entendeu que o conteúdo do *link* está diretamente relacionado ao que leu no *post* e dessa forma, o complementa, o explica. O que nos leva a pensar que, se aquele determinado sujeito que comenta tivesse entendido o texto disparador de outra maneira, provavelmente não usasse este *link* em especial. Consideramos que o mesmo vale para elementos multimodais. O exame do *corpus* mostrou que ao usar um *emoticon* ou uma onomatopeia de risos, o sujeito deixa transparecer que reagiu de acordo com o lido, mostrando, por exemplo, descontentamento, discordância, concordância, etc.

Após a explanação sobre os dados apresentados no quadro 6, selecionamos 2 pares *post/comentário* para análise mais profunda no nível da recepção. Usamos como critério, nesta seleção, a maior possibilidade de recuperarmos pistas sobre as estratégias usadas na leitura do *post*, que puderam ser observadas a partir do comentário. Também inferimos sobre conhecimentos demandados e compartilhados que puderam ser resgatados no comentário enquanto produto de leitura.

Figura 26 – Primeiro par *post*/comentário para análise profunda nível da recepção (P07)



Neste par *post*/comentário, criado pelo sujeito que posta 07 (Sp07), vemos que o autor não recorreu a recursos multimodais ou hipertextuais, mas se valeu de recursos próprios da língua para expor seu pensamento de forma essencialmente argumentativa e avaliativa. Salientamos que o próprio *post* parece uma reação a leituras de outras mensagens/discursos circulantes após o período de eleições. Como se pode ver na figura acima, tal *post* teve 2 compartilhamentos e 16 pessoas o “curtiram”. Quanto aos compartilhamentos, podemos inferir que até o momento da coleta pelo menos 2 sujeitos leram o *post* e consideraram importante recomendar sua leitura por meio desse compartilhamento. Acreditamos que isso objetivava basicamente que, ao compartilhá-lo, pudesse alcançar outros leitores da rede com o mesmo argumento e avaliação. Quanto ao “curtir”, apenas podemos inferir que houve uma avaliação positiva em relação ao *post* e seu conteúdo.

Refletindo sobre os dois comentários que formam este par enquanto materialização da recepção do *post*, vemos que o primeiro, de Sc10, comenta o próprio *post*. Podemos concluir isso pelas pistas deixadas pelo leitor, porque este começa seu comentário endossando o *post* por meio do “você disse tudo”. Além do conhecimento sistêmico da língua portuguesa, pelo comentário podemos inferir que

autor e leitor compartilham o conhecimento prévio de que “ir às urnas” significa exercer a cidadania por meio do voto, portanto compartilham da construção de sentido dessa ação. Outro conhecimento compartilhado entre eles é o textual (cf. capítulo 4.3.2), porque o leitor deixa entrever que compreendeu o *post* como essencialmente argumentativo. O que nos faz inferir isso é que o Sc10 acrescenta argumentos ao *post* por meio do “diria até mesmo que...”. Dessa forma, podemos perceber que o leitor compartilha o conhecimento textual com o autor, dialogando com o *post* e acrescentando ideias igualmente sob forma de argumentos.

Uma das estratégias leitoras que podemos recuperar nesse produto de leitura é a da seleção. Isso porque, apesar de o Sc10 acrescentar argumentos ao *post*, limitou-se ao que considerou ser mais relevante: a pessoa que cruza os braços e apenas reclama. Podemos recuperar esta estratégia porque, em seu comentário, o Sc10 prioriza expor sobre o que chama de “covardia de determinadas pessoas que não lutam”, cuja personalidade é como a do sujeito “mimado”. Outra estratégia que podemos recuperar nesse produto de leitura é a da inferência, pois o Sc10 demonstra ter inferido que o *post* defendia o coletivo social ao criticar, contra-argumentar sobre a postura de alguns cidadãos que considera limitados, portanto pensam de forma restrita, deixando de lado o coletivo. Percebemos, então, que nesse processo leitor o Sc 10, ao ler o *post* e comentá-lo, foi construindo sentidos para sua leitura também a partir do que nele não estava dito de forma explícita, recorrendo, assim, à inferência.

O comentário de Sc11, mais curto, nos permite dizer que também é responsivo ao *post* na medida em que também retoma o postado por meio do “falou tudo”, que inclusive está escrito em caixa alta, o que pode supor uma intencionalidade do leitor de enfatizar seu endosso. Esse recurso costuma significar falar em voz alta na *internet* e pode mostrar o entusiasmo da adesão do leitor às ideias formuladas por Sp07. O conhecimento demandado que podemos inferir é o interacional (cf. capítulo 4.3.2), porque o leitor interage com o texto do *post* afirmando a existência de outro texto que julga dialogar com o que o autor esboça em seu *post*. Estabelece, assim, uma conexão entre o postado e o que ele mesmo leu, entendendo que tais textos dialogam. Em termos estratégicos, isso representa a ação de interconectar diferentes materiais lidos/conhecidos.

Autor e leitor compartilham, ainda, o conhecimento sistêmico da língua portuguesa e a opinião de que são contra a publicação de lamentações no

Facebook no que tange à perda de determinado candidato às eleições presidenciais. Podemos recuperar isso por meio da avaliação negativa feita pelo autor do *post* “achei meio bosta” enquanto o leitor expressa sua sensação em torno do mesmo tema como uma sensação de “enjoo”.

Figura 27– Segundo par *post/comentário* para análise profunda nível da recepção (P37)



Os comentários que agora analisamos são produtos da leitura de um *post*, que, de acordo com o sujeito que postou, Sp33, é um discurso relatado atribuído a um determinado pastor evangélico. Segundo informações da rede social, foi proferido em 26/10/2014, logo após o fim da apuração dos votos para governador e presidente.

Reiteramos que a demanda pelo conhecimento linguístico é um fato em todos os comentários coletados e examinados. Outro dos conhecimentos ativados que podemos resgatar na recepção desse *post*, isto é, por meio do seu primeiro comentário, é o enciclopédico ou de mundo (KLEIMAN, 2013). Isso porque, o leitor deixa claro em seu comentário que o “Malafa” referido no *post* é um pastor cristão. Portanto, autor e leitor compartilham também o conhecimento sobre esse líder evangélico e seus discursos polêmicos.

No que se refere ao aspecto estratégico do primeiro comentário, de Sc37, é possível inferirmos que o sujeito teve como estratégia de leitura a da seleção. Isso

porque, demonstrou em seu comentário ter como foco de atenção o sujeito ao qual o discurso foi atribuído. Podemos trabalhar com essa ideia pois no comentário o sujeito não trata da dedução exposta no *post*, mas centra-se na figura do enunciador original do discurso relatado, provavelmente por ter considerado esse o ponto mais relevante do *post* (cf. capítulo 4.3.1).

O segundo comentário é responsivo ao *post*, porque o sujeito alia à figura do pastor evangélico a característica de ser considerado “um homem de Deus”. O que possibilita inferir que este leu o *post* e elaborou seu comentário a partir dele. Uma estratégia de leitura que pode ser inferida por meio desse comentário é a da antecipação (cf. capítulo 4.3.1). Isso porque, o leitor demonstra prever que o chamado “povo de Deus” ficaria envergonhado e/ou ofendido por esse determinado líder cristão ter feito a declaração atribuída a ele. O leitor demonstra antecipar um pensamento possível do que chama “povo de Deus” e imediatamente propõe em seu comentário que os cristãos não olhem para o que fez esse pastor. Estabelece, então, um diálogo direto não com o *post*, mas com outros interlocutores, o “povo de Deus”. Neste momento o *post* original é deixado de lado e o sujeito prioriza esse diálogo com os cristãos, fazendo a eles 2 pedidos: (a) que não olhem para ações como a desse pastor e (b) que se lembrem de Jesus. Nesses pedidos, o leitor usa uma passagem bíblica considerada conhecida no meio cristão “Jesus é o caminho a verdade e a vida”, do que podemos concluir que fez esse uso porque busca a adesão de outros leitores para o que defende em seu comentário. Pressupõe, igualmente, que tais leitores são conhecedores dessa passagem. Portanto, faz uso de um conhecimento religioso e da estratégia de uso da intertextualidade. Isso significa que na leitura do *post* estabeleceu uma ponte com leituras prévias. Como o comentador anterior, também faz uso do conhecimento enciclopédico ou de mundo (KLEIMAN, 2013). Podemos recuperar, pois o leitor identificou o “Malafa” do *post* como “grandes homens que se dizem ser de Deus”. Demonstrou, pois, conhecimento sobre a personalidade religiosa mencionada no *post*, assim como construiu o sentido de que não cabe a pastor cristão prestar-se a determinados papéis: vender-se, nem fazer mal ao “povo de Deus”.

O último comentário, de Sc39, é também responsivo ao *post*, porque retoma a dedução apresentada nele. Uma das estratégias leitoras possíveis de recuperar é a da inferência, posto que o sujeito foi capaz de inferir um sentido cômico no *post*. Ao chamar o pastor de “Malafa”, o sujeito que postou atribui um sentido pejorativo e

irônico ao nome, o que foi recuperado pelo leitor. Além disso, recuperou o sentido de que a afirmação postada é uma pergunta jocosa e dedutiva de Sp33, de modo que ele é irônico e faz um jogo de palavras com afirmação absurda. A comicidade demonstrada pela onomatopeia de risos do comentador está aliada ao fato de este leitor ter compreendido o jogo feito por Sp33 e recuperado o sentido irônico e cômico do *post*. Um conhecimento possivelmente ativado foi o enciclopédico (KLEIMAN, 2013) que permitiu que o Sc39 risse do *post*, aliando conhecimentos prévios de sua bagagem de experiência. Outro conhecimento possivelmente ativado foi o textual (KLEIMAN, 2013). Podemos inferir que tal conhecimento fez parte do processo leitor porque o Sc39 identificou o expressado no *post* como uma dedução, deixando isso expresso em seu comentário.

A partir desse olhar da recepção, reiteramos que todo processo leitor envolve uma cooperação entre quem produz o texto (a ser) lido e quem o recebe. Este último precisa de certa forma tentar captar o que é oferecido a ele e negociar os sentidos do texto em prol da compreensão leitora. Ao fazê-lo, lança mão de uma série de conhecimentos, seus e compartilhados com o autor – como o enciclopédico e o textual – e de estratégias, tais como inferências e associação intertextual.

Como o suporte já foi tratado (cf. item 5.3.1), passamos agora a tratar dos 3 pilares delimitadores de gênero a partir desse olhar da recepção.

A análise do *corpus* nos mostrou que a função comunicativa primordial do comentário é demonstrar a posição do comentador em relação a algo que foi expresso anteriormente. Conforme discussão feita no início deste capítulo, o comentário tem uma existência plena, própria, mas depende de outro material linguístico que o antecede e o dispara. Desse modo, o estudo nos revelou que, no que tange ao pilar funcional, o comentário na rede social *Facebook* é a expressão da interação a partir do compartilhado/publicado, seja este compartilhado um *post* ou outro comentário. Sua relação com o *post*, portanto, é de dependência, por seu caráter prioritariamente acessório. Isso porque, ainda que o comentário não seja sobre o *post* ou a ele não faça nenhuma referência, é necessário que haja um *post* para que o espaço do comentário surja. É nesse sentido que defendemos esse caráter acessório do comentário, já que ele não existe sem um material linguístico que o dispare.

De acordo com o conteúdo e com o contexto, principalmente, o comentário pode apresentar desdobramentos dessa função comunicativa básica que é interagir

a partir do compartilhado/publicado no suporte virtual. Nele podemos verificar subfunções como: endossar o exposto no conteúdo disparador, refutar, contra-argumentar, recomendar etc.

Em consonância com Sal Paz (2013) e a partir das reflexões que o corpus investigativo nos suscitou, entendemos que, ao falar de comentário, estamos em presença de um gênero cujo conteúdo está sempre em diálogo com outros textos, que são disparadores deste gênero. Os comentários, portanto, têm na expressão da interação com outros materiais que o disparam a função comunicativa básica. Mas vão além disso. Em relação ao conteúdos que veiculam, estes podem estar associados aos elementos da microcultura, como a família e os amigos ou da macrocultura como a sociedade em geral. De toda forma, em um contexto mais restrito ou mais amplo, em consonância com Sal Paz (2013), observamos que possuem relativa estabilidade no que tange à questão central avaliativa e opinativa dos textos que são comentados.

Com relação especificamente à forma, observamos que os comentários possuem uma estrutura fixa localizada no suporte. Isto é, feito o *post*, imediatamente abaixo dele está o espaço para o comentário. Sua estrutura basicamente fixa, conforme se pode ver por meio dos exemplos mostrados no decorrer destas análises, refere-se ao fato de que figura num lugar específico abaixo do *post*. Ou seja, o comentário tem uma disposição determinada no suporte. Outra característica observada em relação à forma é o uso informal da linguagem (ou até chula) que tende a ser telegráfica, onomatopeica e, em muitos casos, reproduzindo elementos de fala (conforme pode-se observar nas figuras mostradas ao longo da dissertação). Além disso, na constituição do comentário, pode-se fazer uso da possibilidade frequentemente explorada de recursos multimodais e hipertextuais.

CONCLUSÃO

De acordo com a perspectiva sociocognitivista, seguida nesta pesquisa, gênero textual é uma categoria cognitiva e sócio-histórica. Nesta categoria, se materializam textos de acordo com uma correspondência em relação à forma, conteúdo, função comunicativa. Somamos a esses três pilares o suporte. Isso porque entendemos que ele exerce significativas influências na constituição de um gênero. Além disso, sua relevância enquanto meio de divulgação, exposição e armazenamento já foi sustentada nos estudos de autores de diferentes correntes teóricas, como Maingueneau (2005) e Marcuschi (2008).

Partindo, então, do conceito de gênero de Bakhtin (1997) acrescido das reflexões do próprio Marcuschi (2003, 2005, 2008 e 2010), de Koch (1996), Koch & Cunha-Lima (2011), e Donato (2014), a investigação engendrada nesta dissertação teve por objetivo estudar o par *post/comentário* em um determinado suporte, a rede social *Facebook*. Interessamo-nos por sua reflexão a partir dos desdobramentos de estudos sobre gêneros textuais, na área da leitura mediada por computador. Tais estudos estão sendo desenvolvidos no âmbito de um grupo de pesquisa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do qual fazemos parte, o Interleituras.

Desse modo, assumimos a responsabilidade de estudar o par, a fim de entender substancialmente a relação dos elementos que o compõem, reunir mais justificativas para caracterizar o comentário enquanto gênero textual em ambiente digital, ampliando a discussão para o *post*, também à luz da noção de gêneros textuais. A partir de tais considerações, propomos responder as questões de pesquisa que ora retomamos: (a) se *post* e comentário são dois gêneros textuais ou partes de um mesmo fenômeno de comunicação/gênero; (b) se são gêneros, como caracterizá-los e diferenciá-los; (c) não sendo o *post* um novo gênero textual, que especificidades podem caracterizá-lo como ferramenta e quais os aspectos que o vinculam ao gênero comentário.

Cabe salientar que os problemas abordados na pesquisa provieram da detecção da falta de estudos substanciais quanto ao par *post/comentário*. A revisão bibliográfica nos apontou que alguns estudos sobre o comentário, à luz da noção de gêneros, já haviam sido feitos. No entanto, em relação ao *post*, pouco havia sido estudado no campo da linguagem. Assim, nossos objetivos de pesquisa centraram-

se em engendrar esforços para discutir o tema e responder às questões implicadas na investigação. A fim de responder a tais questões, fizemos uma opção metodológica pelo estudo documental e com análise de cunho qualitativo.

Nosso caminho metodológico consistiu na coleta de publicações feitas por diferentes sujeitos, a partir de nosso perfil no Facebook. O período de tais coletas foi o pré, durante e pós eleições brasileiras de 2014, especificamente o mês de outubro. Assim, os *posts* e comentários selecionados trataram exclusivamente da temática das eleições presidenciais. Outra opção que fizemos, neste caso, teórico-metodológica, foi considerarmos a proposta de Donato (2014) para caracterização e delimitação de um gênero. Dessa forma, na análise dos dados, discutimos primeiramente 3 níveis: o da contextualização, da produção e da recepção. Tais níveis estão estruturalmente fora da conformação genérica, mas são olhares que lançamos para os elementos que o constituem e que guardam íntima relação com sua constituição. Assim, priorizamos a discussão sobre os níveis e, no interior de cada um, discutimos os pilares de conformação do gênero: conteúdo, forma e função comunicativa. Isolamos apenas o pilar suporte por o considerarmos a única invariável explícita do estudo.

Feita a estruturação do *corpus*, que gerou figuras, quadros e gráficos que acompanharam as discussões, as análises demonstraram que os níveis considerados no estudo oportunizaram uma visão mais ampla no que tange à caracterização/delimitação de um gênero textual. Isso se deu devido à possibilidade de integrar as diferentes especificidades de cada nível, que não são estanques, mas interagem na composição genérica.

Percebemos, então, que a questão sócio-histórica, abordada na visão Bakhtiniana e retomada por outros autores que dele partem, é fundamental na delimitação do gênero na medida em que o contexto perpassa todos os outros níveis e pilares. De modo que é em função do contexto, social e histórico, que nasce a primeira possibilidade do gênero. Isso porque, também abarca as novas necessidades comunicativas que são criadas a partir de influências do meio. A exemplo disso, citamos o cada vez maior acesso e uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) que geram, inclusive, práticas comunicativas, que, se não são novas, são ressignificadas no meio digital. Constatamos, então, o crescimento das formas de linguagem mediadas pelas TICs e é nesse ponto que, aliando à contextualização, pensamos o nível da produção.

A análise nesse nível nos esclareceu que as práticas comunicativas em um suporte como o *Facebook* se dão, em grande parte, pela mediação da palavra escrita, logo, da leitura. Assim, produção e recepção estão em contato e, em nossas análises, nos possibilitaram pensar no par *post/comentário* do ponto de vista de quem o produz e do ponto de vista de quem o recebe. Desse modo, a compreensão leitora perpassa as reflexões, porque a partir da recepção do *post* buscamos entender as escolhas feitas no nível da produção e que modularam o conteúdo, a forma e a função comunicativa. Isto, a fim de que o receptor chegasse à interpretação mais próxima àquela pensada na elaboração do *post*.

A conclusão a que chegamos é que o par estudado guarda uma relação de interligação, na medida em que, para existir o comentário, é necessário que haja um material antecedente que o dispare. Ainda que o comentário não seja responsivo ao *post*, o espaço dele só foi possibilitado diante da criação do *post*. Desse modo, consideramos o comentário como um gênero de existência plena, mas que depende de outros textos ou gêneros aos quais estará de alguma forma conectado: sejam estes materiais disparadores do comentário, o *post*, outros comentários ou outros sujeitos que participam da discussão. A necessidade de um material que dispare o comentário é que marca essa sua co-dependência enquanto gênero. Aliada a isso, está a função comunicativa responsiva do comentário, assim como a motivação da interação no suporte estudado.

Detectamos quanto ao conteúdo que este pode ser o mais variado, justamente porque o comentário é responsivo. Logo, pode gerar uma série de outros comentários cujos participantes da discussão instaurada considerem ser relevantes para publicação, já que ao comentar no suporte *Facebook*, o sujeito torna público aquele comentário. Em consonância com Sal Paz (2011), percebemos que ainda que seja delimitada a temática, os conteúdos dos comentários podem variar e são recorrentes quanto à questão opinativa e avaliativa.

Formalmente, é recorrente o uso de uma linguagem considerada informal, mais telegráfica, onomatopeica e, não raro, reproduzindo a oralidade. Também verificamos que o comentário tem um lugar demarcado no suporte, um espaço que lhe é próprio e no qual o sujeito pode recorrer tanto aos recursos multimodais quanto aos hipertextuais. Ao tecer um comentário, o sujeito percebe aquela configuração determinada no suporte, o que coopera com a formação de esquemas cognitivos que contribuem com o processo leitor do *post* e/ou de outros comentários.

Explorar o comentário enquanto produto de leitura do *post* nos permitiu ir além da recepção e refletir sobre este gênero. Reunimos, assim, justificativas baseadas no tratamento empírico para aprofundarmos as discussões sobre o comentário enquanto gênero textual próprio do ambiente digital.

Ao confirmarmos a plena existência do comentário como gênero, apesar de sua co-dependência a um material disparador, nos coube voltar o olhar para o *post*.

As análises nos mostraram que os *posts* têm uma existência mais independente que a do comentário. Isso porque, nem todo *post* recebeu comentário, foi compartilhado ou curtido até o momento da coleta. Enquanto usuários do suporte *Facebook*, vemos que isso acontece com alguma regularidade. O que podemos inferir de um *post*, que não tenha gerado nenhuma ação (“curtir”, comentar ou “compartilhar”), é que não motivou o interesse dos usuários em replicá-lo, comentá-lo ou “curti-lo”. No entanto, não podemos dizer que não houve recepção leitora por parte dos usuários. Apenas não podemos rastrear tal recepção. Desse modo, entendemos que a produção do *post* foi feita e ela não dependeu necessariamente de um material antecedente específico para existir. É nesse sentido que defendemos a existência mais independente do *post* se comparado ao comentário.

Quanto aos pilares arrolados na análise, verificamos que, quanto à forma, assim como o comentário, o *post* possui uma disposição no suporte que o caracteriza. A própria riqueza de recursos possibilitados nele, como os multimodais e hipertextuais, é característica intrínseca do suporte e a decisão de utilizá-los ou não é feita pelo usuário da rede social. A disposição mencionada é reconhecível pelos membros, já que a formatação básica é *post* em cima e comentário embaixo. Além disso, apesar de os sujeitos poderem contar com a riqueza do suporte na elaboração de um *post*, a forma está relativamente prevista na medida em que os recursos são vastos, mas não são ilimitados. Conforme vimos na parte inicial do capítulo 5, há ícones e *links* específicos que podem ser usados na composição do *post*, como o ícone que informa o lugar da publicação, por exemplo. Para além daquela forma prevista pelas capacidades técnicas do suporte, estão as possibilidades da língua. Esta é rica e, portanto, pode variar dependendo do modo pelo qual o *post* quer alcançar seus receptores a fim de motivar a interação, uma de suas funções sociocomunicativas. A forma, então, é variável em determinados pontos, porque depende das escolhas que o sujeito faz a fim de alcançar seu propósito comunicativo.

O mesmo vale para os conteúdos veiculados no *post*. No caso desta investigação, a temática foi delimitada, mas vimos que os conteúdos variaram apesar dessa delimitação.

Quanto ao *post*, ainda, vimos que, na etapa de produção, seu nascimento pode se dar a partir de materiais criados pelos próprios sujeitos que postam; a partir de materiais trazidos de outras fontes e que, portanto, são em geral outros gêneros, e/ou podem ser mistos, envolvendo uma parte de cada modo de elaboração. No entanto, percebemos que, estando dentro do formato do *post*, no suporte *Facebook*, esses gêneros “emprestados” exercem a função comunicativa que os caracteriza de forma secundária. Isso porque, a função comunicativa que vem à tona primeiramente é a do *post*. É o caso, por exemplo, dos *posts* de reprodução e mistos, porque nestes verificamos que o *post* se apropriou dos gêneros já existentes em outros suportes. Nessa apropriação, destaca-se a composição do *post*, sua forma, seu conteúdo, seu suporte e sua função comunicativa. O estudo nos revelou que o *post* tem uma função sociocomunicativa própria: a de compartilhamento, que sobressai sobre as demais possíveis.

Aliada a essa função, está a de favorecer a interação entre os membros da rede, na medida que um sujeito posta para distribuir/compartilhar com outros aquele material veiculado no suporte, tornando-o público. Essas duas funções comunicativas são específicas do *post*, independentemente de ele ter sido elaborado a partir de uma produção original do sujeito, por meio de uma reprodução, trazendo materiais ou gêneros de outros suportes, ou aliando estes dois modos.

Com relação ao suporte, tem o mesmo do comentário. Ou seja, é todo o conjunto de elementos físicos e virtuais que o compõem, como, o computador, *tablet* ou *smartphone* (o hardware), o programa que os faz funcionar, o navegador, a *internet* e a página do *Facebook*, um dentro do outro (cf. item 5.3.1).

Observando, então, os objetivos desta investigação, assim como os questionamentos que ela fertilizou, salientamos que, no que tange ao par estudado, apesar das variáveis discutidas, o comentário é um gênero pleno, responsivo e co-dependente de um material disparador. Isso porque, possui no meio virtual um suporte digital que lhe é característico; uma forma, que apesar de poder variar, tem uma disposição e uma organização que também o caracterizam; seus conteúdos são recorrentemente avaliativos e opinativos; e exerce uma função sociocomunicativa básica de promoção da interação. O *post* é outro gênero, mais

independente, de conteúdo e forma variáveis, mas cuja relativa estabilidade está no suporte virtual e nas funções comunicativas desempenhadas: o compartilhamento e a motivação da interação. Portanto, trata-se de um gênero textual próprio do ambiente digital. Uma vez que o post pôde ser caracterizado como gênero, a partir de nossa proposta metodológica, a terceira pergunta de pesquisa perde seu sentido. Não cabe, tomando-o como gênero, buscar-lhe uma nova função como ferramenta.

Considerando que o estudo alcançou os objetivos propostos, cabe-nos, por fim, reconhecer as limitações deste trabalho. Estas são fruto do próprio fazer científico que depende de questões complexas, como o tempo de investigação restrito em um curso de mestrado. Isso porque tal questão se reflete no recorte investigativo, que por não ser tão amplo, impede a generalização do defendido.

As revisões bibliográficas nos mostraram que, dentro do escopo desta pesquisa, a questão do *post* é original. O que por um lado nos motivou a contribuir academicamente com esta investigação, mas que, também, nos causou dificuldade no caminho quanto ao aporte teórico.

Acreditamos na cada vez maior evolução dos estudos da linguagem e, por isso, plantamos uma sugestão de seguimento do trabalho aqui iniciado, a ser realizado com sujeitos. Nesse sentido, consideramos que possa desdobrar-se na questão do gênero *post* e o ensino-aprendizagem de leitura.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. *Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos dos conceitos*. *Inf.Inf.*, Londrina, v. 12, n. esp., 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784/1520>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal* [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzeller]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BEZERRA, Benedito Gomes. *Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte*. In: PG LETRAS 30 ANOS, 2006, Recife. *Anais...* Recife: [s.n.], 2006. v.1, p.381-396

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECKZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 53-68.

_____. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 679-704, 2011b.

BRASIL já o terceiro em número de usuários no Facebook. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de abr. de 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/brasil-ja-terceiro-em-numero-de-usuarios-no-facebook-4680865>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

CARVALHO; KRAMER, Nelly Medeiros de; KÁSSIA, Rita de. *Linguagem no Facebook: linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 77-92

CASSANY, D. *Textos de didáctica de la lengua y de la literatura*, n. 57, p.12-22, abr. 2011.

CASTELA, Greice da Silva. Concepções de leitura no ensino de línguas. *Revista Línguas e Letras*, Paraná, n.esp, 2011. XIX Cellip. Disponível em: <<http://e- revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5484/4176>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

CASTELS, Gustavo; CARDOSO, Manuel (Org.). *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política*. In: *Debates*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-

_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2014.

COLOMER, T.; CAMPS, A. *Enseñar a leer, enseñar a comprender*. Madrid: Celeste Ediciones, 2000.

CORACINI, M.J.R.F. Leitura: decodificação, processo discursivo...? In: _____. (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

COSCARELLI, Carla Viana. Texto versus hipertexto na teoria e na prática. In: _____. (Org.). *Hipertextos na teoria e na prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 147-157.

COSTA, Marvin. Quem são e por onde andam os primeiros 20 usuários do Facebook? *TechTudo*. 11 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/02/quem-sao-e-por-onde-andam-os-20-primeiros-usuarios-do-facebook-veja.html>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <<http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/view/25>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. *Tecnologias da linguagem e produção do conhecimento*. Coleção Hipersaberes, Santa Maria, v. 2, dez. 2009. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2014

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECKZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 137-152.

DONATO, Aline de Bettencourt. *Gêneros textuais introdutórios e suporte: uma visão sociocognitiva da revista Nova Escola*. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

EFE (Washington). Criador do WhatsApp, Jan Koum foi de imigrante pobre a multimilionário. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 fev. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/02/1415716-criador-do-whatsapp-jan-koum-foi-de-imigrante-pobre-a-multimilionario.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, Joao Wanderley. Prática de Leitura na Escola. In: _____. *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

GOODMAN, Kenneth S. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, Emília; PALÁCIO, Margarita Gomes. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia e outros. *Cidades Rebeldes*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2013.

JESUS, Aline. *História das redes sociais: do tímido ClassMates até o boom do Facebook*. *TechTudo*. 12 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

KATO, M. *O aprendizado da Leitura*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, Angela. Abordagens de leitura. *Scripta*, Belo Horizonte, v.7, n.14, p. 13-22, 2004.

_____. *Leitura: ensino e pesquisa*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2012.

_____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 15. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Estratégias pragmáticas de processamento textual. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.30, p.35-42, jan./jun. 1996.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 3, p. 251-300.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; _____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed., 8. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

LÈVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência: o futuro da inteligência coletiva na era da informática*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, Raquel de F.; RANGEL, Priscila C. dos S. *Discussão sobre gêneros e processo leitor em redes sociais*. 2013. Monografia de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2013.

LINKEDIN passa Twitter e é a segunda rede social mais acessada no Brasil. *Zero*

Hora: Rio de Janeiro, 30 maio 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/tecnologia/noticia/2014/05/linkedin-passa-twitter-e-e-a-segunda-rede-social-mais-acessada-no-brasil-4513047.html>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LÓPEZ, Julia Miñano. Estrategias de Lectura: propuestas prácticas para el aula de E/LE. *Segunda Etapa Carabela*. Madrid: Sociedad General Española de Librería S.A, 2000.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p.19-38.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. *Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB)*, Joao Pessoa, v.1, n.1, p. 9-40, 2003. Disponível em: <http://sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portuguesas/anexos/text-15.pdf>. Acesso em: 25 maio 2014.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da informação*, Brasília, v.30, n.1, p.71- 81, jan./abr. 2001.

_____. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação. *Pesquisa brasileira de ciência informática*, Brasília, v.3, n.1, p. 27-40, jan./dez. 2010.

MEURER, J.L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MONTEIRO, Daniela Arns Silveira. *O gênero comentário: análise sócio-retórica de exemplares publicados nos jornais Diário Catarinense e Folha de São Paulo*. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2008.

MORAES, Denis. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 23, n. 2, jul./dez.

2000. Disponível em:

<<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/16072-16073-1-PB.pdf>>.

Acesso em: 25 maio 2014.

NUNES, Myriam Brito Corrêa. Visão Sócio-Interacional da Leitura. *Oficina de leitura instrumental: planejamento e elaboração de materiais*. Rio de Janeiro: Ipe/ PUC Rio, 2005. (Coletânea de documentos).

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. *A comunicação digital e as novas perspectivas para a Educação*. Disponível em: <http://lynn.pro.br/pdf/art_redecom.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2013.

OLIVEIRA, Mariangela R. de. Linguística Textual. In: MARTELOTTA. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PEREIRA, Luana G. Leitura, gêneros textuais e novas tecnologias. *Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia*, Canoas, v.1, n.1, 2012.

POSSENTI, S. Teorias de Texto e de Discurso: inconciliáveis? *Gragoatá*, Niterói, v. 29, p. 23-34, 2010.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2009.

_____. *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*. 2003a. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>> Acesso em 28 out. 2013.

RECUERO, Raquel. *Comunidades virtuais em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 334 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, RS, 2006.

SAL PAZ, Julio César. *La dimensión argumentativa y la configuración de representaciones sociales en los comentarios de lectores de la prensa digital*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2003. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/4726>. Acesso em: 28 out. 2013.

SANTANA E SANTANA, Camila Lima. Redes Sociais na internet: Potencializando interações Sociais. In: COLÓQUIO UNEB, 2007, Bahia. *Anais...* Disponível em: <www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>. Acesso em 28 out. 2013.

SIGNIFICADO de WWW: o que é WWW. [2011]. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/www>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artemed, 1998.

SOTO, Ucy. Ensinar e aprender línguas com o uso de (novas) tecnologias: novos cenários, velhas histórias? In: SOTO, Ucy et al. *Novas tecnologias em sala de aula: (re)construindo conceitos e práticas*. São Carlos: Claraluz, 2009.

SOUZA, Agnaldo Gomes de; CARVALHO, Eduardo Paulo Monteiro de. Uma noção de suporte virtual. *Hipertextus*, Pernambuco, v.1, ensaio 2, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio2-agnaldo-eduardo.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

SOUZA, A. N. *As Políticas Educacionais para o Desenvolvimento e o Trabalho Docente*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 1999.

TAIT, Tania F.C.; TRINDADE, J.T. *Aspectos sociais da informática*. Maringá, EDUEM, 2003.

TÁVORA, Antônio Duarte Fernandes. *Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, CE, 2008.

TOMAÉL, Maria Inês, ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. *Cl. Inf.*, Brasília, v.34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.



TRAVAGLIA, Luiz Carlos, *A Caracterização de Categorias de Texto: tipos, gêneros e espécies*. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007.

VERGNANO-JUNGER, Cristina de Souza. Elaboração de materiais para o ensino de espanhol como língua estrangeira com apoio da internet. *Calidoscópico*, São Leopoldo, RS, v. 8, n. 1, p.24-37, jan./abr. 2010.

_____. Leitura na tela: reconstruindo uma prática antiga. In: SOTO, Ucy et al. *Novas tecnologias em sala de aula: (re)construindo conceitos e práticas*. São Carlos: Claraluz, 2009. p.25-33.


WHATSAPP libera versão para web; confira o passo a passo para usar. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 jan. 2015. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/01/21/interna_tecnologia,467492/aplicativo-de-bate-papo-whatsapp-libera-versao-para-web.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2015.


ANEXO A - Post 1 (P01)


 **Sp01**
5 de outubro às 23:27 · 


Dilma teve mais votos do que Aécio em Minas? Isso me diz alguma coisa...rs



[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)



 8 pessoas curtiram isso.

 **Sc01** nada!
18 h · [Curtir](#)

 **Sp01** hahaha
18 h · [Curtir](#)



 **Sc02** Porra pro cara perder lá, ele não é a solução dos problemas.na casa dele não arrumou nada...
18 h · [Curtir](#) ·  1

 **Sc03** Povo mineiro preocupado com a qtd de aeroporto que ele pode construir em beneficio da familia dele caso ele vire presidente ahuahuahua
18 h · [Curtir](#) ·  1


ANEXO B – Post 2 (Post 02)



Spa08 comentou isso.



 **Sp 02**
11 h · [Editado](#) · 



Marina é a prova viva de que quem vive em cima do muro não chega a lugar nenhum.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 **Sp 08** e outras 11 pessoas curtiram isso.

 **Sc04** O grande motivo por eu não ter votado nela
4 h · [Curtir](#) ·  1

 **Sp 08** Concordo.
28 min · [Curtir](#) ·  1

ANEXO C – Post 3 (P03)



The image shows a screenshot of a Facebook post and its comments. The post is from user 'Sp03' on October 5th at 20:30 from Rio de Janeiro. The text of the post is 'Aécio, never!!!!'. Below the post, it shows that 'Sp14' and 12 other people liked it. There are four comments visible, each with a timestamp and a like count. At the bottom, there is a text input field for writing a comment.

Post:
User: Sp03
Date: 5 de outubro às 20:30 · Rio de Janeiro · Público
Text: Aécio, never!!!!
Actions: Curtir · Comentar · Compartilhar



Reactions:
Sp14, e outras 12 pessoas curtiram isso.

Comments:
Ver mais 5 comentários

- User: Sp03 (blue profile picture)
Text: Já fui de Dilma e vou de novo, amiga !!
Date: 5 de outubro às 22:29 · Curtir · 3 likes
- User: Sp16 (grey profile picture)
Text: Dilma pra mim não dá...
Date: 5 de outubro às 22:30 · Curtir · 1 like
- User: Sc05 (purple profile picture)
Text: Tb, Sp16, vou no Aécio ou anulo... Na Dilma, jamais!!!
Date: 5 de outubro às 22:56 · Curtir · 1 like
- User: Sc05 (purple profile picture)
Text: Sp03, respeito sua opinião. Amizade acima de tudo!!!
Date: 5 de outubro às 23:10 · Descurtir · 2 likes

Input Field:
Escreva um comentário... (with a camera icon)


ANEXO D – Post 4 (P04)


 Sp04 **PROFESSORES PCRJ/SME**
5 de outubro às 23:14 · 


SOBRE AECIO: se votar, fique consciente de quem é, pra nao dizer depois que foi enganado:


- 1- Censurou a parte da imprensa mineira que ousou denunciar esquemas de corrupção quando governador de MG.
- 2- Também tentou censurar o Google, Yahoo! e Bing, movendo um processo para retirada de links relacionados ao uso de drogas e ao desvio de verbas da saúde.
- 3- Mandou demitir um diretor da Globo de Minas Gerais após três reportagens que o desagradaram.
- 4- Não gosta de ser investigado... [Ver mais](#)


[Curtir](#) · [Comentar](#)

 45 pessoas curtiram isso.

 [Ver mais 23 comentários](#)

 Sc06 Putzzzz sem saber oq fazer!!!
20 h · [Curtir](#)

 Sc07 <http://cbn.globoradio.globo.com/.../VOU-VOTAR-NA-DILMA-NO...>

 **'Vou votar na Dilma no segundo turno', diz Marcelo Freixo**
Deputado estadual mais votado, o membro do PSOL...
CBN.GLOBORADIO.GLOBO.COM

ANEXO E – Post 5 (P05)

2 pessoas curtiram isso.

Spa05 com
23 h · Editado · 🗨️

Chupa aaa golpistas!!
É Dilma!




Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 e outras 14 pessoas curtiram
isso.

Escreva um comentário...


ANEXO F – Post 6 (P06)

Sp06 e comentaram isso.

 Sp06
9 h · Rio de Janeiro · 🌐

Acho que vcs já podem voltar com as mensagens de bom dia, boa tarde e boa noite, também com as postagens sobre a inveja que sentem de vc. Chega de pensar que vc entende de política e de ficar copiando e colando texto dos outros!

Curtir · Comentar · Compartilhar


 e outras 49 pessoas curtiram isso.

Ver mais 16 comentários

 Sc08 Kkkkkkkkk
1 h · Curtir

 Sc09 Só vc mesmo kkkkkk
1 h · Curtir ·  1

 Sp06 Sc09 , ontem à noite eu tava rindo lembrando do "Dilminha" ele deve estar feliz! kkkkkk
1 h · Curtir ·  1

 Sc09 Pra tu ver o nivel da dilminha
1 h · Curtir ·  1

 Escreva um comentário...  

ANEXO G – Post 7 (P07)

Sp07
Ontem às 18:55 · Editado · 🗨️

O fato de você não votar no candidato que ganhou, não te isenta do seu dever e direito como cidadão. Se você acha que não tem de lutar por mais nada só pq quem está no poder não é seu candidato, sinto muito informar, mas você é, no mínimo, limitado.
Política não se faz só na urna, fiscalizar, cobrar, é um direito (e um dever no meu ponto de vista). Ficar de braço cruzado e postando lamentação aqui no face, sei não, acho meio bosta (desculpa o termo).
Agora vamos viver, já passou a eleição!

Curtir · Comentar · Compartilhar

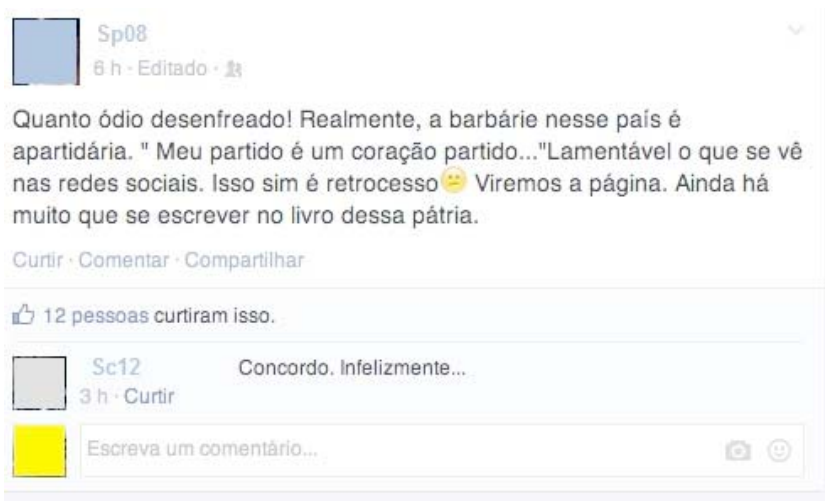
👍 e outras 16 pessoas curtiram isso.

↪️ 2 compartilhamentos

Sc10 você disse tudo! Diria até mesmo que há uma certa covardia mesclada com um perfil mimado, que não sabe perder e que não quer se mexer em prol do coletivo, apenas ir às urnas.
23 h · Curtir · 👍 2

Sc11 FALOU TUDO! Li umas coisas desse tipo que me deram enjoo.... :S
1 h · Curtir

Escreva um comentário... 📷 😊

ANEXO H – Post 8 (P08)

Sp08
6 h · Editado · 🗨️

Quanto ódio desenfreado! Realmente, a barbárie nesse país é apartidária. " Meu partido é um coração partido..."Lamentável o que se vê nas redes sociais. Isso sim é retrocesso 😞 Viremos a página. Ainda há muito que se escrever no livro dessa pátria.

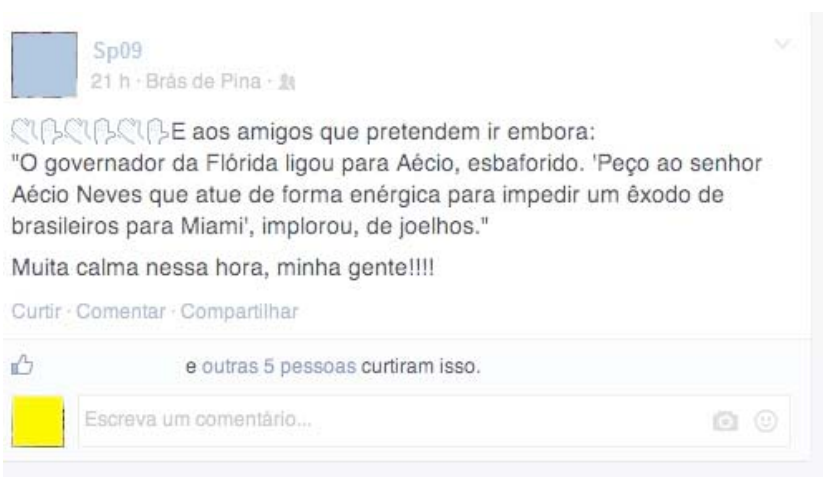
Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 12 pessoas curtiram isso.

Sc12
3 h · Curtir

Concordo. Infelizmente...

Escreva um comentário...

ANEXO I – Post 9 (P09)

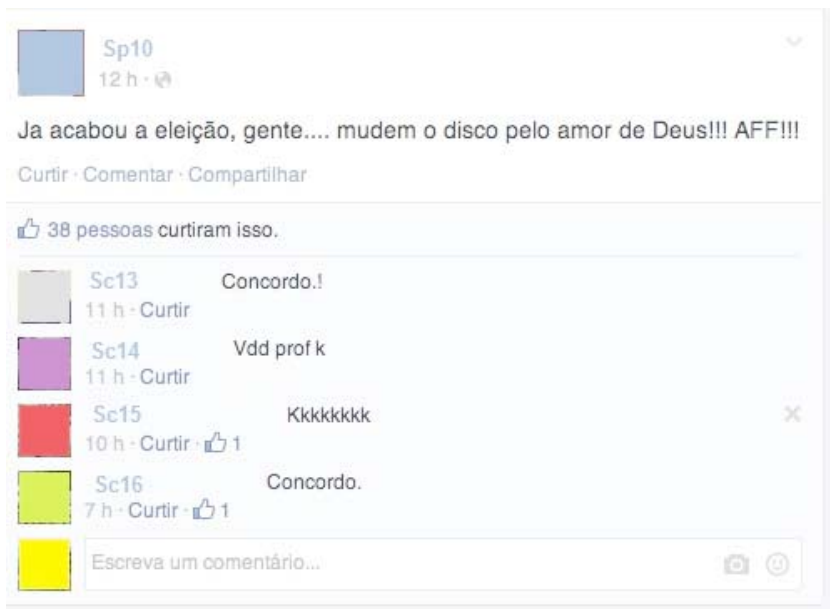
Sp09
21 h · Brás de Pina · 🗨️


👉👉👉👉👉 E aos amigos que pretendem ir embora:
"O governador da Flórida ligou para Aécio, esbaforido. 'Peço ao senhor Aécio Neves que atue de forma enérgica para impedir um êxodo de brasileiros para Miami', implorou, de joelhos."
Muita calma nessa hora, minha gente!!!!

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 e outras 5 pessoas curtiram isso.


Escreva um comentário...

ANEXO J – Post 10 (P10)

Sp10
12 h · 



Ja acabou a eleição, gente.... mudem o disco pelo amor de Deus!!! AFF!!!


Curtir · Comentar · Compartilhar



 38 pessoas curtiram isso.

Sc13 11 h · Curtir Concordo.!



Sc14 11 h · Curtir Vdd prof k


Sc15 10 h · Curtir ·  1 Kkkkkkkk 

Sc16 7 h · Curtir ·  1 Concordo.

Escreva um comentário...  

ANEXO K – Post 11 (P11)

e  curtiram isso. 



Sp11
8 h · Editado · 

Feliz Dia do Funcionário Público a todos. A minha patroa não mudou, continua #DilmaRoussef. \0/




Curtir · Comentar · Compartilhar

 e outras 40 pessoas curtiram isso.

Sc17 1 h · Curtir parabens,mas creio que seja o povo brasileiro o patroo de todos funcionarios publicos deste país.afinal tudo e pago com nosso imposto e nao com o dinheiro dela.bjs



Escreva um comentário...  




ANEXO L – Post 12 (P12)

 Sp12  se sentindo cansada
2 h · 


Na boa gente.. Vamos canalizar nossas energias fazendo o q realmente vai mudar nosso panorama.. TRABALHANDO!
Q saco esse mimimi de política no face.. As pessoas esqueceram os princípios de igualdade e direito de escolha e estão desfazendo amizades por causa dessas questões.. É sério isso??
Pois bem, fazendo uma faxina no meu mural de amigos.. Excluindo todo mundo q NÃO anulou seu voto, Ok?!
Haja..

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 Curtiram isso  e outras 19 pessoas curtiram isso.


 Escreva um comentário...  

ANEXO M – Post 13, parte 1



 Sp13
26 de outubro de 2014 · Editado · 


Aécio perdeu em Minas de novo! Hahahaha Aécio, quem conhece não vota jamais! Aécio, NEVER!

[Descurtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)


 Sp03, Sc19  D e outras 41 pessoas curtiram isso.

 Sp03 Perdeu feio la!!
26 de outubro de 2014 às 20:28 · [Curtir](#) ·  2

 Sc19 Oh! Minas Gerais, oooh Minas Gerais! Quem conhece Aécio não vota jamais! Oh! Minas Gerais!
Kkkkkkkk
#dilmando13
26 de outubro de 2014 às 20:29 · [Curtir](#) ·  2

 Sp13 Contagem regressiva pra começar as ofensas por parte dos coxinhas... pq eles só sabem fazer isso.
26 de outubro de 2014 às 20:30 · [Curtir](#) ·  2



















 Sc19 Já começou... AFF!
26 de outubro de 2014 às 20:36 · [Curtir](#) ·  1

 Sp13 Já começou mesmo... vergonha alheia.
26 de outubro de 2014 às 20:37 · [Curtir](#) ·  1

ANEXO N – Post 13, parte 2

-  **Sc18** BH conhece o governo Aécio.... 64,27% dos mineiros da capital apoiam o ex governador!!!
27 de outubro de 2014 às 12:45 · Curtir
-  **Sc48** Aécio foi prefeito ou governador? Acho que a totalidade do estado fala muito mais.
27 de outubro de 2014 às 12:51 · Curtir ·  5
-  **Sc19** Hahahahahahaha
Isso, **Sc48** ! Falar só da capital é mole. Vai olhar direito as informações pra depois falar.
Galera, o choro é livre! Dilmais!
27 de outubro de 2014 às 13:56 · Curtir ·  3
-  **Sc19** Miami tbm foi o lugar onde Aécio mais ganhou votos. Viver em Miami e votar em Aécio Farinha é fácil.
A população é muito que uma elite burguesa que só olha pro seu umbigo!
27 de outubro de 2014 às 13:59 · Editado · Curtir ·  4
-  **Sc18** Sim querida **Sc48** , o comentário da sua companheira **Sp13** diz que: quem conhece não vota jamais!!!! E BH conhece muito bem e votou em Aécio!!!! Apenas isso!!!
Aliás, vc e sua companheira **Sc19** levaram ou levam qual bolsa mesmo?
Ou será que fazem parte do pronatec??
27 de outubro de 2014 às 14:24 · Curtir
-  **Sc48** Querida? Hahahahaha
Vou te poupar de adjetivos. Minha amiga **Sp13** falou do estado MG. Recebi bolsas sim, aliás, recebo, porque estudei numa Universidade Federal e faço mestrado na mesma. Mas não acho relevante explicar minha trajetória acadêmica e profissional...
Desculpe mas não sei o que te leva a se achar um ser superior, se não consegue sequer respeitar opiniões diferentes.
27 de outubro de 2014 às 14:34 · Curtir ·  3

ANEXO O – Post 13, parte 3

-  **Sp13** Só uma dúvida: **Sc18** , o que vc entende de universidades?
27 de outubro de 2014 às 14:45 · Curtir ·  2
-  **Sc48** Hahahahahaha **Sp13** , dá-lhe aula de interpretação de texto!
27 de outubro de 2014 às 14:45 · Curtir ·  2
-  **Sc18** De universidades ou de bolsas **Sp13** ?
27 de outubro de 2014 às 14:47 · Curtir
-  **Sp13** É.... teoria confirmada! Hahaha
27 de outubro de 2014 às 14:47 · Curtir ·  2
- (...)
-  **Sc20** **Sc18** passa o endereço fo seu Lattes pra gnt! Tô curiosa...
27 de outubro de 2014 às 14:52 · Curtir ·  4
-  **Sc19** **Sc18** querida, algum problema com bolsa científica? Porque a que eu tenho foi concedida pela CAPES. Aliás, vc tem Lattes? Se não, melhor parar a discussão por aqui porque é o mesmo que tirar leite de pedra.
27 de outubro de 2014 às 14:54 · Curtir ·  4
-  **Sc19** **Sc18** , se ainda não tiver frequentado uma boa universidade, o pronatec pode ser o primeiro passo! 😊
27 de outubro de 2014 às 14:58 · Curtir ·  3
-  **Sc19** Amigas lindas do meu ❤️, agora parei de papo porque tenho uma dissertação pra terminar. Bjinhos!
27 de outubro de 2014 às 14:59 · Curtir ·  4
-  **Sc48** Hahahahahaha dinda linda! Também estou indo. 
Dissertação nos espera! 😊
27 de outubro de 2014 às 15:01 · Curtir ·  2

ANEXO P – Post 13, parte 4

 **Sp13**  Beijos!
27 de outubro de 2014 às 15:02 · Curtir ·  2

 **Sc18** Universidade é a base!! Super importante!!!! Mas o duro vem qdo o universitário se forma e entra no mercado de trabalho ou não....
27 de outubro de 2014 às 15:15 · Curtir ·  1

 **Sc18** Vcs trabalham ou só estudam? Estão plenamente satisfeitas com o cargo que ocupam? Se estiverem, que bom!!!! Sejam felizes !!!!
27 de outubro de 2014 às 15:16 · Curtir ·  3

(...)

 **Sc20** Realmente... O conhecimento dela sobre as Universidades e o mercado de trabalho é vasto... Sem palavras! Esse é o eleitorado do Aécio, minha gente!!!
27 de outubro de 2014 às 15:59 · Curtir ·  4

 **Sc18** **Sc20**, meu métier é construir Yachts... Quer discutir sobre o assunto querida?
8 h · Curtir


 **Sc18** **Sc19**, se você precisar de uma boa universidade na França, fala comigo q te dou umas dicas!! 😊
8 h · Curtir

 **Sc19** Já sou formada, **Sc18**, em uma ótima universidade brasileira com período sanduíche em outra espanhola. Sempre que preciso de ajuda procuro por pessoas que posso confiar no intelecto. Não posso me garantir nas suas dicas de universidades francesas, apesar de eu conhecer algumas muito boas. Acho melhor vc continuar com sua construção de iates porque de argumentos vc é bem fraca. Passar bem.
28 de outubro de 2014 às 06:14 · Curtir ·  1

 **Sc20** Se vc é mecânica de iates, nada me importa. O assunto em pauta não é sua profissão e pelas suas respostas vejo que vc é limitada, querida. Não debato com quem não tem argumentos para sustentar uma discussão. Fim de papo.
28 de outubro de 2014 às 06:20 · Curtir ·  1

ANEXO Q – Post 14 (P14)


Sp26 curtiiu isso.





Sp14
22 h · 🗨️

Meu pai é de Natal e votou no Aécio e nem por isso eu briguei com ele. Respeito sua opinião e ele respeita a minha,sem brigas . Até brincamos um com o outro sobre estas questões. Estamos na democracia e esta eleição mostrou as diferentes opiniões dos eleitores. A Dilma venceu,isto é fato.Nunca estará bom e sempre haverá uma oposição para criticar o governo atual,por enquanto sempre visando interesses financeiros. Agora o que você faz para ajudar o Brasil mudar?Comece por ...
Ver mais


Curtir · Comentar · Compartilhar

 Sp26 e outras 41 pessoas curtiram isso.


 Ver mais 4 comentários




Sc21 Apoiado Sp14 , não devemos esperar apenas da política a tão sonhada MUDANÇA, que ela comece em nós efetivamente.
21 h · Curtir · 🍊 4





Sc22 Perfeito Sp14 !!! Três vezes apoiado!
21 h · Curtir · 🍊 4



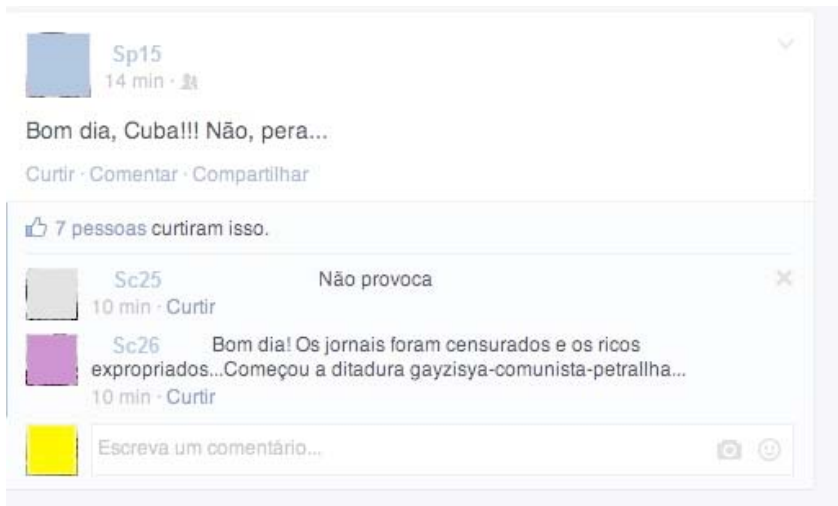
Sc23 Por aí! Comece a mudança a partir da mudança interna. O que tem de gente preconceituosa, querendo que o Brasil mude, mas que mude de forma que o favoreça...Na verdade o Brasil está mudando. A democracia nesses moldes é algo recente. Estamos votando e a...
Ver mais
19 h · Editado · Curtir · 🍊 3



Sc24 Bacana
12 h · Curtir · 🍊 1

Escreva um comentário...  

ANEXO R – Post 15 (P15)



The image shows a screenshot of a social media interface. At the top, a post by user 'Sp15' is visible, posted 14 minutes ago. The text of the post is 'Bom dia, Cuba!!! Não, pera...'. Below the post, there are options to 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'. A notification indicates that 7 people liked the post. Below this, there are two comments. The first comment is from user 'Sc25', posted 10 minutes ago, with the text 'Não provoca'. The second comment is from user 'Sc26', also posted 10 minutes ago, with the text 'Bom dia! Os jornais foram censurados e os ricos expropriados...Começou a ditadura gayzisyia-comunista-petrallha...'. At the bottom, there is a text input field for writing a comment, with the placeholder text 'Escreva um comentário...' and icons for adding photos and emojis.

Sp15
14 min · 🌐

Bom dia, Cuba!!! Não, pera...

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 7 pessoas curtiram isso.

Sc25 Não provoca
10 min · Curtir

Sc26 Bom dia! Os jornais foram censurados e os ricos expropriados...Começou a ditadura gayzisyia-comunista-petrallha...
10 min · Curtir

Escreva um comentário... 📷 😊

ANEXO S – Post 16 (P16)



Sp16
1 h · 🌐

Em tom de desfecho
Dilma, saudações
Aécio, se perdeu
Crivella, não deu
Pezão, pra você não tem rima
A poesia é território livre de corrupções.
Maria Cecília (28-10-2014)

Descurtir · Comentar · Compartilhar

👍 Sp08 e outras 17 pessoas curtiram isso.

🗨️ Ver mais 4 comentários

Sc27 Show!
1 h · Editado · Curtir

Sc28 *u*
22 min · Curtir

Sc29 Muito bom!
14 min · Curtir

Sc29 Compartilhei! 😊
13 min · Curtir

Escreva um comentário...

ANEXO T – Post 17 (P17)



Sp17
3 h · Rio de Janeiro · 

Quem lê a veja tem titica de galinha na cabeça
Quem compartilha artigo da veja tem titica de galinha na cabeça
Quem acha que tá bem informado pq leu na veja tem titica de galinha na cabeça
Quem acha que Democracia Participativa = Ditadura Bolivariana pq leu na veja tem titica de galinha master blaster na cabeça !!!!
Cadê o senso crítico dessa gente mel dels ?????!!!!!! ... [Ver mais](#)



Entenda o decreto de Dilma sobre política de participação social

Classificado por alguns como 'golpista', 'bolivariano' e até 'bolchevique', o decreto de Dilma sobre política de participação social parece bem menos polêmico.

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

[Descurtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 outras 2 pessoas curtiram isso.

 2 compartilhamentos

ANEXO U – Post 18 (P18)

Sp18 compartilhou a foto de
Ontem às 19:15 · 🌐



Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 4 pessoas curtiram isso.

Sc30 DILMA!!!
Ontem às 19:42 · Curtir

Sc31 Mesmo assim voto em você, tudo menos Dilma!kkkkkkkkkkk
Ontem às 21:44 · Curtir

Escreva um comentário...

ANEXO V – Post 19 (P19)

Sp19 via
4 h · 🌐



Rede de Marina racha e grupo diz que foi erro recomendar voto em Aécio - Política - Estadão

Membros afirmam que melhor alternativa seria não ficar ao lado de nenhum candidato e que apoio a tucano é fim da 'nova política'

POLITICA.ESTADAO.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar

🔗 1 compartilhamento

 Escreva um comentário... 

ANEXO W – Post 20

Sp20
Brasil.
1 h · 🌐

compartilhou a foto de Plantão

EM POUCAS HORAS, VEJA É DESMENTIDA
ADVOGADO DE DOLEIRO DESMENTE REVISTA

“Eu **nunca ouvi nada que confirmasse isso** (que Lula e Dilma sabiam do esquema de corrupção na Petrobras). Não conheço esse depoimento, não conheço o teor dele. **Estou surpreso**”, afirmou Basto. “Conversei com todos da minha equipe e **nenhum fala isso**. Estamos perplexos e desconhecemos o que está acontecendo. É preciso ter cuidado porque está havendo muita especulação”



PLANTÃO BRASIL

Plantão Brasil

<http://plantaobrasil.com.br/news.asp?nID=82887> - Advogado de doleiro desmente a Veja. Dessa vez o golpe não durou nem 12 horas.

Alguém avisa a Veja que hoje temos internet e redes sociais e que a mentira tem a perna mais curta do que nunca?

Curtir · Comentar · Compartilhar

Escreva um comentário...

ANEXO X – Post 21 (P21)

Sp20
Novo Já.
1 h · 🌐

compartilhou a foto de Dilma de

FARSA DA VEJA DESMORONA

Advogado do próprio doleiro diz que Veja mentiu sobre Dilma



Dilma de Novo Já

Numa tentativa desesperada de prejudicar a Presidenta Dilma Rousseff, a Revista Veja parte para o ataque mais uma vez com mentiras! Quem diz isso é o próprio defensor do criminoso! Leia: brasil247.com/pt/247/midiatech/158095/Advogado-de-doleiro-Veja-mentiu-sobre-Dilma.htm

Curtir · Comentar · Compartilhar

Escreva um comentário...

ANEXO Y – Post 22 (P22)

Sc32 comentou isso.

Sp21 publicou um vídeo na linha do tempo de Sc32
1 h · 



121.363 Visualizações

Muda Mais

O desespero da Revista Veja às vésperas das eleições excedeu todos os limites da decência e da falta de ética. Sem apresentar NENHUMA prova, eles insinuam o env ...

Ver mais

Curtir · Comentar · Compartilhar

 Sc32 curtiu isso.

 Sc32 O desespero está tão claro q tá feio, tá escroto.
1 h · Curtir

 Escreva um comentário...  

ANEXO Z – Post 23 (P23)

Sp22 compartilhou a foto de J
1 h · 🌐

w f
@w

votei na Dilma e vou continuar reclamando do governo sim. Exigir melhoras é MUITO diferente de querer o PSDB.

26/10/14 20:35

J
😊


Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 8 pessoas curtiram isso.

Sc33 kkkk
39 min · Curtir

Escreva um comentário...

ANEXO AA – Post 24 (P24)



Sp19
51 min · 🗨️

compartilhou a foto de R

**Acabou. Chega de brigas e brincadeiras bobas por causa de política.
Em primeiro lugar, a amizade.**

Em segundo, o Aécio...

R

Chegou a hora...

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 4 pessoas curtiram isso.

Sc34 47 min · Curtir kkkkkkk

Sc35 28 min · Curtir kkkkkkkkkkkk

Escreva um comentário...

ANEXO BB – Post 25 (P25)

 Sp23
de M
12 h · 🌐

compartilhou o evento ▾



Dia do Nordeste 2014
Quinta, 6 de novembro às 00:00
redes sociais
724 pessoas confirmaram presença

Participar

Curtir · Comentar · Compartilhar

 Escreva um comentário...  

ANEXO CC – Post 25

Sp20
8 h · 🌐

via P



OAB repudia ofensas a nordestinos nas redes sociais e estimula denúncia

A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) repudiou nesta segunda-feira (27) a onda de manifestações de discriminação contra nordestinos nas redes sociais...

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isso.

📷 😊

ANEXO DD – Post 27 (P27)

Sp24 e Sp25 compartilharam um link.



Marina decide apoiar Aécio em troca de compromisso real por fim da reeleição - Política - Estadão

Candidata do PSB que ficou fora do 2º turno pede alterações no programa de governo de tucano antes de oficializar adesão

POLITICA.ESTADAO.COM.BR

Sp24 via A P

2 h · Editado · 🗨

É isso que a Marina chama de "nova política"?

Curtir · Comentar · Compartilhar

ANEXO EE – Post 28 (P28)

Sp26 e Sp27 compartilharam a foto de Conselhos das Tias Wilson.



ENTRE A DILMA E O AÉCIO

PREFIRO DEVOLVER O BRASIL PROS ÍNDIOS E PEDIR DESCUPIAS

Sp26 compartilhou a foto de Conselhos das Tias Wilson. 37 min · 🌐

Curtir · Comentar · Compartilhar

Sp27 compartilhou a foto de Conselhos das Tias Wilson. 5 h · 🌐

Isso expressa o meu sentimento!

ANEXO FF – Post 29 (P29)

Aécio lança candidatura para presidente do Vasco

Após ter ficado em segundo lugar nas eleições e estar desempregado, Aécio Neves resolveu mudar o Vasco da Gama. O candidato já fica mais no Rio de Janeiro do que em qualquer lugar do Brasil, então é tudo que ele precisa para...

SENSACIONALISTA.COM.BR

 **Sp19** via **Sp24** 41 min · 🌐

Aécio é um candidato comprometido com as tradições do clube e com as aspirações da massa vascaína. É, sem dúvida, um nome excelente para que o Vasco possa levantar voo e pousar com segurança no grupo de elite do futebol brasileiro.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 **Sp24** curtiu isso.

 **Sp24** via **Sensacionalista** 53 min · 🌐

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 1 compartilhamento

[Ver todos](#)

ANEXO GG – Post 30 (P30)

 Sp28 via H
5 de outubro às 18:10 · 🌐

Será que o PT cai????



Método que acertou 100% nas eleições dos EUA mostra vitória de Aécio

Consultoria analisou um possível segundo turno entre Dilma e Aécio usando como base a última pesquisa Ibope e mostrou que o candidato tucano venceria a atual...

INFOMONEY.COM.BR | POR FELIPE MORENO & BULL; RODRIGO TOLOTTI UMPIERES

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 6 pessoas curtiram isso.

💬 Ver mais 1 comentário

 Sp28 Inacreditavel!!!! Ja estava querendo fugir do Brasil. Agora com esperança renovada mas nao podemos relaxar. Temos que fazer campanha para o PT cair

ANEXO HH – Post 31 (P31)

 Sp29 compartilhou a foto de J 12 h · 🌐

Em época de eleição a gente vê cada coisa...



J
uma ótima noite

Curtir · Comentar · Compartilhar

 Sc36 curtiu isso.

 Sc36 Eu falo que ninguém salva e o pessoal não acredita! Quem começou essa história de dar dinheiro para Cuba foi o próprio FHC. Apesar das aparências ele é de esquerda também, rs.

ANEXO II – Post 32 (P32)

 Sp19
2 h · 🌐 via L

E agora, Marina?



Programa de Aécio defende fim da reeleição só em 2022
O programa de governo do candidato do PSDB à Presidência, Aécio Neves, contempla o fim da reeleição e a alteração do mandato de quatro para cinco anos, como quer o grupo da ex-senadora Marina Silva (PSB). Há, no entanto,...

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isso.

➦ 3 compartilhamentos

 Escreva um comentário... 

ANEXO JJ – Post 33 (P33)

curtiu isso.

 Sp05 via A
1 h · Editado · 🗨️

Como não amar o TMZ???



Lindsay Lohan Endorses a Presidential Candidate
Naturally she picked the one linked to a helicopter full of cocaine. Makes sense.

YOUTUBE.COM

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 curtiu isso.

 Escreva um comentário... 📷 😊

ANEXO KK – Post 34 (P34)

 Sp30 ▶ **Apoio dos Pós-Graduandos a Dilma no 2º turno**
41 min · 🗨️

DILMA: TRÊS MINUTOS E MEIO DANDO NOME AOS BOIS.
<https://www.youtube.com/watch?v=th857UxUe8Y>



Dilma fala sobre o terrorismo eleitoral da Revista Veja
Saiba mais sobre a gente: www.mudamais.com
www.facebook.com/mudamais
www.twitter.com/mudamais
www.instagram.com/mudamais www.google.com/+...

YOUTUBE.COM

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 11 pessoas curtiram isso.

 Sc47 #DILMA13 ❤️
37 min · Curtir

 Escreva um comentário... 📷 😊

ANEXO LL – Post 35 (P35)

Sp31 via E
1 h · 28

Veja pra quem?



Dilma vai pra cima da Veja ! | Conversa Afiada
É um crime !
CONVERSAAFIADA.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar

curtiu isso.

Sp03 Que Veja a galera do Aécio
Agora mesmo · Curtir

Escreva um comentário...

ANEXO MM – Post 36 (P36)

 Sp32 compartilhou a foto de Partido dos Trabalhadores. Adicionar aos amigos

1 h · 

Dps dizem que a mídia faz tudo pra Dilma se reeleger. Acho q é o inverso.



Partido dos Trabalhadores

ORA, VEJA!

Advogado de doleiro desconhece declarações de Youssef que Veja afirma existir, mas não mostra.

Leia na Agência PT de Notícias em <http://migre.me/mrxK...>

[Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 Sc32 e outras 4 pessoas curtiram isso.

 [Ver mais 8 comentários](#)

 Sc32 Tomara. Ninguém merece essa revista tendenciosa, e muito menos quem lê e acredita nessa joça.


ANEXO NN – Post 37 (P37)




Sp33 compartilhou a foto de R
21 h · 


"Segundo Malafa, Pezão é ladrão e Aécio é Jesus, ou Jesus é ladrão e Aécio é Pezão? "

[Descurtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)


 3 pessoas curtiram isso.





Sc37 Por pastores como ele é que as pessoas não acreditam no cristianismo!!!
21 h · [Curtir](#)



Sc38 É infelizmente grandes homens que se dizem ser de Deus se prestando a isso para não dizer se vendendo tem que tirar ele de todos os programas de tv e radio para não fazer mais mal para o povo de Deus mais meu povo não olhe para isto lembre-se que Jesus é o caminho a verdade e vida olhem para ele o Cristo vivo.
21 h · [Curtir](#) ·  1



Sc39 KKKKKKKKKK... Belas deduções!
20 h · [Curtir](#)

ANEXO OO – Post 38 (P38)

 Sp15 compartilhou o vídeo "Somos a resistência" 5 h · 

! de l

Dilmaaaaa, desce o bolsa tarja preta aê!



75.849 Visualizações

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 2 pessoas curtiram isso.

 Sc40 nós maioria?! 55 min · [Curtir](#)

 Escreva um comentário...  

ANEXO PP – Post 39 (P39)

Sp18 compartilhou a foto de Correio Braziliense.
11 h · 🌐

Vá lá, você consegue sobreviver fora do país! Está com medo de quê?

LOBÃO
50 min · 🌐

SE É PARA O BEM DOS BONS E DESESPERO TOTAL DO PT,DIGA AO POVO QUE FICOI

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 2.866 pessoas curtiram isso.

🔄 1.492 compartilhamentos

Correio Braziliense

Após prometer deixar o Brasil se o PT vencesse, Lobão diz que fica
<http://goo.gl/bT3I9R>

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 curtiu isso.

Escreva um comentário...

ANEXO QQ – Post 40 (P40)

Sp09 comentou isso.

 Sp09 via **Sensacionalista**
8 h · Editado · 

Olha aí More , o que estávamos falando... Kkkk



Facebook terá botão “Refazer amizade”

Passado o longo período eleitoral que causou o fim de amizades e separação de familiares, o Facebook resolveu dar uma mão no processo de pacificação e resolveu implementar o botão “Refazer amizade”. A ideia é recuperar as...

SENSACIONALISTA.COM.BR

[Descurtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 curtiram isso.

 Sc41 Vai ter que ter mesmo... Acredita que eu recebia mensagens in box, whats app etc?! Eu só espero que estes não tentem me convencer de opções sexuais, religião, gostos musicais, time de futebol etc...
8 h · Curtir

 Sp09  Fica tranquila amiga...
8 h · Editado · Curtir

ANEXO RR – Post 41 (P41)

Sp19 comentou isso.

Sp19 via T
23 h · 🌐

Será que essa disposição vai adiante ou é só "fogo de palha"?



Dilma deu primeira entrevista à Record e barrou Bonner no Alvorada. | Os Amigos do Presidente Lula

A primeira entrevista exclusiva de Dilma após reeleita foi concedida à TV Record. A jornalista ADR...

OSAMIGOSDOPRESIDENTELULA.BLOGSPOT.COM

Descurtir · Comentar · Compartilhar

👍 e outras 2 pessoas curtiram isso.

🔗 1 compartilhamento

Sc42 faz parte do caráter intolerante. Daqui a pouco vem o "prendo e arrebeno". Vamos aguardar...
13 h · Editado · Curtir

Sp19 Na minha casa, Bonner também não entra!!!
6 h · Curtir

ANEXO SS – Post 42 (P42)

 Sp34 via UOL
12 h · 

O que tem que ser suspenso é o direito político desse senhor. Quebra de decoro é o mínimo.



Deputado defende que beneficiário do Bolsa Família seja proibido de votar
ELEICOES.UOL.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar

 7 pessoas curtiram isso.

 1 compartilhamento

 Sc43 Absurdo! Já tinha lido sobre, como cogitam uma coisa dessas.
12 h · Curtir ·  1

 Sp34 Não sei, Sc43 . Só sei que há quem se preste a esse papel e há quem diga que tá certo. Infelizmente.
11 h · Curtir ·  2

 Escreva um comentário...  

ANEXO TT – Post 43 (P43)

 Sp35 via R
1 h · 

Eu  a internet.
O desespero da tucanada com a eleição de Dilma!

 **Maria do Bairro - O Drama da Eleição Presidencial 2014**
Soraya briga com todos por não terem votado no Aécio Neves.
YOUTUBE.COM

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 3 pessoas curtiram isso.

 Sc44 Morri hahaha
1 h · Curtir

 Sc45 jajajajajaja, mori de risa...  jajajajaja
[Ver tradução](#)
19 min · Curtir

 Sc46 HAHHAHAHAHAHAHAHA
17 min · Curtir

 Escreva um comentário...  